

**Tecnologias e pessoas mais velhas:  
Importância do uso e apropriação das novas tecnologias de  
informação e comunicação para as relações sociais de pessoas mais  
velhas em Portugal**

**Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação –  
Estudo dos *media* e do Jornalismo**

**Março de 2013**

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à  
obtenção do grau de Mestre em Ciências da Comunicação – Estudo dos  
*Media* e do Jornalismo, realizada sob a orientação científica da Professora  
Doutora Cristina Ponte.

*Aos meus pais queridos que mesmo longe,  
estiveram sempre presentes.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço

Aos meus pais, Lucas e Nilza, o incentivo e o apoio incondicional tornando possível a realização deste trabalho.

Ao meu marido, Fernando, a revisão, o carinho e compreensão ao longo de todos estes meses.

A minha irmã, Eliane, a ajuda e paciência de me ouvir falar apaixonadamente sobre minha pesquisa.

A minha maravilhosa orientadora, Cristina Ponte, a sua disposição, correções e por saber exigir sempre o melhor de mim.

A todos os seniores que participaram neste trabalho e que compartilharam sua sabedoria e experiência.

Ao Media Lab e a Sónia Carrilho pela ajuda na organização dos grupos de foco.

Ao Lar de Idosos do Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas.

À Universidade Sénior de Setúbal.

À Junta de Freguesia de São Francisco Xavier.

**TECNOLOGIAS E PESSOAS MAIS VELHAS:**  
**IMPORTÂNCIA DO USO E APROPRIAÇÃO DAS NOVAS TECNOLOGIAS DE**  
**INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO PARA AS RELAÇÕES SOCIAIS DE**  
**PESSOAS MAIS VELHAS EM PORTUGAL**

**CELIANA AZEVEDO**

## RESUMO

Duas tendências têm afetado a sociedade portuguesa: a evolução e difusão das tecnologias de informação e comunicação - TIC - e o envelhecimento da população, ou seja, a “sociedade de informação” está a envelhecer (Bernard e Phillips 2000). Assim, esta pesquisa analisa a importância do uso das novas tecnologias de informação e comunicação, nomeadamente o computador, a internet e o telemóvel nas relações sociais em um grupo de pessoas mais velhas em Portugal. Como metodologia, utilizamos grupos de foco e trabalhamos com seniores com idades entre 61 e 93 anos, que viviam na região de Lisboa. O nosso objetivo foi entender de que modos as TIC influenciam as relações sociais de pessoas mais velhas. Encontramos uma ligação direta entre as apropriações e usos que estes seniores dão às tecnologias e as suas histórias de vida e diferenças socioculturais. O telemóvel foi maioritariamente visto como indispensável para as relações sociais e uma ajuda no caso de emergência. O computador e a internet foram apontados como benéficos, ajudando a construir novas perceções de tempo e espaço. Portanto, podemos afirmar que a apropriação e uso do telemóvel, do computador e da internet podem influenciar positivamente as relações sociais de pessoas mais velhas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tecnologias de informação e comunicação, sénior, relações sociais, envelhecimento.

## **ABSTRACT**

Two tendencies have been affecting the Portuguese society: the evolution and diffusion of information and communication technologies - ICT - and the aging of the population. Therefore, this research analyses the importance of uses and appropriations of new ICT, namely, the computer, the internet and the cellphone in the relationship of a group of older adults in Portugal. Focus groups were the methodology used, and we worked with seniors with age between 61 and 93 years old, who lived in Lisbon area. Our objective was to understand how the ICT influence the social relationships of seniors. We found that life history and sociocultural differences have a direct influence in how they have been using the technologies. The cellphone was pointed as indispensable for their social life, a help in case of emergency. The computer and the internet were seem as beneficial to society, helping in the construction of new time and space perceptions. As a result, we can assert that the use and appropriation of the cellphone, the computer and the internet influences positively in their social relationship.

**KEY-WORDS:** Information and communication technology, senior, social relation, aging.

# ÍNDICE

Índice .....	i
Índice de Gráficos .....	iii
Índice de Tabelas .....	iv
Introdução.....	1
Capítulo I: Contextualização do tema envelhecimento.....	6
I. 1. Revisão histórica do conceito de envelhecimento .....	6
I. 2. O envelhecimento na agenda internacional.....	8
I. 3. Quando começa a velhice?.....	11
I. 4. Os nomes do envelhecimento.....	16
I. 5. O conceito de Geração na perspetiva do envelhecimento e de identidade geracional.....	20
Capítulo II: Envelhecer em Portugal.....	22
II. 1. Características demográficas do envelhecimento no mundo e em Portugal ..	22
II. 2. As pessoas mais velhas e os <i>media</i> digitais em Portugal .....	27
II. 3. Muito velho para a tecnologia? .....	31
II. 4. O envelhecimento ativo e os desafios do contexto atual .....	34
II. 5. Alguns questionamentos.....	39
Capítulo III: Metodologia .....	41
III. 1. Orientações metodológicas.....	41
III. 2. Caracterização da amostragem.....	44
Capítulo IV: Análise dos resultados.....	50
IV. 1. Histórias de vida .....	51
IV. 2. As condições económicas no passado e no presente.....	52



IV. 3. Regras e resistências .....	55
IV. 4. Novas percepções de tempo e espaço .....	58
IV. 5. Mercado de trabalho, escolaridade e gênero .....	61
IV. 6. As relações sociais. ....	64
IV. 7. As relações intergeracionais .....	66
IV. 8. Aprender para manter-se ativo .....	68
IV. 9. Explorando o não uso das tecnologias. ....	71
IV. 10. A dependência da tecnologia .....	73
Conclusão .....	76
Referências bibliográficas .....	80
Anexo I: Questionário grupo de foco 1 .....	89
Anexo II: Questionário grupos de foco 2, 3 e 4 .....	91
Anexo III: Questionário individual .....	93
Anexo IV: Consentimento informado .....	94
Anexo V: Transcrição do grupo de foco 1 .....	95
Anexo VI: Transcrição do grupo de foco 2 .....	123
Anexo VII: Transcrição do grupo de foco 3 .....	140
Anexo VIII: Transcrição do grupo de foco 4 .....	156

## ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Evolução da população idosa portuguesa, 1960-2050 .....	23
Gráfico 2 - Nível de escolaridade completo em Portugal por grupos etários .....	25
Gráfico 3 - Nível de escolaridade completo na população portuguesa com idade acima de 65 anos, por sexo e local de residência.....	25
Gráfico 4 - Acesso à internet nos agregados domésticos .....	29
Gráfico 5 - Utilizadores de internet por idade .....	29

## ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Idade e género dos participantes nos grupos de foco .....	46
Tabela 2 - Escolaridade dos participantes nos grupos de foco .....	46
Tabela 3 – Características do grupo 1 .....	47
Tabela 4 – Características do grupo 2 .....	47
Tabela 5 – Características do grupo 3 .....	48
Tabela 6 – Características do grupo 4 .....	49

## Introdução

Em 2000, o então Secretário-geral das Nações Unidas, Kofi Annan, disse que metade da população mundial nunca tinha feito ou recebido uma ligação telefónica (Annan 2001). Em 2011, existiam seis biliões de telemóveis em todo o mundo, correspondendo a uma penetração de 86% (ITU 2012), e um terço da população mundial estava *online* (ITU 2012). Portanto, na última década ocorreram “desenvolvimentos nas tecnologias de informação e comunicação sem precedentes, fazendo com que essas tecnologias se tornassem parte indispensável do trabalho, educação, cuidados de saúde, comunicação e entretenimento” das pessoas (Czaja e Lee 2007, 341).

Um outro fenómeno que tem acontecido de maneira “progressiva e rápida é o envelhecimento da população mundial” (UN 2012, 19). Apesar de existirem diferenças entre as várias regiões do mundo, essa realidade tem afetado “quase todos os países” (UN 2012, 20). De acordo com as Nações Unidas (UN 2012), em 1950 existiam em todo o mundo aproximadamente 205 milhões de pessoas com 60 anos ou mais, em 2012 cerca de 810 milhões e as projeções indicam para 2050 um total de 2 biliões para esta mesma faixa etária (UN 2012). Portugal segue nessa mesma linha: em 1960, tinha 708.570 habitantes com 65 ou mais anos (INE 2002), em 2011, os idosos atingiram 2.010.064 (INE 2012) e em 2050 esses números devem chegar a 2.685.400 (UN s.d.). “Se a fertilidade da população continuar a diminuir ou manter-se baixa e a mortalidade das pessoas mais velhas permanecer em queda, a proporção de idosos continuará a aumentar” (UN 2012, 20).

Então, duas grandes tendências têm chamado a atenção para as temáticas idosos e tecnologias: a rápida difusão das tecnologias de informação e comunicação - TIC - e o envelhecimento da população. Pesquisas sobre o uso de tecnologias como o telemóvel, o computador e a internet, assim como o perfil do envelhecimento, estão cada vez mais juntas no debate académico (Chen 2008), pois a sociedade da informação também é a sociedade do envelhecimento (Bernard e Phillips 2000).

Com base nessas transformações, novas áreas no campo de estudos da gerontologia estão a ser exploradas, como as que Coulson (2000) chama de *gerontechnology* ou *geroinformatics* que combinam métodos e instrumentos para conhecer melhor o processo de envelhecimento, bem como o ambiente onde as pessoas envelhecem. Isso acontece porque a “tecnologia está a crescer mais rápido do que a capacidade de entender as suas implicações” (Coulson 2000, 314).

Dados recentes sobre Portugal indicam que, apesar do uso das TIC ter aumentado entre as camadas mais velhas da população, ainda existe uma diferença significativa em comparação com as faixas etárias mais jovens (OberCom 2012). Mesmo que essas desigualdades sejam menos evidentes no caso do telemóvel, há uma distinção expressiva entre os que usam e os que não usam os computadores e internet. Por exemplo, em 2012, somente 5% dos usuários da internet eram portugueses com mais de 64 anos (OberCom 2012).

Com a sociedade em constante mudança, muitos seniores estão em risco de se encontrarem isolados socialmente, com contacto limitado com outras pessoas ou recebendo ajuda social inadequada (Mellor, Firth e Moore 2008). Não ter acesso às tecnologias ou não ser capaz de usá-las pode agravar essa situação e colocar as pessoas mais velhas em desvantagem na capacidade de viverem independentes (Czaja e Lee 2007).

Vários fatores podem contribuir para aumentar o risco de isolamento social. Por exemplo, a saída do mercado de trabalho, mudanças geográficas, a morte de familiares, do marido ou esposa, diminuindo a possibilidade de interagir socialmente. Outras causas também podem ser igualmente significativas: a degradação da saúde, a falta de mobilidade, constrangimentos financeiros ou medos relacionados à segurança (Mellor, Firth e Moore 2008).

O estudo *“Active ageing and solidarity between generations – A statistical portrait of the European Union 2012”* (EC 2012) realizado nos 27 países da União Europeia indicou que 10% das pessoas com 65 anos ou mais sentem-se excluídas da sociedade. Outra pesquisa desenvolvida em Portugal, “Psicologia do Envelhecimento e do Idoso” (Oliveira, *et al.* 2010), concluiu que o isolamento social (estar só mais que

oito horas diárias) aumenta com a idade e que 38,8% daqueles com 65 anos ou mais se encontram nessa situação.

Tais níveis de isolamento social são significativos porque estão ligados a efeitos adversos na saúde e bem-estar. Algumas pesquisas encontraram ligação entre a falta de contacto social e a depressão (Gutzmann 2000), o aumento da pressão arterial (Bower 1997) e o suicídio (Rapagnani 2002). A combinação desses indicadores sugere que é importante identificar e implementar estratégias para estimular a interação social principalmente entre as pessoas mais velhas que estão mais limitadas ao ambiente doméstico (EC 2012). Entre as várias formas de lidar com essa situação, talvez a mais inovadora seja promover o uso das novas tecnologias de informação e comunicação.

Apesar disso, Dickinson e Gregor (2006) acreditam que existe pouca evidência de que o uso dos computadores e da internet, por si só, tenha um efeito positivo no bem-estar das pessoas mais velhas. Segundo os autores, muitos estudos são questionáveis por falhas metodológicas. Para além disso, deixam claro que é importante assegurar que o primeiro contacto dos idosos com essas tecnologias seja feito com precaução e de maneira sistemática e que a tecnologia pode ter efeitos negativos como a possibilidade de isolar fisicamente e demonstrar quão afastados da família os idosos se encontram (Dickinson e Gregor 2006). No entanto, até mesmo entre os mais críticos existe o reconhecimento de que “é difícil negar que os computadores e a internet possuem um potencial para dar suporte a algumas pessoas idosas” (Dickinson e Gregor 2006, 4).

Alguns pesquisadores argumentam que existe uma diferença entre as pessoas que são capazes de usar os novos *media* digitais e as que não são. Prensky (2001) introduziu a ideia de *digital natives* e *digital immigrants*. Ele considerou os jovens como *digital natives* porque nasceram em um ambiente tecnológico e “falam a linguagem” dessas tecnologias. Os que não nasceram no mundo digital, mas que em algum momento de suas vidas se interessaram e adotaram essas tecnologias, são os *digital immigrants*. Loos (2011) questionou a teoria de Prensky e perguntou se realmente existe essa diferenciação tão marcada entre os jovens e as gerações mais velhas.

Outros pesquisadores (Lenhart e Horrigan 2003) introduziram uma perspectiva diferente que chamaram de *digital spectrum*. Aqui, as pessoas são classificadas em vários níveis segundo o uso que dão aos novos *media* dependendo da idade, mas também de outros fatores como género, educação e frequência do uso. Na verdade, há que contrariar a tendência para considerar os idosos como um grupo homogéneo, e reconhecer as diferenças existentes entre eles, chamada por Dannefer (1988) de *aged heterogeneity*.

Portanto, como podemos observar, existe uma grande complexidade em volta da relação *idosos e as novas tecnologias de informação e comunicação*. Considerando o aumento na proporção de pessoas idosas em Portugal, a rápida disseminação das tecnologias nas últimas décadas e o modo como têm influenciado as representações sociais, tentamos contribuir para essa discussão a partir de uma abordagem empírica.

O interesse em estudar esse tema surgiu em 2011 durante o seminário do curso de mestrado *Metodologias de Investigação em Estudos dos Media e do Jornalismo*. Durante as aulas, trabalhamos com um grupo de idosos na recolha de dados para o projeto de pesquisa *Media and Generations*<sup>1</sup> e, posteriormente, publicamos um artigo científico<sup>2</sup> com base nessa experiência. Portanto, esse trabalho despertou a nossa atenção para continuar a pesquisar sobre *media* e idosos portugueses por acreditar que ainda existem muitos aspetos a serem explorados.

A necessidade deste estudo está fundamentada no número reduzido de pesquisas qualitativas que deem conta da realidade dos idosos portugueses e a relação que possuem com as TIC. Também está baseada na carência de entendimento das dinâmicas e das consequências produzidas a partir do uso do telemóvel, computador e internet e de que modo afetam as relações sociais das pessoas mais velhas em Portugal.

Estruturalmente, nosso trabalho foi organizado em quatro partes. Na primeira delas, encontra-se a revisão de literatura sobre o tema envelhecimento. Na segunda falamos sobre o envelhecimento em Portugal. Na terceira parte da dissertação temos a

---

<sup>1</sup> Esse trabalho resultou no artigo científico *Adolescents of the 1960s and 1970s: An Italian-Portuguese comparison between two generations of audiences*, disponível em:

<http://www.cyberpsychology.eu/view.php?cisloclanku=2012081004>

<sup>2</sup> [http://www.revistacomunicando.sopcom.pt/ficheiros/20130107-celiana\\_azevedo.pdf](http://www.revistacomunicando.sopcom.pt/ficheiros/20130107-celiana_azevedo.pdf)

apresentação da metodologia utilizada e do objeto de estudo e na quarta e última parte temos a apresentação e discussão dos resultados.



## **Capítulo I – Contextualização do tema do envelhecimento**

Este capítulo apresenta o enquadramento das questões teóricas básicas que servem de suporte para entender melhor o tema envelhecimento. Assim, abordamos fatos históricos para identificar questionamentos sobre o envelhecimento, que consequências trouxeram para as sociedades contemporâneas e tomamos atenção aos esforços políticos que colocaram o tema do envelhecimento no cenário internacional. Desse modo, ressaltamos a complexidade que rodeia o fenómeno do envelhecimento, pela pluralidade de visões e contradições que existem entre os especialistas.

### **1.1 Revisão histórica do conceito de envelhecimento**

O interesse sobre o envelhecimento tem aumentado nas sociedades contemporâneas, não só por parte da medicina e das ciências sociais, mas também pelas de indústrias, serviços e políticas públicas, pois as pessoas idosas, para além de serem mais numerosas atualmente, passaram a ocupar novos espaços na sociedade. Essa crescente parcela da população vem impulsionando leis, especialidades científicas como a gerontologia e a geriatria, serviços, produtos, assim como inovações tecnológicas específicas para essa faixa etária.

Apesar de somente nas últimas décadas ter existido um interesse sistemático para estudar os fatores relacionados com a velhice e a sua integração na sociedade, precisamente quando a esperança de vida se estendeu devido a melhores condições de saúde e de proteção social, o interesse nos aspetos do envelhecimento vem desde a antiguidade. Escritores e pensadores como Cícero, Shakespeare ou Francis Bacon já revelavam uma perspicaz percepção em relação aos aspetos distintivos das pessoas mais velhas (Netto 2002).

De acordo com Leonard Cain (1959), a geriatria tem uma longa história e desde a publicação de *Gerontocomia* de Gabriele Zerbi, em 1489, que a medicina tem demonstrado um interesse “contínuo e progressivo” na saúde e nas enfermidades relacionadas com o envelhecimento. Em 1867 o médico francês Jean Marie Charcot apresentou o *Estudo clínico sobre a senilidade e doenças crônicas* marcando o aparecimento do primeiro trabalho científico sobre este tema (Junior 2005).

No início do século passado, mais exatamente em 1903, o cientista Elie Metchnikoff apoiou a criação de um novo campo de investigação dedicado exclusivamente ao envelhecimento, velhice e idosos: a gerontologia (designação obtida a partir de *gero*: velhice e *logia*: estudo). Metchnikoff antecipava que esse campo de pesquisa “seria um dos ramos mais importantes da ciência, em virtude das modificações que ocorrem no curso do último período da vida humana” (Netto 2002, 2).

No entanto, segundo Hareven (1995), nesse mesmo período, as ciências médicas demonstraram interesse em criar uma especialidade para tratar das doenças dos idosos e da própria velhice. Assim, a geriatria surgiu em 1909 com a publicação do trabalho do médico vienense radicado nos Estados Unidos, Ignatz Nascher, o primeiro a tentar estabelecer parâmetros clínicos para identificação da velhice (Hareven 1995).

Poucos anos depois, em 1912, Nascher fundou a sociedade de geriatria de Nova Iorque e foi convidado para ser editor da recém-criada sessão de geriatria na revista *The medical review of review* em 1917, o que fez com que fosse considerado pai da geriatria (Netto 2002). Ele também incentivou pesquisas sociais e biológicas (Netto 2002), o que indica que já previa a necessidade de um tratamento mais alargado do fenómeno do envelhecimento.

No início da década de 1930 começaram a ser mais numerosos os trabalhos que hoje fazem parte das ciências do envelhecimento, a que se seguiram associações importantes como a *American Geriatric Society of America* em 1942, a *Gerontological Society of America* e a *Division of Maturity and Old Age* fundadas dois anos mais tarde também nos Estados Unidos (Netto 2002).

Entre os anos 1950 e 1959 foram publicados mais estudos sobre o processo de envelhecimento do que nos 115 anos precedentes. Na década seguinte, os trabalhos científicos aumentaram 270%: “nesse período, cerca de 60% dos trabalhos versavam sobre os processos intelectuais, refletindo a aceitação da ideia de que são fundamentais à adaptação dos idosos (e) esse interesse permanece acentuado até hoje” (Netto 2002, 3).

Nas décadas de 1980 e 1990 desenvolveram-se novas áreas de interesse em respostas às necessidades sociais ligadas ao envelhecimento populacional e à longevidade, como, por exemplo, o apoio a familiares que cuidam de idosos dependentes, os custos dos sistemas de saúde e previdenciário, a necessidade de formação de recursos humanos e de ofertas educacionais e ocupacionais para idosos e pessoas mais velhas (Neri 1991). Em Portugal, a partir de 1999 nota-se um aumento de estudos, que pode ser explicado pela “visibilidade que o tema do envelhecimento demográfico adquire na sequência da proclamação desse ano como o Ano Internacional dos Idosos, pelas Nações Unidas” (Lopes e Lemos 2012, 23).

Portanto, o século XX marcou definitivamente a importância do estudo do envelhecimento em resultado, em parte, do crescimento natural do interesse nos processos da velhice e, ao mesmo tempo, do aumento do número de pessoas idosas, exercendo uma pressão passiva para o desenvolvimento desse campo. Contudo, o envelhecimento não é somente uma questão científica ou demográfica; é também uma questão social e política. Entidades internacionais vêm discutindo esta temática, desenvolvendo políticas, planos e projetos com o objetivo de implementar ações que melhorem a qualidade de vida das pessoas mais velhas em todo o mundo.

## **1.2 O envelhecimento na agenda internacional**

Um dos primeiros esforços para lidar com os desafios do envelhecimento em âmbito mundial surgiu em 1948 quando o Governo da Argentina enviou à Assembleia Geral das Nações Unidas um esboço de uma declaração sobre os direitos dos idosos.

Embora não tivesse sido adotado, o próprio assunto ficou na agenda da ONU e dois anos depois foi produzido um relatório intitulado *Welfare of the aged: old-age rights* (Zelenev 2006).

A atenção sobre as consequências do envelhecimento da população foi renovada em 1969 quando o Governo de Malta propôs a temática na Assembleia Geral das Nações Unidas resultando, no ano seguinte, em um debate sobre as consequências económicas e sociais do envelhecimento (Zelenev 2006). No entanto, essa questão só entrou definitivamente na agenda internacional quando a Organização das Nações Unidas (UN 1978) reconheceu oficialmente a necessidade de chamar a atenção para os problemas relacionados com o aumento da população idosa através da resolução 33/52 de 14 de dezembro de 1978. Esse documento convocava a comunidade internacional para a Assembleia Mundial do Envelhecimento.

Em 1982 a primeira Assembleia Mundial do Envelhecimento realizou-se na Áustria e teve como resultado o *Vienna International Plan of Action on Ageing* (UN 1983). De acordo com Zelenev (2006), as recomendações desse plano foram aprovadas pelos 124 países que participaram na assembleia, juntamente com os órgãos consultivos e legislativos da ONU, e colocaram definitivamente o tema “envelhecimento” na agenda internacional.

Seguiram-se outras datas importantes como a implementação do *Ano Internacional do idoso* em 1999 (UN 1992) com o tema “sociedade para todas as idades”. Dentro desse contexto, a situação das pessoas mais velhas não poderia ser considerada separadamente como até então acontecia. A finalidade era levar em consideração o percurso de vida, desde a infância até à idade avançada, reconhecendo que as pessoas idosas “não fazem parte de um grupo homogêneo e que a diversidade individual intensifica-se com a idade” (WHO 2002, 14).

Em 2002, vinte anos depois da primeira Assembleia, teve lugar em Madrid a *Segunda Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento* (UN 2002). A meta agora era reformular as ações para a realidade do século XXI dando respostas às questões sociais, económicas e demográficas, levando em consideração também as necessidades dos países em desenvolvimento que começavam a enfrentar o processo de envelhecimento da população, já conhecido nos países desenvolvidos.

As questões ligadas às pessoas idosas estavam, nesse momento, voltadas para a promoção e proteção dos direitos humanos e outras questões fundamentais como importância de alcançar um desenvolvimento económico e social sustentável dentro da sociedade. Foi introduzido na Assembleia de Madrid o conceito de *idade ativa* (WHO 2002), bem como a necessidade de promover uma abordagem mais positiva do envelhecimento e de superar estereótipos associados aos idosos (UN 2002).

A partir de então, organizações governamentais e não governamentais, instituições académicas e o setor privado são chamados a desenvolver soluções relacionadas com os desafios do envelhecimento em todo o mundo (Zelenev 2006). Teriam que levar em consideração as rápidas mudanças nos setores da saúde, na globalização, urbanização, família, degradação do meio ambiente, assim como os persistentes desequilíbrios e pobreza, especialmente nos países em desenvolvimento, onde a maioria das pessoas idosas vivem (WHO 2002).

No contexto português, Quaresma (1988, 229) diz que “até ao final da década de 1960 os problemas da população idosa não foram objecto de uma política específica pelo que a protecção social dos indivíduos deste grupo se revela quase inexistente”. Só a partir de 1976, após mudanças políticas, surge um novo modo de gerir a velhice (Veloza 2008), onde a Constituição da República, artigo 63º, determina o direito à segurança social e a obrigatoriedade de definição de uma política referente à população idosa (Quaresma 1988).

Em Portugal, a evolução das políticas sociais de velhice surge, desde logo, condicionada pelo facto de a institucionalização do direito generalizado à reforma, associado à edificação de um sistema de segurança social, só ter ocorrido após a revolução de abril de 1974, em claro desfasamento face aos outros países europeus (Leal 1998).

No início dos anos 2000, de acordo com Cardoso (2012), o volume de medidas de gestão da velhice são mais numerosas, fazendo com que o tema assumia “uma crescente importância ao nível das acções governamentais” (617). A partir de então, assim como vimos no cenário internacional, o Estado português faz uma abordagem

do envelhecimento que remete para resolução de um problema social, em um período da vida marcado por necessidades que estimulam políticas mais específicas.

### **1.3 Quando começa a velhice?**

No campo dos estudos acadêmicos, tem havido esforços no sentido de analisar, problematizar e propor maneiras de compreender o envelhecimento. Assim, a realidade em que os idosos estão inseridos atualmente acaba por levantar discussões e gerar novas interrogações que requerem respostas. No entanto, antes de tudo, devemos tentar entender uma das questões mais básicas: quando começa o envelhecimento?

Não existe nenhum fenômeno físico específico que determine o momento em que uma pessoa passa a ser considerada idosa. Na falta desse marcador, sociólogos, cientistas do comportamento e outros investigadores envolvidos nos estudos de faixas etárias tendem a assumir a idade em que uma pessoa tem direito à reforma como uma linha divisória para diferenciar o adulto do idoso (Roebuck 1979). No entanto, se analisarmos mais de perto quais os critérios para atribuição da reforma, notamos que são “arbitrariamente fixados, mais por fatores socioeconômicos e legais do que biológicos”, como sublinha Netto (2002, 10).

Apesar de terem surgido alguns questionamentos a partir de 1960 que tentaram determinar o que constituía a velhice, o investigador Roebuck (1979) afirmou que muitos estudiosos, principalmente para fins estatísticos, caíam na conveniência de usar a idade de reforma para definir o idoso. A justificativa era a de o Estado ter boas razões para adotar esse parâmetro. Portanto, em nenhum momento existiu uma real consideração com o envelhecimento e suas particularidades.

Até hoje esse critério é utilizado para propósito legal, onde é considerado idoso qualquer a pessoa com 60 anos ou mais nos países em desenvolvimento e 65 nos países desenvolvidos. Essa norma é adotada por agências internacionais como a Organização Mundial da Saúde e a Organização das Nações Unidas, para políticas

sociais que têm como objetivo o envelhecimento e principalmente como bases para fins de censo demográfico. Portugal também usa esse critério, pois de acordo com o INE “consideram-se pessoas idosas os homens e as mulheres com idade igual ou superior a 65 anos, idade que em Portugal está associada à idade de reforma” (INE 2002, 190).

Sergei Zelenev (2006), responsável pela supervisão do *Programme on Ageing* da Organização das Nações Unidas, questiona esse fundamento ao dizer que alguns pontos devem ser clarificados: “uma idade específica – como 60 ou até 65 – representa um limite contemporâneo realístico (ao contrário de uma aproximação puramente estatística) para definir uma certa faixa etária da população como ‘idoso’ ou uma outra norma mais flexível deve ser introduzida?” (612).

O critério cronológico também é empregado em trabalhos científicos devido à dificuldade em determinar a idade biológica. Isso acontece por diversas contradições entre especialistas sobre o começo do processo de envelhecimento: teria início após a concepção, no final da terceira década de vida ou próximo do final da vida da pessoa? Apesar das manifestações da senilidade serem claras, não se pode afirmar que sejam subordinadas exclusivamente ao ato de envelhecer (Netto 2002). Esta particularidade juntamente com a inexistência de marcadores biológicos e fisiológicos eficientes e determinantes do processo de envelhecimento dificultam a indicação de uma idade biológica precisa.

O sociólogo Leonard D. Cain (1959) afirmou que, independentemente da origem e do propósito de usar a idade cronológica como um determinante de velhice, o padrão “65 anos ou mais” como elegibilidade para benefícios de previdência social era socialmente aceitável. Quando a idade cronológica se afirmou mais determinante para os estudos do envelhecimento, os pesquisadores confirmaram a sua ineficácia como método de identificação. Rodrigo e Soares (2006, 4) afirmaram que “devido ao seu caráter instrumental, as categorias de idade são construções culturais e sociais arbitrárias que atendem a interesses políticos de grupos sociais na luta pelo poder”.

Tentar encontrar a fronteira entre idade adulta e a senilidade não é simples. Como considerar velha uma pessoa de 65 anos saudável, produtiva e interessada na vida, enquanto uma outra de 59 anos que se encontra doente, desgastada e

aparentemente envelhecida é indicada como adulta? Assim, a idade cronológica é estabelecida sem levar em consideração fatores biológicos e o grau de maturidade de cada pessoa, por exigências de determinações legais (Rodrigues e Soares 2006).

Gorman (1999) acrescenta mais um complicador à essa discussão, pois diz que apesar do processo de envelhecimento ser uma realidade biológica para além do controlo humano, também é um assunto que depende da interpretação de cada sociedade. Por isso, para definir um idoso não podem ser considerados somente aspetos físicos, deve-se ter também em atenção os valores sociais. O que ele pretende ao referir a relação entre valores sociais e envelhecimento é que o discernimento de quem é idoso varia de acordo com os princípios do grupo onde está inserido. Como nota, em muitas partes do mundo em desenvolvimento, o tempo cronológico tem pouca ou nenhuma importância no significado de envelhecimento, pois outros conceitos socialmente construídos são mais importantes. Em alguns casos, a perda de funções acompanhada do declínio físico são mais expressivos para definir uma pessoa idosa (Gorman 1999).

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (WHO s.d.), a idade de 65 anos, utilizada pelos países ocidentais desenvolvidos para determinar o momento em que uma pessoa passa a ser considerada idosa, não é ideal no caso da África. O *Minimum Data Set Project* (Ferreira e Kowal 2010) desenvolvido por essa organização tem como objetivo fornecer informação baseada em aspetos físicos, psicológicos, sociais e económico das pessoas mais velhas em países que não possuem esses dados. O projeto adotou primeiramente a idade de 60 anos para definir a pessoa idosa no continente africano. Posteriormente, mudou para 50 anos por acreditar ser um padrão mais realista para os países em desenvolvimento, especialmente na África subsariana. Porém, até mesmo esse parâmetro trouxe problemas, pois as definições mais tradicionais no continente africano para a pessoa ser considerada idosa variam entre 50 e 65 anos dependendo do lugar, da região e do país. Uma dificuldade adicional é o fato de muitas pessoas em África não possuírem um registo oficial que determine a data de nascimento (WHO s.d.).



Neri (1991) na sua pesquisa sobre os significados de velhice, critica a tentativa de vários estudiosos de encontrar uma definição limitada e vai mais longe ao dizer que no campo das Ciências Humanas

o que há em relação ao que significa ser velho [...] são opiniões. E muitas. De leigos e profissionais. Se quem responde à questão tiver uma pitada de informação ou de sofisticação intelectual, poderá repetir Simone de Beauvoir (1970), e dizer que o velho [...] vive uma situação de escândalo. Poderá apoiar-se no discurso sociológico para indicar a situação de marginalidade a que o sistema econômico lança seus membros não produtivos; Apoiado num discurso antropológico, nosso informante um pouco mais sofisticado poderá referir-se aos efeitos da urbanização e da industrialização sobre o status do velho, lembrando que em sociedades primitivas, ele merece mais consideração do que nas que viveram ou vivem o processo de modernização (Neri 1991, 32).

Ao falar do conceito de envelhecimento, Salgado (Salgado 1996) afirma que ao longo do tempo as ciências vêm desenvolvendo amplos estudos sobre as etapas da vida, mas não conseguiram encontrar definições que a todos satisfaçam pois, “sempre serão descobertos aspectos não considerados, mais ou menos importantes segundo as diferentes óticas de análise, convertendo as definições em simples aproximações, de caráter absolutamente temporal” (Salgado 1996, 5).

A antropóloga Guita Grin Debert contribuiu para a discussão sobre as representações de velhice ao considerar que “a idade a partir da qual os indivíduos são considerados velhos, a posição social dos velhos e o tratamento que lhes é dado pelos mais jovens ganham significados particulares em contextos históricos, sociais e culturais distintos” (Debert 1999, 8). Notando como a mesma perspectiva orienta a análise das outras etapas da vida, realça como a pesquisa antropológica demonstra que “a idade não é um dado da natureza, não é um princípio naturalmente constitutivo de grupos sociais nem um fator explicativo dos comportamentos humanos” (Debert 1999, 9).

Outro antropólogo e especialista em envelhecimento, Haim Hazan (1994), indica quatro maneiras diferentes de precisar a velhice. A primeira delas é a autodefinição: para ser considerado idoso a pessoa deve reconhecer-se como tal. Uma

outra seria uma definição socialmente construída, composta por várias características que relacionariam uma pessoa à velhice. Apesar de admitir a impossibilidade de uma definição rigorosa, Hazan diz que a sobreposição desses dois atributos sugere uma caracterização social do idoso.

A terceira definição está relacionada com a área científica: idoso é aquele que possui um conjunto de propriedades que podem ser identificadas e medidas. Este ponto está ligado principalmente às ciências como biologia, química, genética e psicologia. No entanto, o autor lembra a dificuldade de ficar restrito à ciência e de não levar em consideração questões sociais. Por último, cita a mais prevalecente de todas as definições, onde pessoa idosa é aquela que tem mais de 60 ou 65 anos de idade.

Portanto, determinar um momento específico em que a velhice se inicia e que, ao mesmo tempo, sirva como padrão para toda uma sociedade é algo que os especialistas têm buscado desde o século XIX (Roebuck 1979). Todas essas teorias relativas ao envelhecimento estão repletas de contradições, conflitos e paradoxos originados no nosso sistema cultural. Essas breves referências em relação ao idoso servem para indicar que a velhice não é um assunto claro, coerentemente definido para análise em condições precisas.

A abordagem da temática do envelhecimento deve incluir análises culturais, políticas e económicas ligadas a valores, preconceitos e sistemas simbólicos da história das sociedades (Rodrigues e Soares 2006). Vale lembrar ainda, que aspetos sociais e culturais tendem a definir a maneira como a sociedade vê o idoso e que tipo de relacionamento mantém com esse segmento da população, visto que a cada geração que surge, novos aspetos e conceitos juntam-se a uma lista já determinada. Assim, os períodos da vida devem ser entendidos como construções sociais que apareceram ao longo da história e não como modelos naturais, sempre existentes.

#### 1.4 Os nomes do envelhecimento

As nomenclaturas do envelhecimento são dispositivos para introduzir ordem na ambígua condição humana, desenhada para dar significado àquilo que não tem significado, para descrever o indescritível, usado como um código de separação para construir uma “parede” ao redor da velhice (Hazan 1994). Quando observamos o processo que rodeia aqueles que envelhecem ao longo da História das sociedades ocidentais, constatamos mudanças de hábitos, imagens, crenças e mesmo nos termos utilizados para identificar essas pessoas. As expressões que se relacionam com o envelhecimento expandiram-se e podem ser compreendidas como resultado de um processo complexo que envolve várias categorias como discursos políticos, práticas sociais, interesses económicos e disciplinas especializadas (Silva 2008).

O aparecimento das categorias etárias está relacionado com o processo de ordenamento social e, de acordo com Hareven (1995), até o início do século XIX nas sociedades pré-industriais, não existia uma separação específica para diferenciar as idades. Só a partir daí começa uma segmentação do curso da vida com a diferenciação dos grupos por idades, marcando a passagem entre as diferentes fases da vida e institucionalizando práticas sociais como o acesso ao sistema educacional, entrada no mercado de trabalho ou direito à reforma. Portanto, o envelhecimento entra no cenário social no período de transição entre os séculos XIX e XX impulsionado pelas descobertas da geriatria e gerontologia que se inclinaram perante o “corpo envelhecido” e os aspetos sociais da velhice, ajudando-a a estabelecer-se como uma categoria social.

Debert (1999) afirma que as décadas de 1960 e 1970 foram as mais marcantes na história da velhice, justificado pela maior notoriedade do discurso gerontológico, como resultado direto do aumento da população idosa. Neste período aparece a categoria “terceira idade” considerada pela literatura especializada, uma das maiores transformações que a velhice passou ao longo da história (Silva 2008). Na verdade, surgiu uma transformação nos valores até então agregados ao envelhecimento: a decadência física e invalidez, o momento de descanso e quietude, a solidão e o isolamento afetivo, deram lugar ao lazer, propício à realização pessoal, à criação de

novos hábitos e habilidades e ao cultivo de laços afetivos e amorosos alternativos à família. Rémi Lenoir (1979, 57) diz que a “invenção de ‘terceira idade’, esta nova fase do ciclo da vida que se ajusta entre a reforma e a velhice, surge em consequência do modo de gestão da força de trabalho e da generalização do sistema de pensões”.

Em Portugal, a expressão “terceira idade” foi utilizada oficialmente pela primeira vez em 1976 em um Decreto-lei e também incorporada nesse ano na Constituição da República (Cardoso, et al. 2012). No entanto, atualmente não existe nenhuma definição particular oficial em Portugal para fazer referência às pessoas mais velhas: “quanto às designações, são utilizadas indiferentemente, *peessoas idosas* ou *com 65 e mais anos*, dado não existir nenhuma norma específica a nível nacional” (INE 2002, 190).

Dentro desse novo contexto, a palavra velho já não é adequada para qualificar estes “jovens senhores” e o seu novo estilo de vida. Aparece então o termo “idoso”, que passa a ser utilizado primeiramente em textos oficiais, com o objetivo de dar às pessoas envelhecidas maior respeito (Peixoto 1998) e depois torna-se um termo popular, de uso generalizado. “Velhice” e “terceira idade” apresentam significados bastante diferentes referindo-se a formas de existência distintas relacionadas a uma fase mais avançada da vida.

Portanto, “terceira Idade” constitui um segmento geracional dentro do universo de pessoas consideradas idosas, ou seja, são os “velhos jovens” com idade entre sessenta e oitenta anos (Rodrigues e Soares 2006). Os indivíduos com oitenta anos ou mais passaram a constituir a “quarta idade”, os “velhos velhos”, essa sim, identificada com a imagem tradicional da velhice. Os autores destacam ainda que as pessoas com sinais de decrepitude e senilidade não podem ser incluídos na categoria de terceira idade.

A velhice, de acordo com a gerontologia, é entendida com base em dois pontos: senescência ou senectude e senilidade (Meassi 2008). A senescência é o resultado de alterações orgânicas, funcionais e psicológicas naturais do envelhecimento, enquanto que senilidade é caracterizada pelo declínio físico provocado por determinadas doenças que afetam as pessoas idosas (Netto 2002). Apesar de não existir um exato limite entre as duas condições, entende-se que a primeira definição é tida como

natural e algo positivo, ao passo que a segunda possui uma conotação negativa ligada à doença e à dependência, características da pessoa senil.

No imaginário social, o ser “velho” está ligado à noção tradicional de envelhecimento associado ao final de vida, exclusão da rede produtiva, estagnação e perdas de capacidades que levam à rutura e ao isolamento social. Chamar alguém de velho não é uma decisão consciente, mas parte de um processo cultural complexo relativo à linguagem. Um sistema que funciona como um dispositivo da construção da realidade, estabelecendo limite para um universo imaginário, associando conceitos, mitos, símbolos através da comunicação (Hazan 1994). A imagem de uma mulher velha nas histórias infantis pode exemplificar bem esse processo: geralmente é uma bruxa, uma avó ou alguém pobre, frágil e degradada. Essas três diferentes imagens demonstram bem como nossa cultura reflete a percepção que temos do envelhecimento.

Existem estudos e investigadores que dividem o envelhecimento em categorias bem marcadas, principalmente para fins demográficos (J. Oliveira 2005): “velhos jovens” (60-69 anos), “velhos de mais idade” (70-79 anos), “velhos velhos” (80-89 anos) e “velhos muito velhos” (a partir dos 90 anos).

Outros, como a investigadora Bernice Neugarten (1987), fazem uma interpretação diferente das segmentações etárias do envelhecimento, pois não se referem a nenhuma idade precisa, mas sim, a características específicas para que possam ser incluídos em cada segmento. Para a autora, um “jovem idoso” (young-old) pode ter 55 ou 85 anos e nesse grupo estariam incluídos as pessoas reformadas, saudáveis, financeiramente prósperas, politicamente ativas e integradas em suas famílias e na comunidade. Para Neugarten, os que antes eram considerados idosos, vulneráveis e com necessidade de cuidados especiais, passaram a caracterizar somente uma pequena parte deste segmento da população: “velhos velhos” (old-old).

Existe uma falta de consenso para a atribuição de designações relativas às pessoas idosas. Como exemplo, temos o estudo *Idade e Atitudes* conduzido pela Comissão das Comunidades Europeias em 1992 (INE 2002). O objetivo foi reforçar a necessidade da atualização do significado da expressão “terceira idade” devido à sua desadequação à realidade atual nos países europeus. Isto ocorreria em consequência

do aumento da esperança de vida, propondo que “terceira idade” corresponda apenas ao grupo dos 50-74 anos e, uma nova designação de “quarta idade”, para os que possuam 75 anos ou mais (INE 2002).

Os idosos responderam ao questionário sobre como cada um gostaria de ser tratado e a análise do inquérito permite observar uma heterogeneidade de respostas (INE 2002). A expressão “pessoas mais velhas” foi a mais admitida pelos países que constituíam naquele momento a União Europeia. Essa também é a designação preferida pelos idosos do Sul da Europa, onde estão incluídos os portugueses, entretanto, os italianos escolheram “pessoas de idade”.

Em países como Reino Unido e Alemanha a expressão “cidadãos seniores” foi a preferida, enquanto os franceses e os belgas preferiam “reformados”. De acordo com o estudo, a designação “os mais velhos” foi rejeitada por quase todos os países, apesar de ser a mais utilizada por políticos, gerontologistas e pelos *media*. (INE 2002).

A emergência associada à segmentação das etapas do envelhecimento, com suas nomenclaturas e expressões, é importante porque nos faz perceber a multiplicidade de características que são inerentes ao ser humano. No entanto, Debert (1997) diz que seria ilusório pensar que esse processo classificatório vem acompanhado de atitudes mais tolerantes em relação às idades. Segundo a autora, a característica mais marcante é a valorização da juventude que está associada a valores e a estilos de vida e não especificamente a um grupo etário.

É possível especificar a fronteira entre velhice e terceira idade, entre o velho e o idoso. Um limite construído por um processo complexo da gestão do envelhecimento que passa por momentos históricos, as descobertas da geriatria, o discurso da gerontologia, os movimentos políticos e sociais e outros tantos interesses distintos. Mas vale lembrar que o conceito de “terceira idade” não substituiu a velhice, ambas coexistem no imaginário cultural contemporâneo. Para chegar a essa conclusão basta olhar a realidade nas sociedades e ver que o preconceito não desapareceu e que muitas pessoas envelhecidas ainda se identificam como velho, pobre, doente e marginalizado.

## 1.5 O conceito de Geração na perspectiva do envelhecimento e de identidade geracional

Como esta pesquisa tem como alvo principal uma faixa etária específica da população portuguesa, ou seja, pessoas com mais de 60 anos, achamos importante falar sobre o conceito de geração, pois uma dificuldade científica primária quando tentamos entender o que significa ser idoso, é também ter a capacidade de distinguir entre as consequências da idade, por si só, e a geração a que se pertence. Segundo Hagberg (2012), isso é especialmente importante quando nos interrogamos se o *digital divide* (Prensky 2001) irá desaparecer quando as gerações mais novas envelhecerem e se tornarem idosos.

Para entendermos a definição de geração devemos considerar duas perspectivas distintas, mas que muitas vezes estão sobrepostas (Loos, Haddon e Mante-Meijer 2012):

1. Geração entendida como um *período específico da vida*, como por exemplo estar reformado;
2. Geração entendida como uma *faixa etária*, que indica que todas as pessoas nascidas durante dois períodos de tempo específicos pertencem a uma geração também específica.

No entanto, Edmunds e Turner (2005) dão uma definição mais complexa ao afirmarem que geração é “an age cohort comes to have social significance by virtue of constituting itself as cultural identity” (561), onde características biográficas, históricas e culturais coexistem entre si desenvolvendo hábitos de consumo específicos (Aroldi e Ponte 2012) .

Portanto, pessoas pertencentes a uma mesma geração partilham muito mais que a idade, na verdade “vivenciaram os mesmos eventos históricos e condições socioculturais durante seus anos formativos” - infância, adolescência e início da idade adulta (Aroldi e Colombo 2007, 37). Um sentido do “nós”.

Experiências individuais podem ser compartilhadas e identificadas por indivíduos que nunca se conheceram, mas que presenciaram situações semelhantes,

mesmo que em diferentes contextos. Características sociodemográficas também devem ser levadas em consideração como é o caso do gênero, educação, capital cultural, condições económicas e mesmo geográficas (C. Azevedo 2012).

Uma geração se reconhece como tal, quando é capaz de produzir um discurso semelhante compartilhado entre seus membros. Não é simplesmente crescer juntos, mas também, de maneira espontânea, observar que o outro interpreta e articula determinados tópicos de uma maneira similar (Corsten 1999). O que é definido aqui é o conceito de semântica geracional entendida como “recursos, modelos de interpretação, princípios, avaliações e dispositivos linguísticos de forma que uma experiência partilhada é tematizada e traduzida em discursos do cotidiano” (Aroldi e Colombo 2007, 37).

Geração é um fenómeno social que representa nada mais do que um tipo particular de identidade, que abraça grupos etários relacionados e incorporados em um processo histórico-social (Mannheim 1952, 304). Mannheim define unidade geracional como algo que representa “muito mais um vínculo concreto do que uma geração por si só. Jovens que experimentaram os mesmos problemas históricos específicos, talvez possam ser reconhecidos como parte da mesma geração”. Enquanto grupos dentro de uma mesma geração que interpretam experiências comuns de modos diferentes, constituem unidades geracionais separadas.

Pessoas que partilharam um mesmo conteúdo mediático formam consciências individuais que atuam como formas de socialização e que definimos como *Gestalt*: uma maneira peculiar de perceber, interpretar e avaliar situações sociais, históricas e fenómenos culturais (Aroldi e Colombo 2007).

Além de diferenças que poderiam ser explicadas por escolhas pessoais e opções de estilo de vida, há um fundo comum resultante do fato das pessoas compartilharem o mesmo ambiente cultural, social e histórico além de terem experiências relacionada com os *media* muito semelhantes, através do consumo de seus conteúdos e acesso à tecnologias. Os *media* possuem diferentes papeis, em diferentes momentos na construção social de uma identidade partilhada e estes papeis são seriamente afetados por muitas variantes, porém ambas socioculturais e tecnológicas (Aroldi 2011).



## **Capítulo II – Envelhecer em Portugal**

Neste capítulo, centramos nossa atenção na contextualização demográfica da população idosa, com foco em Portugal, cuja intenção é traçar um perfil desse grupo etário e saber que lugar essas pessoas ocupam na sociedade portuguesa.

Alguns estudos indicam os efeitos da evolução dos meios de comunicação para independência, bem-estar psicológico, e consequente qualidade no processo de envelhecimento (Xie 2003). Assim, mais adiante, discutimos aspetos mais específicos relacionados com os objetivos deste trabalho, ou seja, estudos desenvolvidos em Portugal que tratam das pessoas mais velhas e as suas relações com as novas tecnologias de informação e comunicação. Também dentro desse mesmo contexto, discutimos como o atual cenário económico e social em que Portugal se encontra tem desafiado o conceito de envelhecimento ativo.

### **2.1 Características demográficas do envelhecimento no mundo e em Portugal**

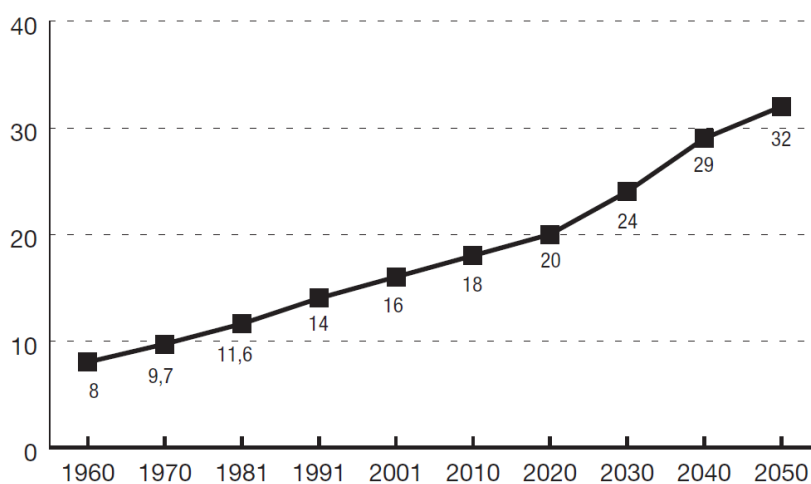
Não há praticamente trabalho sobre as questões do envelhecimento que não comece por fazer referência a importância das características demográficas. Esse fato pode ser explicado pelos efeitos sociais, económicos, políticos e culturais que derivam da alteração dos padrões demográficos, um processo que Kofi Annan chamou de “revolução silenciosa” (UN 2002).

Silenciosa ou não, a partir do século XX muitas regiões do mundo conseguiram um aumento significativo no número de pessoas idosas, graça à combinação de fatores como gestão das taxas de natalidade, melhorias em nutrição e cuidados básicos de saúde. O evento do envelhecimento é causado por uma transformação demográfica, “com a passagem de um modelo de fecundidade e mortalidade elevados para um

modelo em que ambos atingem níveis baixos, originando a redução de efectivos populacionais jovens e acréscimo de efectivos populacionais idosos” (INE 2002, 188).

De acordo com as Nações Unidas, em 1950 existiam em todo o mundo aproximadamente 200 milhões de pessoas com 60 anos ou mais; em 1975 esse número passou para 350 milhões; hoje existem cerca de 810 milhões e as projeções indicam 2 biliões em 2050 para essa mesma faixa etária (UN 2012). O aumento no número e na proporção de pessoas idosas é também acompanhado por uma mudança no equilíbrio da idade da população. Segundo o mesmo documento, em 2050 o número de pessoas idosas irá ultrapassar o de crianças (0-14 anos) pela primeira vez na história mundial. Em Portugal, esse cenário já é uma realidade desde 1999, quando passou a existir uma superioridade numérica, em valores relativos e absolutos, da população de idoso sobre a população jovem (INE 2002).

**Gráfico 1:** Evolução da população idosa portuguesa, 1960-2050 (em % da população total)



Fonte: INE, Estimativas anuais da população residente, 1960-2050

De acordo com os Censos 2011 (INE 2011), Portugal apresenta um quadro de envelhecimento demográfico bastante acentuado com um índice de população idosa (pessoas com 65 e mais anos) de 19%, uma população jovem (pessoas com 14 anos ou menos) de 14,8% e esperança média de vida à nascença de 79,2 anos. Em termos numéricos, a população idosa residente em Portugal é de 2,023 milhões de pessoas. Se

compararmos esse valor relativo com os encontrados nas décadas anteriores, fica mais evidente quão ascendente é o envelhecimento português: em 2010 (18%) e em 1960 (8%).

A população idosa, em si, também está a envelhecer. Atualmente, em todo o mundo, o segmento da população com 80 anos ou mais constitui 14% daqueles acima dos 59 anos e as projeções indicam que em 2050 corresponderão a 20%. O número de centenários (pessoas com 100 anos ou mais) também tem aumentado e é esperado que passem de 343.000, em 2012, para 3.2 milhões, em 2050 (UN 2012).

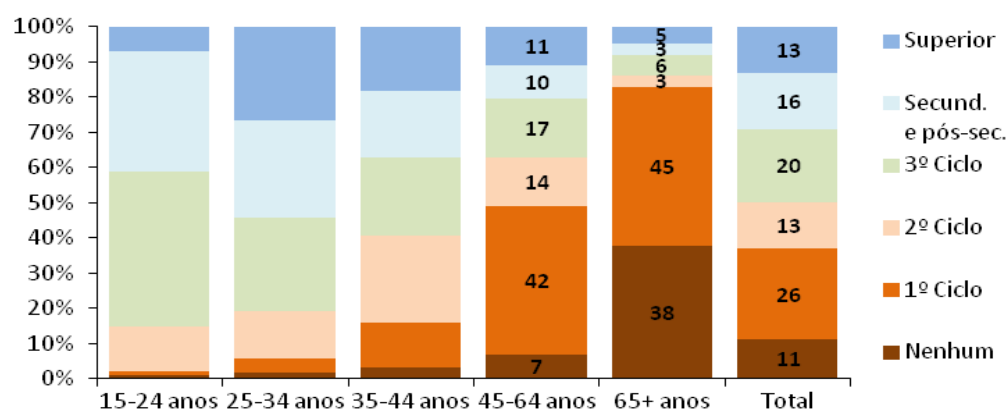
Em Portugal, também no grupo das pessoas mais velhas, verifica-se um aumento: os indivíduos com 70 anos ou mais representavam 11%, em 2001, e passaram a 14% em 2011 (INE 2011). Dados publicados pela Nações Unidas (UN s.d.) apontam para a existência, em Portugal, de 300 pessoas com 100 ou mais anos e prevê que em 2025 esse número chegue a 1.800.

O aumento do número de idosos em Portugal está presente na generalidade de seu território: “o envelhecimento das populações deixou de ser um fenómeno dos municípios do interior e alastra-se a todo território” (INE 2011). A distribuição dessa parcela da população pelo país é similar às outras faixas etárias. Portanto, na região Norte encontra-se 31% do total da população idosa, seguido das regiões Centro e Lisboa com aproximadamente 26% cada. Nas demais regiões do Alentejo, Algarve, Autónomas da Madeira e dos Açores estão localizados 9,1%, 4,4%, 2% e 1,6% dos idosos residentes no país, respetivamente (INE 2011).

Quanto à escolaridade, são os idosos aqueles que apresentam os níveis mais baixos. Os dados divulgados pelo INE em 2011 demonstraram que 38% dos portugueses com 65 anos ou mais de idade não possuem qualquer nível de instrução, 45% completaram o 1º ciclo e somente 5% possuem nível superior (INE 2012). Com relação ao género também verifica-se diferenças significativas: a percentagem de mulheres idosas que não possuem qualquer nível de escolaridade completo é quase o dobro dos homens na mesma faixa etária. Relativamente ao envolvimento em atividades educativas, apenas 1,2% dos homens e 1,4% das mulheres com idade entre 50 e 74 anos afirmaram ter participado nesse tipo de prática nas quatro semanas

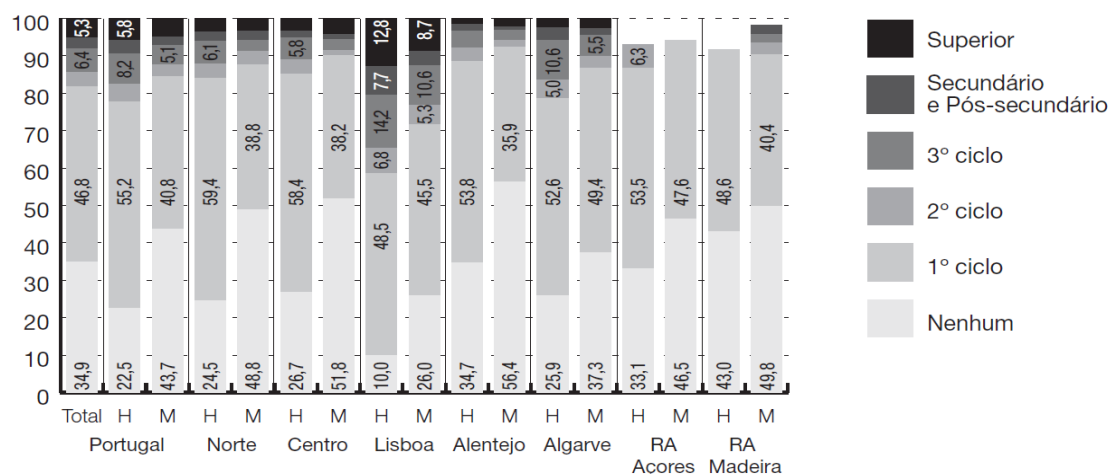
anteriores à pesquisa (EC 2012). Esses valores representam 1/3 dos índices encontrados em outros países da União Europeia.

**Gráfico 2:** Nível de escolaridade completo em Portugal, por grupos etários, 2011.



Fonte: INE 2012

**Gráfico 3:** Nível de escolaridade completo da população portuguesa com idade acima de 65 anos, por sexo e local de residência, 2011.



Fonte: INE, Inquérito ao Emprego 2011

Existe uma “feminização” do envelhecimento português com a presença maioritária de mulheres (58%) em relação aos homens (42%) no grupo etário das

peessoas mais velhas. De acordo com os números apresentados pelo INE, em 2011, as mulheres com idade acima dos 64 anos representam 21,2% da população, ao passo que os homens representam 16,7%. A diferença entre os géneros diminui na medida em que envelhecem, embora a superioridade feminina permaneça: 11% da população portuguesa é composta por mulheres idosas e 8% por homens idosos, ou seja, em 2011, para cada 100 mulheres, havia 72,4 homens.

Também existe uma diferença entre género quando falamos do mercado de trabalho. Em Portugal, no ano 2010, os idosos que desenvolviam alguma atividade laboral correspondiam a 9,6%, sendo 6,5% das mulheres e 14,3% dos homens (UN s.d.). A atividade económica está cada vez mais presente entre os mais velhos e se comparamos os anos de 1999 e 2001, constamos que a população ativa com 65 anos ou mais cresceu 64% (INE 2002).

Segundo os últimos dados divulgados pelo INE, 60% da população idosa vive só (400.964) ou em companhia exclusiva de pessoas também idosas (804.577). Esses números refletem um fenómeno cuja dimensão vem aumentando ao longo da última década. Com base nas informações divulgadas no Inquérito Nacional de Saúde (INE e INSA 2009) verificamos que existe uma maior frequência de provável *sofrimento psicológico* com o aumento da idade. As pessoas com idades acima dos 55 anos demonstraram índices mais elevados, principalmente a faixa etária entre os 65 a 74 anos (40,8%) e 75 a 84 anos de idade (42,5%). Também prevê-se que o crescimento da população idosa, influencie o índice de dependência<sup>3</sup>, passando de 29, em 2011, para 57.2, em 2060.

Um outro aspeto importante é a violência contra pessoas idosas, principalmente no caso das mulheres. De acordo com os dados disponíveis (Luoma, *et al.* 2011) 39,4% das mulheres com 60 anos ou mais em Portugal que participaram do inquérito afirmaram ter sido vítimas de violência nos doze meses anteriores à pesquisa. O principal tipo de violência identificado foi a emocional ou psicológica (uma em cada três mulheres idosas). Formas mais graves de violência foram constatados principalmente entre as mulheres com 80 ou mais anos.

---

<sup>3</sup> O índice de dependência corresponde ao total dos indivíduos dependentes (crianças com idade inferior a 15 anos e idosos com idade superior a 64 anos) sobre o total da população com idade compreendida entre os 15 e os 64 anos.

Ao analisarmos as condições de vida e os indicadores de pobreza das pessoas com 65 anos ou mais em Portugal, constatamos que são os mais vulneráveis à condições de pobreza e à exclusão social, pois “estão socialmente marginalizados e em sua maioria, usufruem de rendimentos que se situam abaixo do limiar de pobreza” (INE 2002). De acordo com os dados do Inquérito às Despesas das Famílias (INE 2012) as condições de vida do idoso refletem piores resultados se comparadas com a média da população.

Verifica-se que, globalmente, a presença de pelo menos um indivíduo idoso influencia negativamente no rendimento das famílias. Por exemplo, o rendimento anual médio por adulto em famílias que possuam dois adultos, equivalente a 14.343€, aumenta para 15.744€, no caso de ambos os indivíduos terem menos de 65 anos, mas diminui para 13.626€ quando um dos indivíduos é idoso e para 12. 846€ no caso de ambos serem idosos (INE 2012).

## **2.2 As pessoas mais velhas e os *media* digitais em Portugal**

O envelhecimento é um processo que envolve muitas fases como o fim da vida profissional, mudanças para lares de acolhimento ou a viuvez. Alguns desses processos ocorrem de maneira inesperada, mas outros acontecem de forma gradual e contínua como é o caso da deterioração da saúde. Apesar dessas alterações serem normais nesse período da vida, vêm sempre acompanhadas de stresse e requerem um longo período de adaptação (Kleider 1999). Dentro desse contexto, o desenvolvimento das tecnologias digitais trouxeram novas oportunidades para as pessoas mais velhas lidarem com essa realidade.

No entanto, muitos dos seniores não têm acesso ao mundo virtual e dessa forma, não podem aproveitar os seus benefícios. De um modo geral, a percentagem de internautas com 60 anos ou mais é consideravelmente mais baixa se comparada com faixas etárias mais jovens (Khvorostianov, Elias e Nimrod 2012). De acordo com o estudo *Digital lifestyles: Adults aged 60 and over* divulgado pelo Office of

Communications – Ofcom - (2009), realizado em 2008 no Reino Unido, “comparado com a população adulta, as pessoas com 60 anos ou mais têm menor probabilidade de viverem em lares com televisão digital e internet e usar com regularidade as vantagens dos novos media”.

Outras pesquisas indicam que somente 20% a 40% de pessoas acima dos 60 anos utilizam a internet e entre esses usuários, encontram-se principalmente pessoas com alto capital cultural e financeiro (Boulton-Lewis, *et al.* 2007; Pew Internet & American Life Project 2010). Outros fatores, como preço dos computadores, medo da tecnologia, falta de habilidade técnica e dificuldades em ler as pequenas palavras no ecrã ajudam a justificar esse percentual (Xie 2007).

A inferioridade dos idosos no mundo digital pode trazer consequências pessoais, pois essa frágil literacia mediática entre as pessoas mais velhas faz com que, muitas vezes, se sintam deixados para trás, não pertencentes ao mundo moderno e consequentemente, menos desejáveis como força de trabalho (Khvorostianov, Elias e Nimrod 2012).

Entretanto, o número de pessoas na terceira idade que acedem à internet tem crescido nos últimos tempos. Esse grupo tem muitos membros com consideráveis condições financeiras e vêm se tornando cada vez mais conscientes das potencialidades das novas tecnologias. Utilizam esta ferramenta principalmente para comunicar, como fonte de informação (saúde, medicina), para lazer e para auxiliar na execução de serviços (compras, planeamento de viagens, organização financeira) (Nimrod 2010; Pew Internet & American Lifeproject 2004).

Alguns trabalhos desenvolvidos em Portugal permitem-nos avaliar o uso dos *media* digitais entre as diferentes faixas etárias e entender o acesso das pessoas mais velhas às tecnologias. De acordo com o estudo “A Internet em Portugal 2012” (OberCom 2012), o acesso doméstico à internet em Portugal continua a crescer, como vemos no gráfico abaixo:

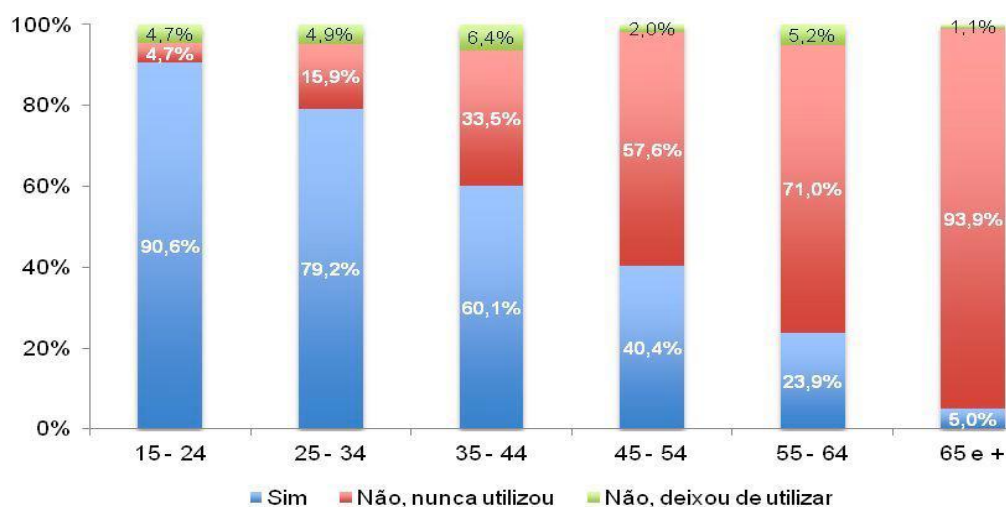
**Gráfico 4:** Acesso à internet nos agregados domésticos, 2010 / 2011 (%).



Fonte: OberCom 2011 (N=1250)

A pesquisa “A Internet em Portugal 2012” (Obercom 2012) também determinou a diferenciação do uso da internet por faixa etária, onde o maior percentual de internautas se localiza entre os mais jovens com idade que vai dos 15 aos 24 anos (90,6%), seguido pela categoria dos 25 aos 34 anos (79,2%). Entre as pessoas com idade de 55 a 64 anos, somente 23,9% dizem aceder a internet regularmente e este número cai para 5% se consideramos somente aqueles indivíduos com 65 anos ou mais.

**Gráfico 5:** Utilizadores de internet, por idade (%).



Fonte: OberCom 2011 (n=1250)



A utilização de internet segue a mesma tendência quando analisamos a escolaridade. A utilização de internet é próxima da totalidade em três categorias do percurso escolar: ensino médio e superior não concluída (95,8%), curso médio ou politécnico concluído (95,7%) e com diplomas universitários – licenciatura, mestrado, doutoramento (96,9%) (OberCom 2012). Levando em consideração que os seniores portugueses possuem uma baixa escolaridade, esse é mais um fator que ajuda a justificar o não uso da internet por parte dos idosos. Por ocupação, os resultados desse inquérito realizado em Portugal verificam que a maior concentração de internautas encontra-se entre os quadros superiores (100%), profissionais liberais (100%), profissões técnicas, científicas e artísticas (98%), estudantes (97,4) e empregados de escritório (90,2%). Na categoria dos não ativos, composta por reformados e pensionistas, é de 9,2%, confirmando a inferioridade numérica dos seniores em Portugal.

Esse relatório também aponta a principal razão para a não utilização da internet como falta de interesse ou a ideia de que a internet não é útil (38,9%). O segundo maior motivo é a iliteracia digital (34,9%), seguido da falta de acesso ao computador ou internet (9,1%) e também fatores económicos relacionados ao custo elevado (8,5%). Apesar dessas razões mostradas acima não estarem especificadas por faixa etária, podemos verificar uma concordância com estudos internacionais que apontam os principais motivos pelo qual os idosos não acedem à internet. Pesquisadores (Khvorostianov, Elias e Nimrod 2012) observaram que apesar do desenvolvimento da tecnologia, poucos seniores aproveitam seus benefícios, pois não possuem conhecimento suficiente para seu uso.

Estudos do Instituto Nacional de Estatística (2009) revelam dados sobre o uso do computador, internet e telemóvel mostrando bem a diferenciação da utilização entre faixas etárias. De acordo com Ponte (2010), esse trabalho evidencia que são as crianças e jovens com idades entre 10 e 15 anos aqueles que mais fazem uso desses meios de comunicação digitais. No escalão seguinte, com pessoas com idade entre 16 e 24 anos, não é muito diferente: computador (98,6%), internet (87,4%) e telemóvel (97,1%). A partir dos 25 anos de idade, se o acesso aos computadores e à internet cai

vertiginosamente, o decréscimo do telemóvel é menos evidente entre a população acima dos 65 anos: Computador (6,1%), internet (5,2%), telemóvel (51,3%).

Segundo esses estudos, podemos verificar que são os idosos portugueses aqueles que têm mais dificuldade em aceder à internet. Apesar desses números relativos aos idosos estarem abaixo da média europeia, essa tendência está de acordo com os números relacionados aos demais países europeus. Mortari (2011, 2) cita que “no final de 2006, continuavam a observar-se disparidades significativas entre o grosso da população da EU-27 (45% são utilizadores regulares da internet) e alguns grupos, nomeadamente pessoas com mais de 65 anos (10% de utilizadores da internet)”.

### **2.3 Muito velho para a tecnologia?**

A partir de trabalhos desenvolvidos em Portugal, podemos chegar a conclusões relativas à utilização de tecnologias de informação e comunicação por parte dos idosos. Também averiguamos que, entre a população, são os idosos aqueles que têm mais dificuldades em aceder a estas tecnologias e que fatores como a escolaridade, podem influenciar no acesso.

A pesquisa intitulada *Too old for technology? How the elderly of Lisbon use and perceive ICT* foi realizada com 500 pessoas com idade acima dos 64 anos (Neves e Amaro 2012). Esse trabalho foi desenvolvido apenas na capital portuguesa e, portanto, não representa o restante do país. Lisboa tem uma população de idosos (18,4%) inferior a média nacional (19,1%), mas possui índices mais altos de número de computadores e uso da internet: em 2011, 71% dos agregados residentes nesta região têm acesso a computadores, 68% dispõem de acesso à internet, ao passo que a média nacional é de 63,7% e 58%, respetivamente (INE 2011). Apesar dessas diferenças, esse trabalho permitiu-nos entender melhor a relação que esta parcela da população tem com as tecnologias de informação e comunicação, nomeadamente telemóveis, computadores e a internet.

Ainda que os homens usem mais os telemóveis, computadores e internet, esse estudo conclui que o género não é significativamente relevante para explicar o uso e o não uso dessas tecnologias. A maioria dos respondentes (72,4%) afirmou possuir e fazer uso dos telemóveis, mas analisando esses resultados proporcionalmente ao género, 71% das mulheres e 74,5% dos homens possuíam telemóveis.

No que diz respeito aos computadores, 13,2% dos respondentes disseram fazer uso pelo menos uma vez por semana: 11,3% de mulheres e 16% dos homens. Em referência à internet, a taxa é de 9,8% de usuários e sendo 9% das mulheres e 11% dos homens estão *online*. Portanto, esses números mostram que não há uma diferença significativa entre homens e mulheres no que diz respeito à essas tecnologias.

No entanto, através dos resultados desse estudo (Neves e Amaro 2012) o fator Educação é considerado de particular importância para caracterização da amostragem, ou seja, para explicar a baixa taxa de adoção de tecnologias entre os seniores comparativamente a outras faixas etárias, principalmente em relação aos computadores e à internet. De acordo com a amostragem, 43,4% dos utilizadores dos computadores e 53,1% dos utilizadores da internet possuem curso superior completo. Para entender melhor, devemos mencionar que das 500 pessoas inquiridas, somente 50 possuíam curso superior. Assim, é evidente que a escolaridade tem uma forte influência no consumo dos computadores, apesar de não ser significativa no caso dos telemóveis.

Diferentemente da pesquisa citada acima, o estudo “O uso das tecnologias digitais entre seniores” (Dias 2012), desenvolvido em Lisboa, Porto e Coimbra e que incidu sobre uma população de 91 indivíduos com idade acima de 54 anos, afirma existir uma relação entre a idade e o género dos idosos portugueses no que diz respeito ao uso de algumas tecnologias da informação e comunicação (computador, internet e telemóvel). Segundo os resultados desse trabalho 52,9% das mulheres com mais de 66 anos dizem nunca ter usado a internet, enquanto somente 11,8 % dos homens na mesma faixa etária encontram-se nessa categoria.

Inclusivamente o estudo conclui que “este resultado exige que estejamos atentos ao ‘género’ da inclusão/exclusão digital nesta fase do ciclo da vida humana” (Dias 2012, 74) e que se deve promover a utilização as novas tecnologias entre os

seniores portugueses, sobretudo entre as mulheres idosas que manifestam níveis mais baixos de interesse.

Outra pesquisa foi desenvolvida em Lisboa e Porto (I. Oliveira, 2011) com 82 pessoas com idade superior a 55 anos. Dessa amostragem, 70,7% diziam ser utilizadores da internet. Como quase metade vivia só, o autodidatismo (24%) foi predominante para aprender a usar a internet, enquanto apenas em 2,4% dos casos verificou-se uma aprendizagem num contexto formal, com ajuda de um professor.

Os serviços utilizados com maior frequência são aqueles miméticos pré-internet, ou seja, o e-mail (61 %) imita o correio postal, ver informação sobre política, economia, etc. (28%) imita a consulta de jornais, aceder a material para elaborar trabalhos (18%) imita o acesso a livros e enciclopédias. De acordo com os resultados, Oliveira (2011) diz que “todos os serviços que implicam uma mudança na lógica de uso e/ou na linguagem têm um índice de frequência de utilização baixo (menos de 10%)”.

A pesquisa empírica “O idosos e as TIC – competências de comunicação e qualidade de vida” (Pereira e Neves 2011) foi realizada em Vila Nova de Gaia com 14 seniores, com idades entre 65 e 77 anos. De acordo com os resultados da investigação, concluímos que a utilização do computador e da internet diminui a solidão, aumenta o acesso à informação, assim como a frequência da comunicação com familiares e amigos e por conseguinte, a qualidade de vida dessas pessoas. Os autores entenderam que “a utilização das tecnologias de informação e comunicação oferece ao idoso mais autonomia, maior bem-estar e integração social e, por conseguinte, maior índice de felicidade”.

Em concordância com Pereira e Neves (2011) estão estudos internacionais que apontam para a mesma conclusão. Um deles, realizado na Nova Zelândia, concluiu que a atitude dos idosos em relação à tecnologia é, na maioria dos casos, positiva e contribui para diminuir a solidão (Xie 2003).

A maioria das pesquisas explora a relação entre as pessoas mais velhas e as tecnologias de informação e comunicações individualmente, como vimos nos trabalhos acima mencionados (Xie 2003). Aqueles que exploram a relação que os idosos possuem com a comunidade e com outras estruturas sociais são menos conhecidos.

## 2.4 O envelhecimento ativo e os desafios do contexto atual

A Organização Mundial da Saúde adotou na década de 1990 o conceito de “envelhecimento ativo” e definiu-o como um processo de otimização de oportunidades na saúde, participação e segurança de forma a potencializar a qualidade de vida das pessoas idosas (WHO 2002). A definição de envelhecimento ativo estabelece uma relação entre saúde e qualidade de vida durante o processo de envelhecimento. Assim, “as políticas que incentivem atividades e ambientes elicitadores de estados de saúde positivos são encorajadas no sentido de aumentarem qualidade e anos à vida, de promoverem autonomia e independência, reduzindo os custos no sistema de saúde” (Ribeiro 2012, 37). O objetivo foi transmitir uma mensagem mais incisiva de envelhecimento saudável para além dos cuidados de saúde, com base na participação social e segurança.

Se é verdade que o envelhecimento pode proporcionar novas oportunidades associadas à uma participação ativa das gerações mais velhas, não devemos esquecer do contexto económico e social em que a Europa se encontra atualmente e, mais especificamente, Portugal. Desde 2008, Portugal tem enfrentado uma série de desafios relacionados à crise económica e financeira, o que levou em 2011 à intervenção de organizações internacionais. Para lidar com essas situações, o Governo português tem imposto medidas de contenção económicas com o objetivo de ajustar o seu sistema financeiro, buscando o restabelecimento do crescimento económico.

Assim, a crise financeira está a provocar “severas consequências sociais. Os sistemas de Segurança Social diminuíram alguns efeitos, mas o impacto está a ser sentido de maneira generalizada, com um aumento substancial dos níveis de pobreza e do desemprego” (EC 2012, 1). Situações como, por exemplo, o acréscimo do custo de vida em resultado do aumento de impostos para fazer frente aos desequilíbrios financeiros do Estado; a perda de emprego e dificuldade em encontrar uma nova colocação, resultando, muitas vezes, no esgotamento das economias de toda uma vida; ou simplesmente a impossibilidade financeira em participar em atividades culturais e sociais.

É verdade que esses mesmos problemas são encontrados entre outros grupos etários, mas devemos lembrar a maior vulnerabilidade das pessoas com idade acima dos 64 anos, uma das parcelas da população mais sujeita, principalmente em situações extremas, à pobreza e à exclusão social (AGE Platform Europe 2012). De acordo com Eurostat (2012), em 2010, na maioria dos países da União Europeia, as pessoas idosas estavam menos expostas ao risco de pobreza e exclusão social se comparadas com a população em idade ativa (19,8% e 23,4%, respetivamente). No entanto, se observarmos especificamente os números relativos a Portugal, a conclusão é inversa, sendo os idosos mais vulneráveis (26,1%) que as pessoas com idade entre 18 e 64 anos (24,1%).

A população idosa tem sido, ao longo das últimas décadas, apontada como um grupo particularmente vulnerável a situações de pobreza. Esta particular vulnerabilidade das pessoas idosas à pobreza – e as suas consequências ao nível da exclusão social – explica-se em grande parte pelos baixos níveis de rendimentos das pensões, calculadas com base nos rendimentos do trabalho, trabalho esse que, para muitas pessoas idosas – sobretudo aquelas cuja carreira contributiva se desenvolveu maioritariamente no período pré-25 de abril – se caracterizou sobretudo por baixos níveis de salários, pelo desempenho de atividades pouco qualificadas e pela ausência dos chamados “descontos” para a Segurança Social (Perista e Perista 2012, 57).

Para além do impacto que a crise tem provocado, a atual tendência de envelhecimento da população tem desafiado as políticas sociais. Em 2012 o *Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e Solidariedade entre Gerações* (AEEASG) foi um pretexto para estimular estratégias de combate à pobreza e às desigualdades sociais relacionadas às pessoas idosas.

A palavra “ativo” também se refere a continuação de uma participação social, económica, cultural, espiritual e cívica para além da proteção do direito das pessoas idosas de continuarem a trabalhar, se assim o desejarem (UN 2002). Contudo, quando observamos os estudos internacionais sobre o trabalho depois da idade de reforma, constatamos que para os portugueses trabalhar não é unicamente uma opção relacionada com o envelhecimento ativo, mas sim, uma forma de complementar o orçamento familiar.

Em 2005, Portugal era o país da União Europeia com maior número de trabalhadores com idades entre 65 e 69 anos (27,6%) e em 2011, observou-se uma redução para 21,9% devido dificuldades proporcionadas pelo desemprego nacional (Eurofound 2012). Esses números são justificados por Portugal estar entre os países da União Europeia que “mais têm sofrido com a crise económica e onde o desemprego tem atingido índices mais altos” (Eurofound 2012, 28). Como os europeus têm vivido mais e de maneira cada vez mais saudável, os governantes estão a procurar formas de envolver essas pessoas na sociedade para mantê-las ativas durante mais tempo (EC 2012), podendo resultar em “benefícios económicos para toda a sociedade, promovendo, ao mesmo tempo, o bem-estar físico, mental e social dos membros mais velhos da sociedade” (EC 2012, 9).

Portugal partilha com os demais países da União Europeia a garantia de promover “iniciativas que estimulem o debate, o intercâmbio de boas práticas e a sensibilização da opinião pública para a mudança cultural” relacionada ao envelhecimento de sua população (Governo de Portugal 2012). Dentre vários projetos apresentados no programa de ação do AEEASG (2012), o Governo português cita algumas iniciativas que vêm sendo desenvolvidos com o intuito de estimular um envelhecimento ativo relacionado com **saúde** (Plano Nacional de Saúde (2011-2016); Programa Nacional Para a Saúde das Pessoas Idosas; Saúde e Termalismo Sénior), **acessibilidade** (Sistema de Atribuição Produtos de Apoio; Programa Conforto Habitacional para Pessoas Idosas), **educação e lazer** (Rede das Universidades Séniores; Turismo Sénior), **informação** (Linha do Cidadão Idoso; Serviço de Atendimento a Pessoas com Necessidades Especiais) e **voluntariado** (Voluntariado Intergeracional de Proximidade - V.I.P.; Planos e atividades intergeracionais em autarquias).

Uma das propostas apresentadas pelo *Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e solidariedade entre Gerações* foi a utilização das tecnologias de informação e comunicação com o objetivo de trazer novas oportunidades, criando mais acessibilidade essas tecnologias e, conseqüentemente, suporte para um envelhecimento ativo e saudável (EC 2012). A inclusão social está diretamente ligada à posse de recursos necessários para uma efetiva participação social e económica (Ofcom 2007). Portanto, aceder e usar essas tecnologias é cada vez mais importante

para ter acesso à informação, serviços, entretenimento, manter relações sociais, para além de ser uma ferramenta essencial de trabalho.

O investigador britânico Neil Selwyn (2003) diz que o uso das novas tecnologias de informação e comunicação é considerado um aspeto fundamental de cidadania nas sociedades contemporâneas. Como referimos anteriormente, a “utilização do computador e da internet diminui a solidão, aumenta o acesso à informação, assim como a frequência da comunicação entre familiares e amigos, e, consequentemente, aumenta Qualidade de Vida de pessoas idosas” (Pereira e Neves 2011, 24).

Assim, o uso das tecnologias de informação e comunicação proporciona ao idoso autonomia, bem-estar e maior integração social. Dentro desse mesmo contexto, são mencionados como exemplo (Governo de Portugal 2012) três iniciativas relacionadas com o Ano Europeu do Envelhecimento Ativo:

- **Net@vó** – projeto educacional com recurso a meios audiovisuais e novas tecnologias;
- **ProjectoTIO** – Terceira Idade Online – portal dedicado à população idosa em Portugal (Associação VIDA);
- **IdadeMaior** - o primeiro portal português para maiores de 50 com informação sobre temáticas variadas.

No entanto, as propostas apresentadas pelo Governo entram em contradição com as políticas adotadas para fazer face ao atual ambiente económico. O Estado português afirma que em 2012 houve “continuidade e ajuste de prestações sociais e familiares que garantissem apoio pecuniário em situações de velhice, pobreza, dependência ou necessidade de assistência por outrem e viuvez” (Governo de Portugal 2012). No entanto, o estudo internacional *Les personnes âgées aussi souffrent de la crise*, desenvolvido pela AGE platform Europe (2012), faz referência a Portugal e chega a conclusões diferentes:

Um grande número de idosos encontra-se em confronto com novas formas de vulnerabilidade, pois afastam-se pouco a pouco das atividades sociais. Devido à crise, as pessoas mais velhas, à semelhança de outros grupos vulneráveis, deixam de participar ativamente na sociedade e dão sinais de indiferença na vida política,



contribuindo ainda mais para os isolar. Portanto, é a dignidade e o bem-estar dos idosos que está em risco (AGE Platform Europe 2012, 7).

Na realidade, as estratégias nacionais adotadas para sair da crise económica consistem, basicamente, em medidas relativas às finanças públicas, muitas vezes em detrimento de questões sociais. O mesmo acontece com as propostas apresentadas pela Comissão Europeia através do *Annual Growth Survey 2013* (2012), pois estão direcionadas para atingir o crescimento em “detrimento aos objetivos sociais, particularmente em relação à pobreza, desemprego e cuidados, principais problemas que atingem 150 milhões de europeus com idade mais avançada” (AGE Platform Europe 2012, 22). Enquanto na realidade, essas reformas económicas ou estruturais deveriam estar fundamentadas com avaliação sobre o impacto social, tendo em conta o aumento da precariedade de vida da população.

O que podemos concluir é que a crise tem impacto sobre as pessoas mais velhas e inerentes comportamentos perante seus estilos de vida, pondo em perigo as políticas do envelhecimento ativo e, conseqüentemente, a inclusão digital. Muitas vezes fazem escolhas financeiras entre cuidados de saúde e outros serviços importantes para o bem-estar - aquecimento e alimentação - em detrimento à participação social (AGE Platform Europe 2012).

Dessa forma, é natural que o contexto de crise económica e social em que grande parte dos portugueses se encontra atualmente, desafie as propostas apresentadas para envelhecimento ativo, tornando-as menos eficazes. Portanto, o impacto sobre a parcela da população mais velha não se traduz unicamente em problemas financeiros ou dificuldade de aceder a serviços sociais, mas sim, um potenciador de uma realidade vivida por milhares de seniores portugueses: a exclusão social.

## 2.5 Alguns questionamentos

Apesar do desenvolvimento das tecnologias na “sociedade do conhecimento ou da informação” (Castells 2000), como a que vivemos hoje, definir novas possibilidades e limites para os idosos (Dias 2012), Khvorostianov, Elias e Nimrod (2012) observaram que poucos seniores aproveitam esses benefícios, pois não possuem conhecimento suficiente para os usar. Aroldi e Colombo (2007) sugerem que, pela primeira vez na História, talvez haja necessidade de acompanhar o treino das gerações mais velhas no uso dos *media* digitais para que não se forme uma divisão tecnológica entre gerações.

Portanto, um estudo em Portugal na área das ciências sociais que analise a relação de um grupo de seniores com as tecnologias de informação e comunicação (os computadores, a internet e os telemóveis), incidindo entre os que usam e os que não usam, as respetivas razões e motivações para esses comportamentos irá certamente contribuir para um melhor entendimento de como vivem os seniores portugueses nessa sociedade amplamente tecnológica, que benefícios tiram dos *media* digitais e que dificuldades e constrangimentos enfrentam.

Assim, surgem alguns pontos importantes para essa discussão que tentamos alcançar na presente pesquisa, levando em consideração um grupo de pessoas com idade acima dos 60 anos:

- Procurar perceber se as suas histórias de vida e as suas relações sociais influenciam no uso ou no não uso do computador, da internet e do telemóvel;
- Identificar que motivações existem para usarem ou não essas tecnologias;
- Identificar que tipo de atitude possuem perante essas tecnologias (positivas, negativas, acham que contribuem ou não para a sociedade);
- Investigar de que modo usam essas tecnologias como uma ferramenta para mediar relações sociais;

A partir desse cenário, discutimos *media* e pessoas mais velhas portuguesas e, mais especificamente, respondemos à seguinte pergunta: qual é a importância do uso e apropriações das novas tecnologias de informação e comunicação, nomeadamente o

computador, a internet e o telemóvel nas relações sociais de um grupo de pessoas mais velhas em Portugal?

## Capítulo III – Metodologia

### 3.1 Orientações metodológicas

Para a recolha dos dados foram utilizados grupos de foco. A maioria dos autores concorda que a principal vantagem dessa metodologia é a interação dos entrevistados com o objetivo de gerar informações (Merton, Fiske e Kendall 1990; Kitzinger 1995; Morgan 1996). De acordo com David Carey (1996, 226) grupo de foco pode ser entendido como uma técnica imprecisa que consiste em “uma sessão em grupo semiestruturada, moderada por um líder, realizada em um local informal com o propósito de coletar informações sobre um determinado tópico”.

David Morgan (1996, 130) define grupo focal a partir de três componentes principais: “primeiro, é claro que grupo de foco é um método de pesquisa com o objetivo de geral conteúdo; segundo, a interação no grupo de discussão é a fonte dessas informações; e terceiro, essa metodologia permite ao investigador manter um papel ativo ao conduzir a discussão”. Kitzinger (1995) resume a função essencial dessa técnica ao dizer que:

A ideia por trás do método grupo de foco, é que esse processo pode ajudar as pessoas explorarem e clarificarem suas opiniões mais facilmente do que em uma entrevista individual. Quando a dinâmica do grupo funciona bem, os participantes trabalham lado a lado com o investigador, conduzindo a pesquisa para uma nova e, muitas vezes, inesperada direção (229).

Os grupos de foco são particularmente úteis para refletir sobre realidades sociais e culturais, pois, através dessa metodologia qualitativa, podemos aceder à experiências, significados, entendimentos, assim como a atitudes, opiniões, conhecimentos e crenças (Wilkinson 1998).

A coleta de dados através do grupo focal tem como uma de suas maiores riquezas basear-se na tendência humana de formar opiniões e atitudes na interação com outros indivíduos. Ele contrasta, nesse sentido, com dados colhidos em questionários fechados ou entrevistas individuais, onde o indivíduo é convocado a emitir opiniões sobre assuntos que talvez nunca tenha pensado anteriormente. As pessoas, em geral, precisam ouvir as opiniões dos outros antes de formar as suas próprias, e constantemente mudam de posição (ou fundamentam melhor sua posição inicial) quando expostas à discussão em grupo. É exatamente este processo que o grupo focal tenta captar (Iervolino e Pelicioni 2001, 116).

Esse método foi escolhido por agir como uma eficiente maneira de suscitar o processo de “lembrar”, pois as memórias foram facilmente e mutuamente induzidas durante as entrevistas. As perguntas abertas e a possibilidade de se expressarem livremente produziram informações que, de outra forma, seriam difíceis de alcançar.

Procuramos seguir o conceito de Halloran de fugir à tendência de perguntar o que os *media* fazem com as pessoas e sim, “perguntar às pessoas, com diferentes características sociais e, portanto, com diferentes possibilidades para controle, acesso, participação, experiências e técnicas, diferentes competências e habilidades, o que fazem com os *media*” (Halloran 1989, 6). Como resultado, promovemos relatos coletivos e individuais sobre as suas experiências tecnológicas, desde a infância até a atualidade.

Dhunpath (2000, 554) considera que “abordar as histórias de vida é, provavelmente, a única forma autêntica para entender motivos e práticas e, ao mesmo tempo, refletir sobre as experiências individuais e sociais”. Desta forma, conduzimos a discussão com uma lógica quase autobiográfica, onde os participantes falaram sobre infância, família, educação, trabalho e uso das TIC. É natural que as narrativas sobre tecnologias apareçam “misturadas” com outros contextos, como explica Dan MacAdams (1998, 1125): “acontecimentos e experiências são incorporados nas histórias de vida de forma a fazerem sentido para o ouvinte que servirá como juiz e intérprete da narrativa”. Carol Witherall e Noddings (1991) defendem o uso das histórias de vida como uma eficiente ferramenta de pesquisa e sugerem que

contar a nossa história pode ser caótico e libertador, entretanto, é mais que isso. Histórias são poderosas ferramentas de pesquisa. Elas nos proporcionam uma imagem

real das pessoas, em situações reais, se debatendo com problemas reais. Elas eliminam as indiferenças geradas por amostragens e nos convidam a especular sobre o que pode ter mudado e com qual efeito. É claro, elas nos lembram das nossas fraquezas e mais importante ainda, elas nos convidam a relembrar que estamos ensinando, aprendendo e pesquisando para melhorar a condição humana (280).

Apesar de existirem várias tecnologias de informação e comunicação, decidimos trabalhar somente com o telemóvel, o computador e a internet, pois são os principais meios que permitem uma comunicação interpessoal, ou seja, a troca de informação entre duas ou mais pessoas e, portanto, ideais para analisar relações sociais. A discussão foi feita a partir do ponto de vista das pessoas que participaram neste trabalho. Dessa forma, buscamos heterogeneidade, pois um dos objetivos principais nos estudos da gerontologia é explorar as várias dimensões na vida dos idosos, estudar as variações e mostrar que o envelhecimento tem diferentes consequências para diferentes grupos de pessoas (Phillipson 2007).

Assim, buscamos formar os grupos com perfis diversos. Isto é evidente no capítulo sobre análise (página 50), onde a discussão sobre histórias de vida serve de base para entender os significados, efeitos e implicações que as TIC possuem em suas vidas, construídos e moldados a partir de especificidades de experiências históricas e sociais. O que buscamos não foi fazer uma investigação que seja representativa da população portuguesa, mas sim, entender qualitativamente, a relação social que as pessoas mais velhas possuem com as TIC, em que pontos concordam e em que pontos divergem.

Para a realização dos grupos de foco foram utilizados dois questionários (anexo 1 e 2) com perguntas que serviram de base para conduzir as discussões de maneira que todos os tópicos propostos pela pesquisa fossem abordados. A necessidade de usar dois questionários diferentes é explicada pelas condições particulares em que o grupo 1 foi realizado, como veremos mais à frente na caracterização da amostragem (página 46). As entrevistas tiveram, em média, duração de 60 minutos, foram realizados entre maio de 2012 e janeiro de 2013 e tiveram lugar em Lisboa, nas instalações do Jornal Diário de Notícias (grupo 1), na biblioteca da Junta de Freguesia

de São Francisco Xavier (grupo 2 e 3), e em Setúbal, na biblioteca da Universidade Sénior de Setúbal (grupo 4).

Os áudios dos grupos de foco foram gravados e, posteriormente, transcritos (anexo 4) e analisados. Para que pudéssemos dar respostas às questões propostas por esta investigação, as informações recolhidas foram agrupadas em 10 tópicos principais, nomeadamente: 1- Histórias de vida; 2- As condições económicas no passado e no presente; 3- Regras e resistências; 4- Novas perceções de tempo e espaço; 5- Mercado de trabalho, escolaridade e género; 6 - As relações sociais; 7- As relações intergeracionais; 8- Aprender para manter-se ativo; 9- Explorando o não uso das tecnologias; 10- A dependência da tecnologia.

Considerando importante entender as perspetivas individuais sobre cada uma das questões abordadas, foi aplicado um questionário individual (anexo 2) que proporcionou informações complementares sobre a relação com as tecnologias analisadas e algumas características de suas vidas atuais. Também é importante mencionar que os quatro grupos de foco foram organizados e conduzidos pela presente investigadora.

### **3.2 Caracterização da amostragem**

Apesar do idoso, em Portugal, possuir 65 anos ou mais, decidimos incluir na faixa etária analisada pessoas acima dos 60 anos. Tomamos essa decisão com o objetivo de trazer diversidade para a pesquisa, ou seja, acrescentar à amostragem pessoas com diferentes idades e, possivelmente, distintas formas de se relacionarem com as TIC. Uma outra razão foi facilitar a futura comparação dos resultados deste estudo com outros desenvolvidos por organizações internacionais como, por exemplo, a ONU ou com pesquisas realizadas em países em desenvolvimento, onde o indivíduo idoso é aquele com 60 anos ou mais (página 18). Portanto, para esta pesquisa, trabalhamos com 21 pessoas acima dos 60 anos: seis pessoas com idade entre 61 e 64

e 15 pessoas com 65 ou mais anos , divididas em quatro grupos e que viviam na região de Lisboa.

Para atender aos objetivos da pesquisa, ou seja, analisar a relação pessoas mais velhas, TIC e relações sociais, achamos necessário que todos os participantes dos grupos de foco tivessem acesso às três tecnologias alvo da investigação - o telemóvel, computador e internet - e a possibilidade de as usar se assim o desejassem. Uma outra característica que utilizamos para selecionar os participantes desse estudo foi o interesse em se manterem socialmente participativos e com motivação para aprender e aprofundar conhecimentos, aspetos esses que vão de acordo com os princípios do *envelhecimento ativo* (página 34).

Portanto, fizeram parte dessa amostragem pessoas que aceitaram o convite para participar em uma iniciativa social, que frequentavam cursos de informática, que participaram em um *workshop* e que frequentavam uma universidade sénior. Consequentemente, a decisão de trabalhar com pessoas com esse perfil trouxe limitações para a pesquisa, pois acabou por prevalecer pessoas com escolaridade acima da média e, portanto, pouco representativas das pessoas mais velhas em Portugal que, em sua maioria, possuem baixo nível escolar (páginas 24 e 25).

Para além das condições mencionadas acima, os entrevistados foram selecionados com base em características socioculturais. A diversidade que buscamos para a análise está baseada no fato de serem homens e mulheres que cresceram em diferentes meios geográficos (urbano, rural), que tiveram profissões diferentes, que têm diferentes níveis de literacia mediática, de utilização de tecnologias e de escolaridade. Mesmo sendo todos reformados, existe uma variação significativa de idade (32 anos) entre o mais jovem e o mais idoso e quando caracterizamos os grupos pela variável idade, encontramos 72,3 anos como média. Apesar de terem sido convidados um número proporcional de homens e mulheres, acabou por prevalecer mais mulheres (16) que homens (5). Apresentamos, a seguir, algumas características dos participantes e de cada grupo.



**Tabela 1:** Idade e género dos participantes nos grupos de foco (N= 21)

Escalão etário	Género		Total
	Masculino	Feminino	
	N	N	N
60-69 anos	2	11	13
70-79 anos	1	0	1
80-89 anos	1	5	6
90 ou mais anos	1	0	1
Total	5	16	21

**Tabela 2:** Escolaridade dos participantes nos grupos de foco (N= 21)

	Escolaridade
	N
1º Ciclo	1
2º Ciclo	2
3º Ciclo	8
Ensino Secundário	6
Ensino Superior	4
Total	21

## Grupo 1

A recolha de dados do primeiro grupo foi feita durante uma iniciativa para comemorar o Dia Mundial da Liberdade de Imprensa (3 de maio de 2012), realizada nas instalações do jornal Diário de Notícias em parceria com o CIMJ – Centro de Investigação Media e Jornalismo, com o título “Os Media na Minha Vida – Um Diálogo Entre Gerações”<sup>4</sup>. A discussão foi protagonizada por dois grupos etários: o primeiro com seis pessoas nascidas entre 1918 e 1939 e o segundo composto por quatro jovens de 19 anos. No entanto, para o presente trabalho, centramos a atenção somente no grupo dos mais velhos. Atualmente vivem em um Lar de Idosos em Azeitão, região metropolitana de Lisboa.

<sup>4</sup> <http://www.brandmeaning.pt/projectos.php?id=19>

**Tabela 3:** Características do grupo 1

<b>Nome</b>	<b>Género</b>	<b>Idade</b>	<b>Ocupação antes da reforma</b>	<b>Onde nasceu</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Estado civil</b>
José	Masculino	74 anos	Empregado bancário	Marcos de Canaveses	3º Ciclo	Casado
Susete	Feminino	82 anos	Funcionária de maternidade	Santarém	3º Ciclo	Viúva
Corina	Feminino	80 anos	Dona de casa/Doméstica	Lisboa	2º Ciclo	Viúva
Conceição	Feminino	85 anos	Empregada bancária	Torres Novas	3º Ciclo	Viúva
Helena	Feminino	87anos	Dona de casa/Doméstica	Lisboa	2º Ciclo	Viúva
Anacleto	Masculino	93 anos	Empregado bancário	Arcos de Valdevez	2º Ciclo	Viúvo

**Grupo 2**

O segundo grupo foi formado por seniores que faziam aulas de informática direcionadas especificamente para pessoas acima dos 60 anos na Junta de Freguesia de São Francisco Xavier, em Lisboa.

**Tabela 4:** Características do grupo 2

<b>Nome</b>	<b>Género</b>	<b>Idade</b>	<b>Ocupação antes da reforma</b>	<b>Onde nasceu</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Estado civil</b>
Fernando	Masculino	63 anos	Empregado bancário	Évora	Licenciatura	Casado
Joana	Feminino	62 anos	Administradora de empresas	Lisboa	Licenciatura	Casada
Isabel	Feminino	73 anos	Doméstica	Lisboa	2º Ciclo	Viúva
Maria	Feminino	66 anos	Empresária	Lisboa	Ensino Secundário	Casada
Paula	Feminino	64 anos	Doméstica	Suíça	Ensino Secundário	Viúva
Ana	Feminino	69 anos	Doméstica	Lisboa	3º Ciclo	Casada

### Grupo 3

O terceiro grupo de foco foi composto por seniores que participaram de um *workshop* no Media Lab – Jornal Diário de Notícias. O Medial Lab é um espaço onde se desenvolvem programas e atividades de educação para os *media* orientadas para a compreensão e participação ativa no desenvolvimento da informação. Apesar de receber maioritariamente crianças e jovens também acolhe grupos de seniores. Durante as sessões aprendem como escrever uma notícia e qual o percurso da informação até chegar aos jornais. O objetivo final é a montagem de um pequeno jornal e para isso é facultado o acesso a computadores e o apoio de monitores que auxiliam no processo.

**Tabela 5:** Características do grupo 3

Nome	Género	Idade	Ocupação antes da reforma	Onde nasceu	Escolaridade	Estado civil
Miguel	Masculino	63 anos	Professor	Évora	Licenciatura	Casado
Olinda	Feminino	69 anos	Empregada Administrativa	Vila N. Da Cerveira	3º Ciclo	Casada
Adelaide	Feminino	83 anos	Funcionária dos Correios	Lisboa	Ensino Secundário	Viúva
João	Masculino	80 anos	Funcionário Público	Porto	Ensino Secundário	Casado
Margarida	Feminino	61 anos	Professora	Monchique	Licenciatura	Divorciada

### Grupo 4

O último grupo foi composto por alunos da Universidade Sénior de Setúbal. Essas pessoas frequentavam diversos cursos na universidade inclusivamente aulas de informática e eram, portanto, interessadas em aprender, aprofundarem conhecimentos e se manterem ativas.

**Tabela 6:** Características do grupo 4

<b>Nome</b>	<b>Género</b>	<b>Idade</b>	<b>Ocupação antes da reforma</b>	<b>Onde nasceu</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Estado civil</b>
Francisca	Feminino	65 anos	Funcionária Pública	Setúbal	3º Ciclo	Divorciada
Manoela	Feminino	64 anos	Profissional de Seguros	Grândola	Ensino Secundário	Casada
Matilde	Feminino	67 anos	Professora	Setúbal	Ensino Secundário	Casada
Josefa	Feminino	68 anos	Funcionária Pública	Granja	Ensino Secundário	Viúva

## Capítulo IV - Análise dos resultados

McLuhan (1964) argumentou que as características das tecnologias de comunicação moldaram as condições e organizações sociais. Essa linha de raciocínio foi sucintamente capturada em sua famosa afirmação de que “o meio é a mensagem”. No entanto, o ambiente mediático mudou dramaticamente nas últimas décadas passando de uma predominante comunicação de massa para um ambiente de redes sociais personalizadas (Campbell e Park 2008). Castells (2000) caracteriza a sociedade atual como uma nova estrutura social em rede e parafraseia McLuhan ao dizer que “a rede social é a mensagem”.

É importante notar que enquanto McLuhan atribui a mudança social ao desenvolvimento e uso das tecnologias, Castells (2000) afirma que “o aumento da comunicação está caracterizado pelo desenvolvimento de novas lógicas organizacionais que estão ligadas à evolução tecnológica, mas que não estão dependentes desse processo” (164).

Apesar das diferentes visões, é possível estabelecer um paralelo entre McLuhan e Castells, pois para ambos os autores as tecnologias de comunicação são usadas como base para entender a sociedade. Isso não quer dizer que as tecnologias “determinem a sociedade”, mas que podem servir como “uma lente para examinar como a ordem social é produzida e reproduzida através dos sistemas de comunicação” (Campbell e Park 2008, 372).

O presente trabalho é analisado também a partir dessas teses, argumentando que entramos em uma nova era das tecnologias pessoais (Selwyn 2004). Assim, estudar a relação das pessoas mais velhas e as tecnologias que predominam hoje na nossa sociedade, como é o caso do telemóvel, do computador e da internet, ajuda-nos a entender as consequências e relações sociais que vieram com o seu uso.

#### 4.1 Histórias de vida - “Naquela época a comunicação era totalmente diferente”

Como vimos no capítulo anterior, um terço dos 21 participantes desta análise possui mais de oitenta anos. Essa faixa etária é composta por pessoas que possuem as mais longas experiências sobre mudanças sociais e aquelas que, ao longo de suas vidas, presenciaram inúmeros surgimentos e evoluções tecnológicas (Hagberg 2012), como podemos constatar a seguir:

Eu nasci antes de 1920. Nesta altura havia pouca comunicação social. Depois, passado uns anos as coisas foram aparecendo. (*Anacleto, 93 anos, G1*)

Eu lembro-me com certeza disso tudo, já tenho muita idade(..). E fomos acompanhando essas evoluções, sempre um modelo novo, foi sempre evoluindo até chegarmos ao computador. (*Helena, 87 anos, G1*)

Como exemplo, Hagberg descreve esses idosos como aqueles que literalmente “rodaram os botões do rádio, das máquinas de lavar, armazenaram alimentos nas despensas, nas geladeiras e nos porões, fizeram operações matemáticas com uma régua de cálculo, escreveram com o tinteiro, viajaram no comboio a vapor e fizeram ligações telefônicas com a ajuda de uma telefonista” (Hagberg 2012, 89). Essas experiências estão há muito mescladas na memória de quando eram crianças, andavam na escola, começaram as suas carreiras profissionais e constituíram família. Estão exclusivamente ligadas à geração a que pertencem pois, levando em consideração o ambiente tecnológico em que vivemos hoje, essas particularidades não serão repetidas.

As pessoas que pertencem a uma mesma geração tiveram experiências únicas quando tinham idades semelhantes, como referem Edmunds e Turner (2005), e possuem lembranças e fortes impressões de como a vida era. Consequentemente, quando se é idoso a visão da vida é influenciada por esses mesmos eventos e memórias. Assim, períodos marcantes de suas histórias pessoais foram amplamente referidos durante as entrevistas e alguns estiveram relacionados com a Segunda Guerra Mundial e a ditadura.

Uma coisa que me impressionou muito foi a II Guerra Mundial, eu tinha 9 anos. E à noite, um simulacro como se fosse um ataque aéreo e então andavam os legionários com aquelas botas “bum, bum, bum” pelas ruas afora.(...) Um dos meus irmãos ainda foi preso pela Pide, mas porque andava nas ruas e não porque estivesse integrado nos acontecimentos da atualidade, depois soltaram-no. *(Susete, 82 anos, G1)*

Tinha um primo que tem o nome numa rua de Lisboa pós 25 de Abril, porque foi preso naquela altura dos engenheiros. Estava o rapaz tomando banho e foi lá a Pide levá-lo e esteve dois anos em Caxias. *(Conceição, 85 anos, G1)*

Esses participantes mais velhos destacaram as dificuldades que existiam para aceder à informação, ao mesmo tempo que fizeram um antagonismo com os dias atuais. Apesar de não desvalorizarem sua infância, reconheceram que ser jovem hoje é vantajoso, pois vivem em um ambiente tecnológico que proporciona grande facilidade para comunicar. Isso descortina o senso comum de que muitos idosos acreditam que “o bom mesmo era na minha época”.

Eu digo que toda a juventude tem muita sorte em viver neste tempo, embora eu não prescinda do meu tempo que passou, já, mas que ainda está cá dentro. *(Susete, 82 anos, G1)*

É diferente, eu penso que não é comparável. Eu não era infeliz, mas não havia estas facilidades que há agora e que é interessantíssimo, uma pessoa saber uma notícia que se passou nos confins do mundo. Naquela época a comunicação era totalmente diferente. *(Isabel, 73 anos, G2)*

Tinha o programa que se chamava Hora da Saudade e eu ia todas as semanas para falar para o meu pai que nessa altura estava em África. Portanto, era uma comunicação, mas lá está, pela rádio, porque de resto agora é tudo os computadores. *(Conceição, 85 anos, G1)*

#### **4.2 As condições económicas no passado e no presente - “Éramos poupados, agora compra-se e depois logo se vê”**

De acordo com Haddon e Silverstone (1996), as pessoas com idade acima de 65 anos, especialmente as provenientes de classes trabalhadoras, são mais sensíveis em relação ao gasto do dinheiro, pois passaram por situações austeras durante a infância e a juventude. Entre as narrativas compartilhadas sobre histórias de vida também

tiveram como principais características o fato de, quando eram crianças ou jovens, a maioria das famílias ter pouco poder aquisitivo e bens materiais escassos.

Eu andei descalça e quando ia à vila a minha mãe dizia assim “leva agora os sapatinhos de pau que é para passar junto dos [espaços do Concelho], porque é lá proibido passar descalço”. Portanto, eu passei dificuldade, passei por muita coisa. *(Olinda, 69 anos, G3)*

O atual cenário de crise económica em que Portugal se encontra é uma realidade inédita para as gerações mais jovens. No entanto, na sua grande maioria, os entrevistados afirmaram ter vivido situações substancialmente mais difíceis e que servem como ponto de referência para avaliar estilos de vida de hoje.

Eu procuro ensinar os meus netos, nós temos, desde pequeninos, saber viver com o que temos. Todos têm telemóveis, televisão, mas o mais difícil é viver sem aquecimento. *(João, 80 anos, G3)*

Outra coisa foi o racionamento. Cada pessoa tinha direito a “x de pão”, “x de açúcar”. Muitas vezes, já não havia açúcar, adoçava-se com reбуçado, quando havia reбуçado. Tudo isso se passou na minha era, nasci em 30 portanto tinha 9 ou 12 anos e isso me ensinou um bocado. *(Susete, 82 anos, G1)*

Através das discussões, verificamos que alguns dos participantes deste trabalho confessaram que as suas expectativas económicas em relação à aquisição de bens eram limitadas e a demanda por esses recursos também era restrita. Apesar das óbvias e distintas variações, construíram a sua própria economia moral relativa ao consumismo, e como afirmaram, muito diferente do que acontece hoje com as gerações mais jovens.

Nós casávamos e arrendávamos uma casa. Agora casam e... agora não, quando casam o que pensam logo? Comprar. E nós não. Nós casávamos e arrendávamos uma casa e podíamos não ter carro, hoje em dia toda a gente tem carro, percebe? É completamente diferente. Quando casávamos, a lua de mel não era nas Caraíbas. Não havia crédito para pagar, normalmente comprávamos quando havia dinheiro. Éramos poupadas, primeiro tínhamos o dinheiro, depois comprávamos. Agora compra-se e depois logo se vê. *(Matilde, 67anos, G4)*



Lembro-me de quando fizemos a minha casa, perguntaram se queríamos garagem e nós dissemos que não, para quê garagem se nós não tínhamos hipótese de comprar carro, nem pensava naquilo. Muito depois o meu marido juntou os dinheirinhos todos para comprar o primeiro carro. Foi quando saiu o Renault 5. Ele foi com o dinheiro na mão, não compramos carro enquanto ele não tinha ali os tostõezinhos todos. *(Josefa, 68 anos, G4)*

Todos nós gostamos de ter as coisas, mas não é assim. O meu sobrinho é de uma outra geração. Pronto! Ele tem uma televisão enorme em todas as divisões e achei aquilo horrível! *(Ana, 69 anos, G2)*

Para os participantes, a situação financeira portuguesa não afetou negativamente o consumo de tecnologias. Na verdade, como estes dois excertos revelam, acham que aumentou, pois o sistema económico está preparado para contornar essas situações oferecendo facilidades para estimular o consumismo.

**Acham que a crise modificou, de alguma forma, o modo como usam as tecnologias?**

- Modificou porque eu não utilizava o telefone fixo e agora utilizo porque não se pagam as chamadas, tem os pacotes. Eu acho que não, acho que falam mais do que nunca. *(Manuela, 64 anos, G4)*

- São as chamadas ilimitadas. *(Francisca, 65 anos, G4)*

- Agora até utilizo mais, porque antes estava a contar os minutos e agora estão até meia hora, porque sabemos que não pagamos nada. *(Matilde, 67 anos, G4)*

- Pesou desde sempre, não é só de agora. Agora eles fazem muitas campanhas e fizeram preços mais baratos. Acho que não, acho que está equivalente. Eles fazem muita propaganda, aparecem chamadas gratuitas. *(Paula, 64 anos, G2)*

- As pessoas, por si só, devido a crise, o que sentiriam era utilizar menos o telemóvel, só que as empresas que tratam desses assuntos também sabem isso. Então lançam campanhas, atrás de campanhas para motivar as pessoas a usarem o telemóvel e acho que elas têm tido sucesso nisso. Não acho que se fala menos do que se falava antes. *(Fernando, 63 anos, G2)*

Wallace (2002) menciona diferentes modos, a partir da economia formal, informal ou social para adquirir, por exemplo, um computador ou um telemóvel. Através das entrevistas ficou claro que, apesar de alguns seniores comprarem computadores, existem estratégias informais e sociais, como a aquisição de tecnologias a partir de um “processo de reciclagem”: devido a rápida evolução das tecnologias, os membros da família adquiriram novos modelos e repassaram os modelos considerados obsoletos (Williams e Windebank 2000).

Agora temos um outro computador que vai passar para mim, aí vou poder usar (...) Sim, vou herdá-lo agora de forma que vou começar a brincar. Já houve uma tentativa. Um filho que me ofereceu um computador, era o da última moda, mas aí tinha um outro filho que não tinha o da última moda, de forma que eu cedi. Agora como este não é da última moda, ninguém vai querer *(todos riem)*. (João, 80 anos, G3)

Meus filhos e os meus netos mudam de computador e o velho vem para mim. (Adelaide, 83anos, G3)

Eu tinha um Nokia e agora ela *(a filha)* está na Google e todos os anos lhe oferecem um no final do ano e agora até foi um... Tablet e até trouxe para mim que é para eu ver os netos. Agora estou a ver se consigo mexer naquilo, tem internet, tem tudo. (Ana, 69 anos, G2)

A minha filha, todos os anos, tem direito a um *(telemóvel)* e ela vai passando para nós. A gente não compra. (Maria, 66 anos, G2)

#### 4.3 Regras e resistências - “Não vou com o telemóvel o tempo todo na orelha”

Em 1945, existiam em Portugal 68.349 aparelhos telefónicos (Santos 1998). Haddon e Silverstone (1996) disseram que os idosos foram os primeiros a usarem e possuírem um telefone fixo. Essa geração teve que aprender a usar o telefone da mesma maneira que as gerações subsequentes tiveram que aprender a usar o computador. O processo de inovação é familiar, “social e sempre dependente da capacidade dos usuários de definirem as suas próprias relações com a nova tecnologia” (Haddon e Silverstone 1996, 92).

Na minha freguesia havia três telefones. Era na casa do padeiro, havia na estação do caminho-de-ferro e havia outro no bar do caminho-de-ferro. Eu lembro-me muito bem, foi em 54 ou 55 a primeira vez que usei o telefone. (José, 74 anos, G1)

O primeiro meio de comunicação que tínhamos, desde muito pequenita, era o telefone e ainda hoje, apesar dos meus 85 anos, ainda me lembro do número 48755. (Conceição, 85 anos, G1)

Como a televisão nos anos 1950 e a internet nos anos 1990, o telemóvel emergiu como uma das tecnologias de comunicação que definiriam o nosso tempo (Castells, *et al.* 2007). Sem grandes surpresas, a adaptação e uso da comunicação

móvel contribuiu para um grande número de consequências sociais que incluem novas formas de interação social, como a comunicação através de mensagens e da internet.

Só tive telefone depois de casada. Às vezes queria falar e ia à mercearia e aceitei namoro do meu marido no telefone da mercearia. Hoje em dia não, é um, dois, três e acabou. Até terminam os namoros por mensagens, eu acho uma coisa horrível. *(Josefa, 68 anos, G4)*

Falo através do telemóvel com amigos e com pessoas da família que estão fora de Portugal e aqui em Portugal. Porque é mais barato, mas não é só por isso, mas porque eu consigo estar a ver a pessoa com quem estou a falar e isso é muito agradável *(Miguel, 63 anos, G3)*

Falar é melhor do que mandar mensagens, só que muitas vezes também manda-se mensagens, é mais prático, menos intrusivo, sobretudo em certas horas, para certas pessoas. *(Fernando, 63 anos, G2)*

Apesar dos exemplos acima, a afirmação de que o telemóvel contribui para uma forma de comunicação inteiramente nova seria um exagero, pois essa tecnologia é a evolução de várias outras. Um bom exemplo é a mensagem de texto - SMS (*Short Messages Service*) ou MMS (*Multimedia Message Service*) que, na verdade, tem como único aspeto inédito o meio pelo qual a informação é transmitida (telemóvel), pois nem o conteúdo (comunicações relacionadas com emoções, ao cotidiano, etc.), nem as abreviações ou erros ortográficos são novos.

Chegamos às festas de natal, às de mudança de ano e não há cartões de boas festas, porque é tudo mensagens e mensagens. Para mim não serve, não é com 85 anos que eu vou aprender a falar por siglas! (...) Os escritores continuam, com toda a certeza! Mas esta rapaziada a escrever para as namoradas: “tam-tam-tam-tam”! O que é que diz? A mim não me diz nada! Se eu visse uma coisa daquelas acabava logo o namoro! *(Conceição, 85 anos, G1)*

Em 1834, Morse inventou uma forma de transmitir e receber informação em código através de instrumentos elétricos, usando o “tam-tam-tam” descrito pela mulher de 85 anos. Lorene (2002, 10) diz que “o telemóvel é filho do telefone de Graham Bell, por transmitir voz; de Morse, por transmitir texto; de Marconi, por transmitir informação sem fios; e, deixa-nos acrescentar, filho do primeiro computador, por controlar as redes de tráfico dos telemóveis”. Curiosamente, uma das

idosas mencionou o código Morse, como uma tecnologia que fazia parte das brincadeiras em sua infância:

Eu me lembro de uma coisa muito engraçada. Nós éramos cinco e por cima de nós moravam seis crianças e o mais velho era engenhocas. Então, ele fez um aparelhinho que se chamava morse, não é? De maneira que aquilo era com umas latinhas, umas coisinhas e tal. Lá de cima cá para baixo e nós mandávamos “traço, ponto, traço, ponto, traço” e comunicávamos com eles: “hoje não vamos porque nossos pais não deixam e tal, mas amanhã vamos ver se arranjamos uma fuga e tal”. Eram esses engenhos que enchiam a alma. *(Susete, 82 anos, G1)*

No trabalho ou em casa, tornar-se familiar com o telefone significou para esta geração desenvolver competências não só para falar, mas também para saber em que circunstâncias o seu uso é apropriado (Haddon e Silverstone 1996). Apesar dessa afirmação ser feita a partir de conclusões relacionadas com o telefone fixo, podemos dizer que se aplica no caso do telemóvel.

Existem duas abordagens diferentes: uma no espaço público e outra no privado. No primeiro caso, as pessoas trazem acontecimentos públicos ou de trabalho para suas vidas particulares ou momentos de lazer; no segundo, fazem o inverso, trazendo conversas privadas para o domínio público. Esse cruzamento de comunicações é muitas vezes visto como inapropriado, deixando as pessoas, particularmente aquelas com mais idade, desconfortáveis (Yu e Tng 2002). Ao analisar as entrevistas, podemos dizer que para estes seniores existem algumas regras que afetam a maneira como usam o telemóvel e, conseqüentemente, influenciam nas relações sociais.

À noite não se telefona, em geral eu nunca telefono, a partir das dez horas, dez e meia não telefono, mesmo para as pessoas conhecidas. *(Margarida, 61 anos, G3)*

Eu vejo pessoas que vão na rua e vão sempre a andar e a falar no telemóvel. Entram no autocarro e estão sempre a falar no telemóvel. Eu não, no autocarro? Só se eu tiver alguma coisa, só se estiver aflita! Não vou andar na rua com o telemóvel o tempo todo na orelha a telefonar a toda a gente. No autocarro? Só se eu estiver aflita! Não vou com o telemóvel o tempo todo na orelha! *(Adelaide, 83 anos, G3)*

Eu detesto ir no autocarro e ouvir as conversas de toda a gente. Eu não tenho que apanhar com aquele lixo! E os namoros, onde dormiram, com quem dormiram! E

temos que ouvir. Isto no telemóvel para mim... Acho que o telemóvel é necessário, é muito bom, mas para uma emergência, não para andar no meio da rua. É para dar um recado, quando estou aflita e mais nada, só para um recado. (Ana, 69 anos, G2)

#### **4.4 Novas percepções de tempo e espaço - “Sem o computador demorava dez vezes mais”**

O aumento da importância das tecnologias de informação e comunicação nas sociedades contemporâneas não pode ser minimizado. Tanto académicos e políticos como a indústria ligada à produção dessas ferramentas têm afirmado que entramos na era da informação (Selwyn, *et al.* 2003). De acordo com Mark Stefik (1996), a atração pela internet pode ser explicada tanto pela habilidade de adotar funções como as de comunicar, comercializar e se aventurar. Pela primeira vez na história dos *media* um indivíduo talvez desempenhe funções tão distintas através de uma mesma tecnologia: “ele ou ela talvez comunique por e-mail através dos continentes, compre e venda produtos nos mercados *online* internacionais e procure por experiências excitantes em uma selva em uma ‘www página’” (Savolainen 2000, 186). Assim, tecnologias como o computador, a internet e o telemóvel introduziram uma nova noção de tempo e espaço, resultando numa troca, tanto quantitativa como qualitativa, de informação, conhecimento e recursos de uma maneira nunca antes presenciada (Selwyn, *et al.* 2003).

De acordo com Fortunati (2002) a telefonia móvel não está somente a mudar a sociedade, está a mudar todo o sistema em que está situada. Segundo a autora, este modelo compreende o espaço e o tempo responsáveis por integrar, estabilizar e estruturar a realidade. Como resultado, através das TIC, estamos a presenciar uma tendência de conexão de “pessoa para pessoa” ao contrário da ligação baseada na localização geográfica (Campbell e Park 2008), onde se comunicava com quem estava fisicamente próximo.

Eu gosto dessas tecnologias porque posso falar com a pessoa em qualquer lugar e em qualquer momento. É ter essa facilidade de comunicar com as pessoas, é por causa disso que eu gosto do telemóvel. *(Adelaide, 83 anos, G3)*

Quando o telemóvel está a ser usado, possibilita a realização de outras atividades. Com isso, as pessoas não só aumentaram o nível de produtividade social, otimizando e tornando-se mais eficazes no trabalho e na esfera doméstica, mas também construindo novas percepções e categorias de tempo e espaço (Fortunati 2002).

Profissionalmente, faria uma falta enormíssima, resolvemos muitas coisas através do telemóvel. Ligamos para uma pessoa e ela pode estar em qualquer lugar e já está. *(Joana, 62 anos, G2)*

E as crianças podem ter um problema qualquer e se têm o telemóvel, podem pedir ajuda. *(Fernando, 63 anos, G2)*

As tecnologias de comunicação móvel são o meio de difusão de informação mais rápido de sempre (Campbell e Kwak 2011), podem ser levadas de um lugar para outro, possibilitando a transmissão de informação quando se está em movimento. Esse tipo de tecnologia permite comunicar e difundir informação sem barreiras geográficas, o que pode facilitar a interação social (Ling 2008).

Essas novas tecnologias, admiro-as imenso. Vejo que são um meio fantástico de comunicação e de rapidez para as pessoas se encontrarem. Mas o que eu uso sempre é o telemóvel que realmente é uma coisa fantástica. *(Conceição, 85 anos, G1)*

Eu me recordo de uma peripécia em que não foi muito agradável, mas foi através do telemóvel que soube. Saímos de manhã e fomos para a praia, quando chegamos à praia o telemóvel tocou e era o meu filho “mãe estou no hospital, tive um acidente”. Quer dizer, não foi muito agradável, mas são estas pequenas coisas, porque a comunicação é rápida. Se não fosse esse meio de comunicação deixávamos estar e era mais difícil. Acho que isso tudo, o telemóvel, o computador e a internet também, veio para acelerar a comunicação. É tudo muito mais rápido, ao meu ver. *(Olinda, 69 anos, G3)*

De acordo com Leslie Haddon (2001), o conceito “tempo” está diretamente relacionado às tecnologias de informação e comunicação. Segundo a autora,

historicamente pode-se relacionar os efeitos do aparecimento da televisão nas idas ao cinema e no tempo dedicado ao rádio. Recentemente surgiram outras opções, como o maior número de canais televisivos, a televisão por cabo e por satélite, o telemóvel, os computadores e a internet, modificando ainda mais o tempo que as pessoas dedicam a cada uma das tecnologias de informação (Haddon 2001).

Há mais de 15 anos, estudos sobre a relação entre idosos e as tecnologias de entretenimento, informação e comunicação destacavam que a falta de familiaridade e incompatibilidade de estilos de vida influenciavam diretamente no uso dessas tecnologias (Haddon e Silverstone 1996). Essa pesquisa indicou que os padrões de utilização e funções que as pessoas dão às tecnologias são determinados por histórias de vida e por particularidades socioeconómicas. Circunstâncias essas que fazem com que uma inovação tecnológica seja vista, ou não, como útil e possível potenciadora da qualidade de vida (Haddon e Silverstone 1996).

Através da análise dos grupos de foco, observamos que essas mesmas premissas continuam a ser determinantes na relação das pessoas mais velhas com as TIC. Alguns entrevistados expressaram incompatibilidade entre as suas rotinas e o uso dos computadores. O “tempo” foi considerado um condicionante importante no momento de decidir adotar ou interessar-se por uma tecnologia (Haddon 2001), assim como a questão relacionada ao género apontada pela senhora de 87 anos e que trataremos mais à frente.

Eu tenho computador, mas uso pouco. Por falta de tempo, veja lá. *(João, 80 anos, G3)*

O meu filho mais novo teve computador muito cedo, aqueles computadores muito antigos que custaram um dinheirão. Eu tenho até a impressão que quando apareceram não se chamava bem internet era Arpanet, mas eu era dona de casa e não tinha tempo para isso. *(Helena, 87 anos, G1)*

Outros entrevistados descreveram como reagiram quando tiveram contacto pela primeira vez com um computador e como esta tecnologia influenciou na rotina de seu trabalho agindo no sentido de potencializar atividades.

Quando comecei a entender bem as coisas comecei a adorar. Comecei a ver que com aquilo (computador) eu ia ter muito menos trabalho, ia fazer tudo muito mais depressa. *(José, 74 anos, G1)*

Sim, mas nós podemos gastar tempo com a internet e com as novas tecnologia, mas aquilo que se faz com o computador, sem o computador demorava dez vezes mais. *(Fernando, 63 anos, G2)*

#### **4.5 Mercado de trabalho, escolaridade e género - “Quando o computador entrou, eu já não estava”**

Para os idosos portugueses, os computadores chegaram tarde em seus trabalhos e em suas vidas ou, na maioria dos casos (95%), ainda não chegou (OberCom 2012). No entanto, como as novas tecnologias agora definem a sociedade (Bernard e Phillips 2000), não é surpreendente que os mais velhos, mesmo que de maneira pouco expressiva, venham adotando-as (Czaja e Lee 2007).

Notamos um fator importante para a adaptação e “domesticação” (Silverstone 2006) dos computadores: estar ou não no mercado de trabalho (Haddon e Silverstone 1996). De acordo com Ponte (2010, 4) “num tempo de acelerada mudança social, milhões de adultos tiveram de realizar a sua alfabetização informática por via das suas ocupações profissionais”.

Ainda mexi nos computadores no trabalho ainda uns bons anos. Eu saí em 2006, portanto, de 99 a 2006 passei por muitas fases, por muitas evoluções. *(Francisca, 65 anos, G4)*

Os computadores chegaram à Segurança Social pouco tempo antes de me reformar e eu não cheguei a ter computador, porque já estava de saída. No emprego nunca trabalhei com computadores. Começaram a distribuir os computadores quando eu já tinha metido os papéis e como eu já ia sair, não chegaram a me dar um computador. *(Josefa, 68 anos, G4)*

Por isso, os seniores que tiveram o primeiro contacto com os computadores ainda no mercado de trabalho conseguiram levar esta experiência para suas vidas mesmo depois de se reformarem.



Quando me reformei fui para o Clube Sénior da Expo 89 e tínhamos 12 computadores para brincar, ligados à internet. Aí é que eu apanhei a verdadeira experiência. A partir daí nunca mais parei. Lá no sindicato (*Lar de Idosos*) chamam-me o “poluidor informático”! (*José, 74 anos, G1*)

Fiz muitos cursos, muita formação para usar os programas da empresa, não é? Depois que me reformei é que comecei a aprender para mim, outras matérias. (*Manuela, 64 anos, G4*)

Alguns estudos examinaram as diferenças de *performance* para realizar funções básicas no computador com pessoas de várias idades (Czaja e Sharit 1998; Sharit e Czaja 1999; Czaja, *et al.* 2001). Os resultados indicaram que os idosos são capazes de executar as tarefas, mas aqueles com menos idade tiveram melhor desempenho. Esses estudos também concluíram que as pessoas de 60-75 anos que tiveram experiências com computadores quando eram mais jovens (40-59 anos) tiveram atuações semelhantes aos jovens adultos (20-39 anos). Portanto, ter acesso aos computadores ainda no mercado de trabalho pode ser um fator importante para domínio dessa tecnologia.

Um outro aspeto importante é a escolaridade. Níveis de educação estão estreitamente ligados à capacidade de usar a internet: “quanto mais escolaridade o individuo possuir, melhor performance operacional, formal, informal e estratégica terá com a internet” (Deursen 2012, 181). Usar a internet não significa somente ler no ecrã e escrever no teclado. Também acarreta capacidade de tomar decisões, interagir com programas e outras pessoas, fazer transações de bens e serviços (Deursen 2012). Essa ideia está de acordo com Katz e Rice (2002) que argumentam que grupos com baixa escolaridade são incapazes de aceder a conteúdos disponíveis na internet que supram suas necessidades. Então, baixos níveis de escolaridade podem funcionar como uma barreira importante para adotar e usar as TIC, principalmente no caso do computador e internet.

Além da escolaridade, questões de género também são discutidas na comunidade académica. Pesquisas demonstraram que existe diferença de acesso à internet: em 2011, 54,3% dos homens portugueses eram utilizadores da internet, enquanto nas mulheres a parcela de internautas era de 44,2% (OberCom 2012).

Pesquisadores afirmam que essa diferença é resultado principalmente de fatores socioeconómico e não do género, especificamente (Bimber 2000). Na verdade, concluíram que existe a influência de contextos e de valores que tradicionalmente padronizam diferenças sociais já existentes (Ofcom 2007).

No início da década passada, Foley (2002) argumentou em um trabalho realizado em Londres, que o género já não era um indicador independente e que homens e mulheres tinham acessos similares aos novos *media* e a conteúdos online. Contudo, Liff (2004) afirmou que o género sempre foi uma questão a ser levada em consideração e que ainda existem diferenças tanto na quantidade de tempo que as pessoas ficam online como nos conteúdos preferidos, como já referimos através das citações na página 60. Um outro estudo concluiu que existem preconceitos significativos de género na adoção das novas TIC e que entender a evolução da internet através do tempo e do espaço não é possível sem que se compreenda o papel e a influência do género no processo de adoção e uso da internet (Dholakia, Dholakia e Kshetri 2003).

Na pesquisa “Questões de género na participação digital” (Azevedo e Seixas 2011) realizada em Portugal, em espaços públicos de acesso à internet, os autores concluíram que homens e mulheres diferenciaram-se no acesso de conteúdos *online*, demonstrando que “indícios de redução do fosso digital assente na dimensão género, quer ao nível do acesso básico à tecnologia (computador, internet, telemóvel), quer ao nível dos benefícios sociais que a internet está a ter sobre o quotidiano (aumento da comunicação com familiares e amigos e utilidade desta tecnologia no trabalho)” (Azevedo e Seixas 2011, 77). Contudo, apesar de terem sido feitos esforços para formar os grupos de focos que tivessem equilíbrio entre o número de homens e mulheres, isso não foi possível, e portanto, não podemos tirar conclusões sobre as questões de género.

Em relação à escolaridade, os 21 seniores participantes dessa análise possuem uma escolaridade acima da média nacional para essa faixa etária, o que pode ajudar a explicar o interesse que possuem em frequentar aulas de informática, adquirir novos conhecimentos na Universidade Sénior, participar em iniciativas como as do Media Lab e do Dia Mundial da Liberdade de Imprensa. Apesar disso, também fizeram parte da

amostragem pessoas com escolaridade baixa - como é o caso da Helena (87 anos, G1) que possui o 2º ciclo de ensino - mas que parecem utilizar telemóveis e computadores na mesma proporção que aqueles com escolaridade mais alta. Portanto, podemos afirmar que, neste trabalho, a escolaridade não foi um fator determinante para apropriação e uso das tecnologias.

#### **4.6 As relações sociais - “Tenho o Skype para ver a minha neta”**

Todas as pessoas que participaram neste estudo possuem um telemóvel e utilizam essa tecnologia principalmente para receber e fazer ligações para membros da família e amigos, uma tendência também internacional revelada nos estudos da Ofcom (2007). No grupo 1, o participante de 93 anos atendeu o seu telefone e falou com a filha que vive em África, um contacto que de outra maneira não aconteceria. Assim, fica bastante claro que o telemóvel fortalece as ligações de suas redes sociais e é certamente importante na vida desses seniores.

Tô. Não vais acreditar onde eu estou! Estou no Diário de Notícias a dar uma entrevista!  
(Anacleto, 93 anos, G1)

Alguns trabalhos empíricos (Haddon 2001) identificaram que, para certas pessoas, existe uma ambivalência entre o uso das tecnologias de informação e comunicação e as relações sociais e atividades relacionadas como bem-estar. Para elas, estar *online*, significava estar isolado ou um substituto para atividades físicas e contacto social “cara a cara”. Nesta pesquisa, o que observamos foi o contrário, talvez devido a idade mais avançada, esses seniores não usam as TIC como forma de substituir o contacto presencial, mas para aceder às pessoas que estão geograficamente inacessíveis. Alguns participantes possuem familiares que vivem em outros países e apreciam os benefícios que as tecnologias podem trazer às suas relações sociais.

Tenho o Skype para ver a minha neta que vive em Londres e isso também gosto muito. (Helena, 87 anos, G1)

Tocou-me muito quando eu fiz os meus 80 anos. O meu neto estava na Califórnia, a 10.000 km de distância e falamos um com o outro através da internet. Eu digo que toda a juventude tem muita sorte em viver neste tempo. (Susete, 82 anos, G1)

Uso o Skype para falar para a África do Sul e para a Nova Zelândia. (Adelaide, 83 anos, G3)

Como já discutimos, estamos a viver um período de mudanças sociais que fazem parte de uma transição socio-tecnológica constantemente em mudança (Castells 2000). Com base nessa realidade, a internet pode ser um poderoso catalisador para encorajar as pessoas que vivem em uma mesma comunidade a se encontrarem e começarem e ter comunicação *offline* (Digital Inclusion Panel 2004).

A partir das narrativas dos entrevistados, ficou bastante claro que o telemóvel e a internet fortalecem as ligações das redes sociais já existentes, mas em nenhum dos casos serviram para ter contacto com novas pessoas e, conseqüentemente, aumentar os relacionamentos sociais “cara a cara”. Ou melhor, verificamos que contribui para a restrição dessas redes no sentido de que se tornam mais seletivas. Dentro desse contexto, o telemóvel, o computador e a internet podem suprir, reforçar, substituir outras formas de comunicação e ilustrar de uma maneira sistemática esta ambiguidade: a capacidade de conectar e desconectar-se, de interagir e de isolar-se. Na verdade, existem preocupações que as redes sociais se tornem muito individualizadas, chamadas de efeito *telecocooning* (Habuchi 2005).

Não ajuda a aumentar os amigos. Os amigos que temos e os que comunicamos é a mesma coisa. Comunicamos com os nossos amigos de sempre. Não alarga as redes sociais, mantém as de sempre. (Francisca, 65 anos, G4)

O meu marido tem telemóvel como eu. Ele olha e vê se é um número que lhe interessa, se não for, não atende. (Maria, 66 anos, G2)

Durante a análise, notamos características semelhantes às encontradas no trabalho de Johnsen (2003) que explicou que a comunicação tem uma função importante para além da troca de informação, tornando-se uma forma muitas vezes sem conteúdo ou outra função que não seja a de manter contacto social. Licoppe

(2002) fala que as relações próximas podem ser geridas com chamadas curtas e a pessoa que atende a ligação reforça o compromisso ao manter o telefone perto. O autor afirma que, nesse contexto, o ato de ligar sobrepõe-se ao conteúdo da chamada, como o que acontece neste caso:

Eu com as minhas filhas, estou sempre em contacto com elas, mesmo que elas estejam fora de casa, estou sempre em contacto com elas através do telemóvel. Às vezes não temos nada importante para falar, mas a gente liga todos os dias. (*Josefa, 68 anos, G4*)

#### **4.7 As relações intergeracionais - “O meu neto perguntou-me se eu era do tempo dos dinossauros”**

Possuir literacia mediática, ou seja, ser capaz de entender e usar as tecnologias de informação (Gilster 1997), pode ser um fator determinante para diferentes gerações e grupos de pessoas lidarem com suas vidas diárias. Supostamente, os idosos deveriam acompanhar a evolução das novas tecnologias, pois têm o potencial de abolir diferenças e limites geracionais. Argumenta-se, no espírito pós-moderno, que a idade se tornará irrelevante no mundo digital e virtual e o “‘novo velho’ terá a oportunidade de escolher entre estilos de vida e identidades ou, ainda mais espetacular, irá emergir através da tecnologia, como uma nova pessoa, um ‘tecno-indivíduo’” (Hagberg 2012, 95).

Recentemente, temos ouvido referências sobre uma categoria conhecida como *silver surfers*, ou seja, um grupo de seniores que usam e dominam as tecnologias de informação e comunicação, principalmente a internet (Selwyn, *et al.* 2003). Apesar do aumento contínuo do número de pessoas mais velhas que integram essa categoria, existe pouca evidência que sustente a existência de uma geração de *silver surfers*, em Portugal, onde somente 5% dos que têm 65 anos ou mais usam computadores (OberCom 2012).

Apesar dessas evidências, a noção de *silver surfers* reforça a ideia de que essas pessoas beneficiam das TIC e que a sua habilidade de usar as tecnologias significa a

construção de uma “ponte” que diminui as diferenças para com as gerações mais jovens (Selwyn, *et al.* 2003). O objetivo desta pesquisa não é o de identificar a existência da categoria de *silver surfers* entre os seniores que fizeram parte da amostragem, pois para isso seria necessário uma outra abordagem metodológica. No entanto, notamos nesta excerto que saber como usar o computador e a internet pode facilitar o diálogo e, conseqüentemente, as relações intergeracionais:

**O fato de terem aulas de computação e de estarem a aprender a usar a internet facilitou de alguma maneira o diálogo com outras pessoas?**

- Claro, aprendemos também os termos certos da comunicação e antes eu não conhecia. Agora quando os mais novos falam já entendemos “ah, pois, é isso”. *(Paula, 64 anos, G2)*
- Eu concordo e acho outra coisa muito importante: é que eles deixam de olhar para nós como se fôssemos analfabetos, os velhotes. *(Joana, 62 anos, G2)*
- Eu tenho um neto que uma vez me perguntou se eu era do tempo dos dinossauros, por não saber mexer no computador. A gente precisa ir avançando, acompanhar... *(Isabel, 73 anos, G2)*

Lupton e Noble (2002) dizem que o computador pessoal se tornou um símbolo de eficiência e participação na era da informação ao ponto de chegar a ser constrangedor admitir não possuir conhecimentos para usá-lo. As gerações mais velhas são consideradas problemáticas, com falta de confiança e vistas como pouco capazes de acompanhar o processo de inovação e difusão (Deursen 2012). As razões que explicam esses problemas podem estar fundamentadas pelo fato de não terem tido a oportunidade de adquirir conhecimentos sobre os computadores na escola, como acontece com as gerações mais jovens (Deursen 2012), ou no mercado de trabalho, como já referimos.

Quando perguntamos às pessoas que fizeram parte desta pesquisa o motivo pelo qual decidiram usar os computadores, surgiram várias razões. Alguns participantes disseram que se sentiam deixados para trás e que aprender como usar a internet ajudou-os a identificarem-se com a sociedade moderna. Também foi interessante notar como a iliteracia mediática foi constantemente associada ao analfabetismo.

Sentia-me muito diminuída sem computador. Eu sentia-me como se não soubesse ler, uma pessoa analfabeta. *(Josefa, 68 anos, G4)*

Eu vim (para as aulas de informática) por vergonha. Eu não sabia nada. *(Ana, 69 anos, G2)*

A minha neta sabia mexer naquilo e eu não sabia nada e eu pensei “isso não pode ser, tenho que aprender a mexer nisso”. *(Paula, 64 anos, G2)*

Hoje, não saber mexer nos computadores é muito mal, é a mesma coisa que não ter a quarta classe. Saber como usar um computador é acompanhar a sociedade. *(Ana, 69 anos, G2)*

Eu tenho um neto de sete anos e qualquer coisa ele perguntava à mãe. A mãe dizia que não sabia e ele ia procurar a resposta no computador “oh mãe, já sei”. Ele tem sete anos e eu me sentia mal um bocadinho... *(Isabel, 73 anos, G2)*

#### **4.8 Aprender para manter-se ativo - “As pessoas comentam os meus poemas, acho isso maravilhoso”**

Entre os participantes, somente um começou a utilizar o computador e a internet espontaneamente, ou seja, sem frequentar aulas de informática. Essa idosa de 87 anos (Helena, Grupo 1) faz parte dos chamados “velhos velhos” (J. Oliveira 2005), cujas características passam pela alteração significativa do ritmo de suas práticas cotidianas e das suas relações sociais, deterioração da saúde, diminuição das forças e do círculo de amizade (Hagberg 2012). Para além de aceder a informações *online*, é produtora de conteúdos, pois possui uma página onde tem depositado mais de 40 poemas de sua autoria<sup>5</sup>. Assim, para ela, usar a internet é uma forma de continuar ativa e participativa na sociedade o que, de certa forma, contraria as características da faixa etária.

Lembro-me de aprender a escrever à máquina e fazer o curso (...) Eu comecei a aprender *(como utilizar um computador)* há três anos. Hoje em dia já faço umas coisitas, embora seja pouco. Depois do almoço, enquanto os outros estão a dormir, eu estou aqui no computador a escrever. Também tenho um e-mail e as pessoas comentam meus poemas, acho isso maravilha. *(Helena, 87 anos, G1)*

---

<sup>5</sup> <http://www.luso-poemas.net/modules/news/index.php?start=0&storytopic=0&uid=16735&filter=1>

O computador e a internet são não só uma forma de entretenimento, de produzir e divulgar informação. Para além disso, também podem ajudar a diminuir o isolamento cultural:

Eu necessito mais do telemóvel do que do computador, mas gosto muito do computador porque vejo coisas que não pude ver, vejo pelo computador, muitos países, muitas coisas, porque não fui visitá-los todos. *(Helena, 87 anos, G1)*

Esses dias, procurei informações sobre exposições, sobre pintura. Tudo que havia sobre exposições de pintura em Portugal. *(Margarida, 61 anos, G3)*

Lá *(na internet)* tem qualquer informação que a gente queira, sobre cinema, teatro. *(Ana, 69 anos, G2)*

Os entrevistados expressaram interesse em aprofundar os seus conhecimentos, pensando na independência que a tecnologia poderá proporcionar no futuro, quando forem mais velhos e com pouca mobilidade física. Dessa maneira, dominar conhecimentos relacionados com as tecnologias é uma forma de se preparar melhor para o envelhecimento e de contornar problemas gerados pela idade (EC 2012).

Às vezes chego a pensar “as pessoas fazem as comprar de supermercado online”, agente sabe e eu penso, “como que é possível?” Hoje não preciso disso, não gosto, mas é bom que a gente saiba, por isso estou aqui a aprender, porque no futuro eu posso precisar, se não puder de uma maneira, faço de outra. Posso um dia não poder sair de casa, posso partir uma perna e as compras podem vir ter à casa, por esse método. Se não puder sair, as coisas vêm cá ter, não é? Tenho que ter mais conhecimentos e aprofundá-los, porque tem sempre aquela bolinha de medo. Quando for velhota e não puder sair de casa ou tiver dificuldade para andar. Eu não gosto, mas é bom saber. *(Olinda, 69 anos, G3)*

Tenho os lembretes dos aniversários no telemóvel, porque a minha cabeça não funciona bem. *(Francisca, 64 anos, G4)*

Em outros casos, adquirir mais conhecimentos em informática é uma continuação daquilo que já faziam antes de se reformarem ou uma forma de preencher o tempo livre e de se manterem ativos. Savolainen (2000) sugere que a decisão de começar a usar uma tecnologia como a internet em casa é afetada por vários fatores sociais e individuais e que usar porque “está na moda” não é suficiente.



O uso das tecnologias têm que estar de acordo com estilos de vida, especialmente se for usada como passatempo, ou lazer.

Tanto a decisão de comprar um computador, como a de vir aqui para as aulas de informática é para ocupar os tempos livres. *(Francisca, 64 anos, G4)*

Eu aposentei-me, mas eu gostava muito do que eu fazia, eu trabalhava todos os dias e estava acostumada há mais de quarenta anos a sair de casa, foi aí que eu pensei que eu tinha que ocupar o meu tempo e foi um dos principais motivos que me fez vir para aqui *(aulas de informática)*. *(manuela, 64 anos, G4)*

Muitas vezes a iniciativa de usar uma tecnologia não é uma decisão individual. Assim, identificamos a importância do encorajamento de outras pessoas para que os seniores comessem a usar o computador (Murdock, Hartmann e Gray 1996).

Eu fiquei mais entusiasmada quando fui passar umas férias como uma amiga em Valongo e ela já mexia ali no computador com uma ligeireza... e aí comecei a aprender alguma coisa ali com ela. E eu dizia “já estou velhota e agora vou aprender?” aí houve aulas aqui aí eu vim. Mas já sabia qualquer coisa. *(Adelaide, 83 anos, G3)*

Sim, geralmente é o efeito da demonstração. No meu caso foi a minha mulher. *(João, 80 anos, G3)*

Eu tive incentivo, quer dizer, no ambiente onde eu me relacionava já sabiam e eu quis também aprender. *(Margarida, 61 anos, G3)*

A decisão de criar uma conta no Facebook foi dela *(aponta para a amiga)*. Ela tinha uma quinta e me dizia “tu tens que ter uma quinta!”, aí eu fui. Era tão giro! *(Josefa, 68 anos, G4)*

Alguns pesquisadores sugerem que as pessoas mais velhas estão física e psicologicamente em desvantagem no uso das tecnologias. Fatores como “ter o controle” de uma determinada ferramenta podem ter uma influência significativa no momento de decidirem adotar ou não uma nova tecnologia (Morris e Venkatesh 2000). Pesquisas sobre padrões de uso na internet têm indicado que a possibilidade de compartilhar conteúdos ou opções disponíveis *online*, também depende da habilidade dos usuários entenderem os mecanismos de funcionamento e de se dedicarem a estes serviços (Bonfadelli 2002).

Eu já tenho lido tantas coisas sobre o Facebook, mas como não aprendi ainda a defender-me... Já tive convites para pertencer ao grupo de amigos, mas nunca aceitei, nunca respondi precisamente porque não sei, é por desconhecimento. Pois, deve-se saber minimamente. (*Matilde, 67 anos, G4*)

#### **4.9 Explorando o não uso das tecnologias - “O Senhor Mota também é o meu meio de comunicação”**

Segundo Selwyn (2004), muito do interesse académico pelos idosos e as tecnologias é baseado na presunção de que o uso das TIC é uma atividade útil e desejável em todos os setores da sociedade. Porém, segundo o autor, a retórica da “sociedade da informação” oculta o fato de que, para muitos seniores, lidar com questões do dia a dia não é necessário o envolvimento de tecnologias de informação e comunicação e, portanto, “talvez deve-se considerar uma ‘relativa vantagem’ e uma ‘relevância situacional’ das TIC pelas pessoas mais velhas” (Selwyn 2004, 381).

Apesar de todos terem acesso, no momento em que as discussões foram realizadas, quatro participantes disseram que nunca utilizaram um computador. Essas pessoas fizeram parte do primeiro grupo, têm idades entre 80 e 93 anos e vivem no Lar de Idosos. Mesmo tendo uma biblioteca com computador e internet, até então, não se sentiram motivados para usar essas tecnologias. As razões dadas estão de acordo com outros estudos que apontam para a falta de saúde (Khvorostianov, Elias e Nimrod 2012; Neves e Amaro 2012) e de acesso quando ainda estavam no mercado de trabalho (Selwyn 2004), simplesmente não ter interesse em usar um computador - característica, essa, descritas por Tukle (1986) como *computer reticence*- ou preferir outros passatempos e atividades.

Sim, a minha filha (*já tentou ensinar a usar os computadores*), mas sou mandriona e não quero aprender. A minha filha adora o computador, os meus netos, mas eu sou muito mandriona. (*Corina, 80 anos, G1*)

Eu tenho que ter o papel e o lápis. Eu era empregada bancária e reformei-me muito cedo. Quando o computador entrou, eu já não estava. (*Conceição, 85 anos, G1*)

Eu gosto muito de pintar de forma que prefiro poupar a visão para essas coisas e não para estar no computador. *(Susete, 82 anos, G1)*

A minha vida sempre foi um pouco acidentada e tenho pena nunca ninguém ter podido me ensinar *(como mexer em um computador)*. *(Anacleto, 93 anos, G1)*

Também podemos interpretar a resistência de alguns idosos às novas tecnologias como consequência de pertencerem a um grupo, cujo conhecimento e experiência prática em lidar com o novo é limitado (Hagberg 2012). Para além disto, a tecnologia é desenvolvida, em sua maioria, para as pessoas jovens que são quase sempre os primeiros a usá-las. Assim, é admissível afirmar, como faz Hagberg, que estar totalmente apto a usar uma tecnologia também é uma questão de informação, educação e persuasão. “No entanto, também é possível interpretar a resistência como uma consequência emocional e existencial ligada à idade avançada” (Hagberg 2012, 98).

A primeira vez... comecei a rejeitar aquilo *(computador)*, porque tudo que é novo para nós que temos uma certa idade, faz-nos uma certa confusão. *(José, 74 anos, G1)*

Nunca tinha mexido no computador antes de vir para cá ter aulas (...) Eu tinha uma filha solteira e ela dizia “oh mama, por que não mexes?” Eu tinha receio que ela tivesse trabalho lá e estragasse ou destruísse aquilo. Portanto, já há mais de 20 anos, só que eu tinha medo, tinha muito receio de mexer. Tinha computador em casa, mas era da minha filha e tinha medo de mexer naquilo. *(Isabel, 73 anos, G2)*

Medir o fosso digital baseado no acesso e posse das TIC não é eficaz, pois não retrata adequadamente os padrões de envolvimento com as tecnologias disponíveis. Crang e Stephen (2005), por exemplo, sugerem que embora algumas pessoas não tenham acesso direto à internet, talvez tenham vizinhos, familiares ou amigos que forneçam esse acesso e suporte. Esse aspeto foi particularmente observado no primeiro grupo de foco, cujos participantes vivem no Lar de Idosos e onde se encontram as quatro pessoas que nunca usaram um computador. O membro mais jovem desse grupo é também aquele mais familiarizado com o computador e com a internet e, por este motivo, assumiu o papel de “facilitador” para os outros moradores do Lar que não dominam essas ferramentas.

Uso muito ali o Senhor Mota. Quando preciso de mensagens dos filhos é através do Senhor Mota. Eu tenho um filho a trabalhar em Angola, de maneira que o Senhor Mota também é o meu meio de comunicação (*todos riem*). (Conceição, 85 anos, G1)

Durante o grupo focal, esse mesmo participante de 74 anos que é responsável por um pequeno jornal publicado no Lar de Idosos e que também está *online*<sup>6</sup>, fez a leitura de uma de suas peças que representa bem a sua função como elo de ligação entre os residentes do Lar e seus familiares:

Nós, o Facebook e o Skype.

“Já vem sendo habitual relatar aqui o êxito que as novas Tecnologias da Informação vêm desempenhando no estreitamento de laços entre residentes e seus familiares ou amigos. É sempre gratificante a reprodução de mensagens e textos a comprovar a eficácia da internet, através dos sites sociais: -“Olá Sr. José Mota. Sou filho de um casal de residentes do Lar de Brejos de Azeitão, Manuel e Idalina. Gostava que me aceitasse como seu amigo. Abraço.” Depois de breve hesitação, aceitei! Dezasseis horas decorridas, recebi esta mensagem: “Eu estou sem palavras, emocionado, com o amigo José. Vi as fotos, os vídeos e vi os meus velhotes. Não faz ideia a alegria que me deu. Eu estou longe deles, vivo na Madeira, mas agora graças a si eu sinto-me mais próximo deles. Obrigado.” A 10 de abril, tivemos um [face-a-face] através do Skype: pais e filho conversaram na biblioteca pela primeira vez. A 12 foi o aniversário do Sr. Manuel e novo contacto aconteceu, desta vez com a presença da nora, ao lado do filho.” (José, 74 anos, G1)

O exemplo acima está de acordo com Colin Williams e Jan Windebank (2000) que falam da importância da ajuda mútua como uma eficiente forma de combater a exclusão social, promover a inclusão na sociedade e contribuir para o desenvolvimento de atividades importantes no cotidiano das pessoas.

#### **4.10 A dependência da tecnologia - “Para mim é o telemóvel, para frente e para trás”**

Ao contrário do telefone fixo, o telemóvel é um objeto individual, que se transporta e, por esse motivo, não está ligado a um lugar físico. Como resultado,

---

<sup>6</sup> <http://olar110.blogspot.pt/>

muitas pessoas veem o telemóvel como uma extensão de si próprios (Hulme e Peters 2002), integrada fisicamente com as roupas e o corpo dos usuários. O que notamos entre os entrevistados foi um sentimento de ligação constante até mesmo entre aqueles que se consideram mais independentes dessa tecnologia.

**A senhora conseguiria viver sem o telemóvel?**

- Não, não, eu não, pra mim não, eu tenho que ter o telemóvel. *(Adelaide, 83 anos, G3)*

**- E o senhor, o que pensa?**

- Eu tenho esperança de viver sem telemóvel, é uma questão de filosofia. Eu procuro ensinar os meus netos, pá, nós temos, desde pequeninos, saber viver com o que temos. *(João, 80 anos, G3)*

**- Mas o senhor tem vontade de parar de usar o telemóvel?**

Não, enquanto houver, eu vou usando, tenho que continuar a viver, mas não me assusta a ideia. *(João, 80 anos, G3)*

**- E a senhora, o que pensa?**

- Eu concordo com aquele senhor. Por exemplo, eu vou daqui para a província, para a terra do meu marido, eu até me esqueço que tenho telemóvel, ponho para ali e até deixo descarregar a bateria. Estou lá no silêncio, no descanso absoluto. *(Olinda, 69, G3)*

- Mas se precisar dele para qualquer coisa ele está lá! *(Adelaide, 83 anos, G3)*

- Claro, é isso. *(Olinda, 69 anos, G3)*

Portanto, existe uma descontextualização de espaço, por não estar ligado a um ponto fixo, e de tempo, pois é esperado que os usuários carreguem os telemóveis sempre consigo. Esses dois aspetos combinados permitem às pessoas comunicarem mais e organizarem suas rotinas de forma a potencializá-las de acordo com suas necessidades (Licoppe 2002). Essas máquinas tornaram-se claramente importantes para alguns dos idosos, ao ponto de se converterem em um “*pet* no ambiente doméstico. São também parte e parcela importante da rotina diária, da autoimagem, essencialmente, o papel de parede da vida” (Mante e Heres 2002, 144).

O telemóvel é todos os dias. Não quer dizer que fale, mas tem que estar perto. *(Matilde, 67 anos, G4)*

Para mim o mais importante é o telemóvel, para frente e para trás. *(Corina, 80 anos, G1)*

Há duas semanas atrás, teve um corte em Setúbal das três às nove e meia da noite e eu não tinha internet, televisão e telefone. Parece que me faltava... eu perdi as contas das vezes que fui à sala ver se o *modem* tinha as luzes acesas. *(Francisca, 65 anos, G4)*

O envelhecimento não é um período estático. As pessoas reformam-se, os filhos saem de casa, parentes e amigos morrem, surgem pressões financeiras e físicas que modificam ou limitam a capacidade de se deslocarem. Essas características podem influenciar no modo como as pessoas veem e utilizam as tecnologias. Com base nessa realidade notamos que os entrevistados possuem um telemóvel também pela possibilidade de efetuar chamadas em caso de emergência ou auxílio na resolução de problemas.

Eu acho que não conseguia viver sem o telemóvel. Estou a dar um exemplo: estou em casa e sinto-me mal, mas ainda consigo utilizar o telemóvel, ligo pro meu filho e ele atende porque ele tem telemóvel, todos têm telemóvel, até os meus netos, se não encontrar um, telefono para o outro. *(Adelaide, 83 anos, G3)*

Não sou capaz de estar num elevador sem telemóvel, porque acho que o telemóvel é uma segurança, se acontecer qualquer coisa, se o elevador parar, eu posso telefonar. *(Matilde, 67 anos, G4)*

## Conclusão

Este trabalho apresenta os resultados de uma investigação desenvolvida com base em duas tendências que têm afetado a sociedade portuguesa: a evolução e difusão das tecnologias de informação e comunicação e o envelhecimento da população, ou seja, a sociedade de informação está a envelhecer (Bernard e Phillips 2000). Assim, analisamos a apropriação e o uso do telemóvel, do computador e da internet por quatro grupos de seniores com idades entre 61 e 93 anos, que vivem na região de Lisboa, e tentamos perceber, através de suas narrativas, como a apropriação dessas tecnologias influencia em suas relações sociais. Utilizamos uma metodologia qualitativa – grupos de focos - que nos permitiu recolher uma grande quantidade de informações. Depois de analisadas, pudemos responder ao nosso questionamento inicial: qual a importância do uso e apropriação das novas tecnologias de informação e comunicação, nomeadamente o telemóvel, o computador e a internet nas relações sociais de grupos de pessoas mais velhas em Portugal?

As pessoas que contribuíram nesta pesquisa empírica pertencem a uma geração que viveu, pelo menos, seis décadas e que testemunhou períodos de grandes mudanças sociais em Portugal. Para além disso, viram a criação e desenvolvimento de muitas tecnologias, inclusive aquelas relacionadas com a informação e comunicação. Vimos exemplos de como lidaram com os diferentes níveis tecnológicos dependendo do contexto e das circunstâncias em que estavam inseridos e também das suas características pessoais. Portanto, a influência por detrás das pessoas é multifacetada e histórica com indivíduos vivendo “percursos tecnológicos” mediados por contextos tanto individuais como do ambiente a que pertencem.

Assim, a primeira conclusão que podemos apontar é que as apropriações e usos que estes seniores dão às tecnologias foram influenciadas pelas suas histórias de vida e que diferenças sociais, de classe, de cultural, geográficas, de educação, de carreiras profissionais, juntas, definiram uma série de expectativas, necessidades e competências que marcaram diretamente o modo como lidam com o telemóvel, o

computador e a internet. Desta forma, afirmamos que devemos deixar de lado uma visão centrada nas tecnologias e adotar uma perspetiva mais alargada e interdisciplinar sobre a diversidade das pessoas idosas, as circunstâncias culturais, sociais e materiais que possuem, suas necessidades, desejos e suas práticas cotidianas com os *media*".

Para alguns dos participantes deste estudo, a diminuição da habilidade de se deslocarem, o aumento do isolamento e falta de estimulação na participação da vida pública são aspetos que fizeram com que o telemóvel se tornasse parte do cotidiano ao ponto de alguns dos entrevistados confessarem não imaginar suas vidas sem esse objeto. Notamos que a ansiedade em relação à segurança pessoal potenciada, talvez pelos *media*, mas também por pessoas próximas e por suas próprias experiências, ajuda a alimentar, em alguns casos, a "dependência" do telemóvel. Desta forma, apesar de não usarem todos os recursos oferecidos por essa tecnologia, todos a adotaram definitivamente. Falaram do telemóvel como algo que permitia manter contacto a qualquer momento e em qualquer lugar com aqueles que estão geograficamente afastados, potenciando as relações sociais e contribuindo para a inclusão social, principalmente no caso dos mais idosos.

Os entrevistados que usam os computadores e a internet fazem-no principalmente em casa, mas também em áreas comum como no caso da biblioteca do Lar de Idosos e fazem-no por diversas razões: manter contacto com familiares e amigos que estão fisicamente inacessíveis como, por exemplo, parentes que vivem em outros países; porque é mais barato conversar pelo computador; pela possibilidade de ver a imagem da pessoa (através do Skype) e para fazer compras. O computador e a internet também foram descritos como fontes de entretenimento, como ferramentas de pesquisa sobre os mais diversos interesses, como meios de produção e divulgação de conteúdos e, principalmente, de acesso à informação ajudando-os a formar um entendimento mais amplo da sociedade portuguesa e do mundo.

A visão geral que possuem das tecnologias está longe de ser negativa e esteve quase sempre ligada à rapidez da transmissão da informação e descritas através de expressões como: fantástico, maravilha, um milagre, essencial, necessário, agradável, tudo de bom, importantíssimo. O telemóvel foi maioritariamente visto como



indispensável para as relações sociais, uma ajuda no caso de emergência e útil tanto no ambiente doméstico, como profissional. Com relação aos computadores e a internet, foram considerados quase como tecnologias “mágicas” por reconhecerem os benefícios que trazem à sociedade, construindo novas percepções e categorias de tempo e espaço. Foi curioso ouvir como a impossibilidade de usar o computador e a internet foi associada a termos negativos como “vergonha”, “analfabetismo” e “sentir-se mal”. Portanto, saber como usar esses recursos, para este grupo de seniores, significou diminuir as diferenças que os separam das gerações mais jovens e, conseqüentemente, potenciar as relações intergeracionais.

Se alguns dos entrevistados demonstraram pouco ou nenhum interesse em aprender como usar os computadores, classificá-los como “não usuários absolutos” é errôneo, pois a falta de literacia digital foi, muitas vezes, ultrapassada buscando “favores tecnológicos” de outras pessoas que intermediavam a comunicação. Assim, fazendo referência a uma perspectiva mais teórica, tentamos contrariar o debate público e as pesquisas sobre o *digital divide*, que ainda estão muito centradas na tecnologia, por si só e não refletem sobre a complexidade do processo de difusão, adoção e integração da internet. Portanto, não analisamos as pessoas simplesmente como “os que têm e os que não têm” acesso, ou ainda como “os que sabem e os que não sabem” como utilizar essas tecnologias, mas, sim, o que fazem com essas tecnologias e que estratégias possuem para utilizá-las.

Estar ou não no mercado de trabalho revelou-se um fator significativo para a domesticação do computador, mas não foi determinante, pois quase metade dos entrevistados começaram a utilizá-lo depois de estarem reformados. Outro aspecto que influenciou o interesse pelos computadores foi o encorajamento de amigos e familiares, especialmente filhos e netos, e também por acreditarem que as aulas de computação era uma forma de entretenimento e lazer.

A partir das narrativas analisadas nas páginas anteriores, assim como os componentes teóricos apresentados, podemos afirmar que a apropriação e uso do telemóvel, do computador e da internet pelos grupos de pessoas que participaram nesta pesquisa, influencia positivamente nas suas relações sociais. Também verificamos que usar essas tecnologias é uma forma de potenciar a interação social e,

portanto, manter uma ligação com outras pessoas é importante para envelhecer com sucesso. Ainda que os computadores, a internet e o telemóvel tenham ficado mais acessíveis a população em geral há relativamente pouco tempo, são instrumentos capazes de modificar profundamente a sociedade, pois redefiniram os limites e as possibilidades para comunicar. São capazes de suplantar barreiras geográficas, proporcionando oportunidades para as pessoas manterem e alargarem suas redes de contactos beneficiando as pessoas mais velhas, especialmente aquelas que vivem sozinhas ou com dificuldades de se locomover.

Notamos que o uso e as funções que dão às tecnologias estão diretamente ligadas aos estilos de vida que adotaram após a reforma (principalmente entre os seniores mais jovens) e os diferentes graus de isolamento social (principalmente entre os residentes do Lar de Idosos). Apesar de termos centrado nossa atenção nas histórias de vida, ou seja, no passado, temos que reconhecer que as circunstâncias em que se encontram atualmente são igualmente importantes.

A relação entre as pessoas idosas e as TIC evidencia questões científicas, éticas e políticas (Hagberg 2012). Dentro dessa perspetiva, muitas perguntas ainda podem ser futuramente trabalhadas: as novas tecnologias estão ajudando a trazer melhor qualidade de vida para os mais velhos ou só servem para apontar diferenças entre os jovens e os idosos? Como é que as práticas, as relações interpessoais, o bem-estar e as várias visões que as pessoas possuem das TIC estão relacionadas? Ou ainda, como argumenta Hagberg (2012), igualmente importante é o modo como olhamos para a tecnologia e o seu desenvolvimento e nos perguntamos que tipos de problemas podem ser resolvidos através das tecnologias. A partir desses questionamentos, notamos que ainda existem muitos pontos que devem ser explorados. Portanto, fica a proposta para uma investigação semelhante a ser realizada com seniores brasileiros, que será comparada com os resultados da presente investigação e que certamente ajudará ao entendimento mais preciso das dimensões e consequências sociais geradas pelas das tecnologias de informação e comunicação.

## Referências Bibliográficas

- AGE Platform Europe. "Les personnes âgées aussi souffrent de la crise." Bruxelas, 2012.
- Annan, K. *In address to World Economic Forum, secretary-general says globalization must work for all*. Janeiro de 2001. [http://www.un.org/News/dh/latest/address\\_2001.htm](http://www.un.org/News/dh/latest/address_2001.htm) (acedido em 4 de janeiro de 2013).
- Aroldi, P. *Generational belonging between media audiences and ICT users*. Vol. 5, em *Broadband Society and Generational Changes*, de F. Colombo e L. Fortunati, 51-68. Frankfurt: Peter Lang, 2011.
- Aroldi, P., e C. Ponte. "Adolescents of the 1960s and 1970s: an Italian-Portuguese comparison between two generations of audiences. ." *Cyberpsychology: Journal of Psychosocial Research on Cyberspace*, 2012.
- Aroldi, P., e F. Colombo. "Generational belonging and mediascape in Europe." *Journal of Social Science Education*, junho de 2007: 34-44.
- Azevedo, C. "Gerações, audiência e representações mediáticas." *Revista Comunicando*, dezembro de 2012: 4-17.
- Azevedo, J., e M. Seixas. "Questões de género na participação digital." *Media e Jornalismo*, 2011: 59-80.
- Bernard, M., e J. Phillips. "The challenge of ageing in tomorrow's Britain." *Ageing and Society*, 2000: 33-54.
- Bimber, B. "Measuring the Gender Gap on the Internet." *Social Science Quarterly*, 2000, 3 ed.: 868-876.
- Bonfadelli, H. "The Internet and knowledge gaps. A theoretical and empirical investigation." *European Journal of Communication*, 2002: 65-84.
- Boulton-Lewis, M., L. Buys, E. Lovie-Kitchin, K. Barnett, e N. David. "Ageing, learning and computer technology in Australia." *Educational Gerontology* 33(3) (2007): 253-270.
- Bower, B. "Social links may counter health risks: research on how social isolation affects mortality in older adults." *Science News*, 1997: 135.
- Cain, L. D. "The sociology of ageing: a trend report and bibliography." *Corrent Sociology*, 1959: 8-57.
- Campbell, S., e N. Kwak. "Political Involvement in "Mobilized" Society : The Interactive Relationships Among Mobile Communication, Network Characteristics, and Political Participation." *Journal of Communication*, dezembro de 2011: 1005-1024.

- Campbell, S., e Y. Park. "Social implications of mobile telephony: the rise of personal communication society." *Sociology Compass*, 2008: 371–387.
- Cardoso, S., M. Santos, M. Baptista, e C. Susana. "Estado e políticas sociais sobre a velhice em Portugal (1990-2008)." *Análise Social*, 2012: 606-630.
- Carey, M. "The group effect in focus groups: planning, implementing, and interpreting focus group research." In *Critical Issues in Qualitative Research Methods*, de J. Morse, 225–241. London: Sage Publications, 1996.
- Castells, M. *The Rise of the Network Society: The Information Age: Economy, Society and Culture*. Oxford: Blackwell, 2000.
- Castells, M., M. Fernandez, J. Linchuan, e A. Sey. *Mobile communication and society: a global perspective*. Cambridge: MA: MIT Press, 2007.
- Chen, H. "Introduction to Special Section on Aging and the Internet. ." *Ageing International*, 2008: 1-2.
- Corsten, M. "The time of generations." *Time and Society*, Vol. 8, 1999. pp. 249-272, 1999: 249-272.
- Coulson, I. "Introduction: technological challenges for gerontologists in the 21st century." *Educational Gerontology*, 2000: 307-315.
- Crang, M., e S. D. Graham. *Multispeed cities and the logistics of living in the Information Age*. Project Repor, Swindon: Economic and Social Research Council, 2005.
- Czaja, S., e C. Lee. "The impact of aging on access to technology." *Universal Access in the Information Society*, dezembro de 2007: 341–349.
- Czaja, S., e J. Sharit. "Ability-performance relationships as a function of age and task experience for a data entry task." *Journal of Experimental Psychology*, 1998: 332–351.
- Czaja, S., J. Sharit, J. Ownby, D. Roth, e S. Nair. "Examining age differences in performance of a complex information search and retrieval task." *Psychology and Aging*, 2001: 564–579.
- Dannefer, D. "What's in a name? an account of the neglect of variability in the study of aging." In *Emergent theories of aging*, de J. Birren, V. Bengtson e D. Deutchman. New York: Springer, 1988.
- Debert, G. *A reinvenção da velhice: Socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Fapesp, 1999.
- . "A invenção da terceira idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas." *Revista brasileira de ciências sociais*, 1 de janeiro de 1997: 39-56.
- Deursen, A. "Age and Internet skills: rething the obvious." In *Generational use os new media*, de E. Loos, L. Haddon e E. Mante-Meijer, 170-184. England: Ashgate, 2012.

- Dholakia, R., N. Dholakia, e N. Kshetri. *Gender and internet usage*. Vol. 2, em *The Internet Encyclopedia*, de H. Bidgoli, 12-22. New York: Willey, 2003.
- Dhunpath, R. "Life history methodology: "narradigm" regained." *Qualitative studies en education*, 2000: 543–551.
- Dias, I. " O uso das tecnologias digitais entre os seniores: Motivações e interesses. ." *Sociologia, Problemas e Práticas*, 2012: 51-77.
- Dickinson, A., e P. Gregor. "Computer use has no demonstrated impact on the well-being of older adults." *Int. J. Hum.Comput. Stud.*, 2006: 744–753.
- Digital Inclusion Panel. "Enabling A Digitally United Kingdom: A Framework For Action." London: Cabinet Office, 2004.
- EC. "Active ageing and solidarity between generations – A statistical portrait of the European Union 2012." *Statistical books*. Luxembourg: Publications Office of the European Union, 2012.
- EC. "Annual Growth Survey 2013." Communication, Brussels, 2012.
- Edmunds, J., e B. Turner. "Global generations: social change in the twentieth century." *The British Journal of Sociology*, 2005, 4 ed.: 559-577.
- Eurofound. *Income from work after retirement in the EU*. Luxembourg: Publications Office of the European Union, 2012.
- Eurostat. "Population and social conditions." *Statistics in focus*. etembro de 2012.
- Ferreira, M., e P. Kowal. "A Minimum Data Set on Ageing and Older Persons." *African Population Studies*, 2010: 19-36.
- Foley, P., S. Ghani, e X. Alfonso. *The Digital Divide In A World City : A Literature Review And Recommendations For Research And Strategy Development To Address The Digital Divide In London*. United Kingdom: Greater London Authority , 2002.
- Fortunati, L. "The mobile phone: Towards new categories and social relations." *Information, Communication & Society*, 2002: 513-528.
- Gilster, P. *Digital literacy*. New Jersey: Hoboken, 1997.
- Gorman, M. *Development and the rights of older people*. London: Earthscan Publications Ltd., 1999.
- Governo de Portugal. "Programa de ação do AEEASG'2012 Portugal." Lisboa, janeiro de 2012.
- Gutzmann, H. "Diagnosis and therapy of depression in advanced age." *Therapeutische Umscha*, 2000: 95–99.

- Habuchi, I. "Accelerating Reflexivity." In *Personal, Portable, Pedestrian: Mobile Phones in Japanese Life*, de I. Mizuko, D. Okabe e M. Matsuda, 165–182. Cambridge: MIT Press, 2005.
- Haddon, L. "Time and ICTs." *Researching Time*. University of Manchester, 2001.
- Haddon, L., e R. Silverstone. *Information and Communication Technologies and the Young Elderly*. A report on the ESRC/PICT Study of the Household and Information and Communication Technologies, University of Sussex: Brighton: SPRU CICT, 1996.
- Hagberg, J. "Being the oldest old in a shifting technology landscape." In *Generational of new media*, de Eugène Loos, Leslie Haddon e Enid Mante-Meijer, 89-106. England: Ashgate, 2012.
- Halloran, J. "Mass communication research: Asking the right questions." In *Mass communication research methods*, de A. Hansen, 1-32. London: Sage, 1989.
- Hareven, T. "Changing images of aging and the social construction of the life course." In *Imagens of aging: cultural representation of later life*, de M. Featherstone e A. Wernick, 119-135. London: Routledge, 1995.
- Hazan, H. *Old age: constructions and deconstructions*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- Hulme, M., e S. Peters. "Me, My Phone, and I: The Role of The Mobile Phone." *Proceedings of CHI Workshop on Mobile Communications*. Washington, abril de 2002.
- Iervolino, S., e M. Pelicioni. "A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde." *Revista da Escola de Enfermagem - USP*, junho de 2001: 115-121.
- INE. *Censos 2011 – Resultados Provisórios*. Lisboa: INE, 2011.
- INE. *Censos 2012 - Resultados definitivos*. Lisboa: INE, 2012.
- INE. "Inquérito às Despesas das Famílias 2010/2011." Lisboa, 2012.
- INE. "O Envelhecimento em Portugal: Situação demográfica e socio-económica recente das pessoas idosas." Serviço de Estudos sobre a População do Departamento de Estatísticas Censitárias e da População, Lisboa, 2002.
- INE. "Situação demográfica e socio-económica recente das pessoas idosas." Serviço de Estudos sobre a População do Departamento de Estatísticas Censitárias e da População, Lisboa, 2002.
- INE, e INSA. "Inquérito Nacional de Saúde 2005/2006." Lisboa, 2009.
- ITU. "Measuring the Information Society." Switzerland, 2012.
- Johnsen, T. "The Social Context of the Mobile Phone Use of Norwegian Teens." In *Machines that Become Us: The Social Context of Communication Technology*, de J. Katz, 161–170. New Brunswick: Transaction Publishers, 2003.

- Junior, P. "Sobre alguns conceitos e características de velhice e terceira idade: uma abordagem sociológica." *Linhas*, 2005.
- Katz, J., e R. Rice. *Social consequences of Internet use: access, involvement, and interaction*. Cambridge: MA: MIT Press, 2002.
- Khvorostianov, N., N. Elias, e G. Nimrod. "'Without it I am nothing': The internet in the lives of older immigrants." *New Media and Society* 14 (June 2012): 583-599.
- Kitzinger, J. *Introducing focus groups*. UK: Glasgow University Media Group, 1995.
- Kleider, D. *Leisure experience and human development: A dialectical interpretation*. New York: Basic Books, 1999.
- Leal, A. *Temas de segurança social*. Lisboa: União das Mutualidades Portuguesas, 1998.
- Lenhart, A., e J.B. Horrigan. "Re-visualizing the Digital Divide as a Digital Spectrum." *IT & Society*, 2003: 23-39.
- Lenoir, R. "L'invention du 'troisième âge'." *Actes de la recherche en sciences sociales*, março - abril de 1979: 57-82.
- Licoppe, C. "Two modes of maintaining interpersonal relations through telephone: from the domestic to the mobile phone." In *Machines that become us: the social context of personal communication technology*, de J. Katz, 171-186. New Jersey: Transaction Publishers, 2002.
- Liff, S. "What Do We Mean By 'Providing Access'?" *Communications Regulation And Low Income Consumers*. London: Ofcom Consumer Panel, 2004.
- Ling, R. *New tech, new ties: How mobile communication is reshaping social cohesion*. Cambridge: MA: MIT Press., 2008.
- Loos, E. "Generational use of new media and the (ir)relevance of age." In *Broadband Society and Generational Changes*, de F. Colombo e L. Fortunat, 259-273. Berlin: Peter Lang, 2011.
- Loos, E., L. Haddon, e E. Mante-Meijer. *Generational use of new media*. England: Ashgate, 2012.
- Lopes, A., e R. Lemos. "Envelhecimento demográfico: percursos e contextos de investigação na Sociologia Portuguesa." *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 2012: 13-31.
- Lorente, S. "Youth and mobile telephones: more than a fashion." *Estudios de Juventud*, 2002: 9-24.
- Luoma, M.-L., et al. *Prevalence Study of Abuse and Violence against Older Women. Results of a Multi-cultural Survey in Austria, Belgium, Finland, Lithuania, and Portugal*. European

- Report of the AVOW Project, Finland: National Institute for Health and Welfare (THL), 2011.
- Lupton, D., e G. Noble. "Mine/not mine: appropriating personal computers in the academic workplace." *Journal of Sociology*, 2002: 5-23.
- Mannheim, K. *The problem of generation: essays on the sociology of knowledge*. London, 1952.
- Mante, E., e J. Heres. "Face and place: the mobile phone and internet in the Netherlands." In *Machines that become us: the social context of personal communication technology*, de E. Katz, 127-146. New Jersey: Transaction Publishers, 2002.
- McAdams, D. "The role of defence in the life story." *Journal of Personality*, 1998: 1125-1146.
- McLuhan, M. *Understanding Media: The Extensions of Man*. New York: New American Library, 1964.
- Meassi, C. G. "A construção social do idoso a partir da representação midiática." 2008. [http://www.faac.unesp.br/pesquisa/idosomidia\\_antigo/docscarla.html](http://www.faac.unesp.br/pesquisa/idosomidia_antigo/docscarla.html) (acedido em 02 de outubro de 2012).
- Mellor, D., L. Firth, e K. Moore. "Can the Internet improve the well-being of the elderly?" *Ageing International*, 2008: 25-42.
- Merton, R., M. Fiske, e P. Kendall. *The focused interview: a manual of problems and procedures*. New York: Free Press, 1990.
- Morgan, D. "Focus groups." *Annual Review Sociology*, 1996: 129-152.
- Morris, M., e V. Venkatesh. "Age differences in technology adoption decisions: implications for a changing work force." *Personnel Psychology*, 2000: 375-403.
- Mortari, F. *Inclusão digital das pessoas mais velhas: Uma experiência de ações de formação nos Espaços Internet em Portugal*. Dissertação de mestrado em Ciências da Educação, Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, 2011.
- Murdock, G., P. Hartmann, e P. Gray. "Conceptualising Home Computing: Resources And Practices." In *Information Technology And Society*, de N. Heap et al, 269-283. London: Sage, 1996.
- Neri, A. L. *Envelhecer num país de jovens. Significados de velho e velhice segundo brasileiros não idosos*. Campinas: UNICAMP, 1991.
- Netto, M. "O estudo da velhice no século XX: histórico, definição do campo e termos básicos." In *Tratado de Geriatria e Gerontologia*, de E. V. et al Freitas, 2-12. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.
- Neugarten, B. L. "The changing meanings of age." *Psychology Today*, maio de 1987: 29-34.
- Neves, B., e F. Amaro. "Too old for technology? How the elderly of Lisbon use and perceive ICT." *The journal of community informatics*, 2012.



- Nimrod, G. "The fun culture in seniors' online communities." *The Gerontologist* (Oxford University Press) 51 (2010): 226–237.
- OberCom. *Sociedade em Rede. A Internet em Portugal 2012*. Lisboa: Publicações Obercom, 2012.
- Ofcom. *Digital lifestyles: Adults aged 60 and over*. Uk: Ofcom, 2009.
- Ofcom. "Social inclusion and communications: a review of the literature." UK, 2007.
- Oliveira, I. "Os seniores na sociedade da informação e da comunicação – Inquérito sobre indivíduos com idade igual ou superior a 55 anos." *Comunicação oral apresentada na conferência Diversidade Digital*. Lisboa, 2011.
- Oliveira, J. *Psicologia do Envelhecimento e do Idoso*. 2ª. Porto: Livpsic, 2005.
- Oliveira, R., M. Rosa, A. Pinto, M. Amália, e S. Botelho. "Estudo do Perfil do Envelhecimento da População Portuguesa." Lisboa, 2010.
- Peixoto, C. "Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso terceira idade..." In *Velhice ou terceira idade?*, de M. Barros, 69-84. Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- Pereira, C., e R. Neves. "Os idosos e as TIC – competências de comunicação e qualidade de vida." *Revista Kairós Gerontologia*, março de 2011: 05-26.
- Perista, H., e P. Perista. *Género e envelhecimento: planear o futuro começa agora!* Estudo de diagnóstico, Lisboa: Digital Offset Multimédia, 2012.
- Pew Internet & American Life Project. *PewResearchCenter*. 2010.  
<http://www.pewinternet.org/Commentary/2010/January/38-of-adults-age-65-go-online.aspx> (acedido em outubro de 2012).
- Pew Internet & American Lifeproject. *PewResearchCenter*. 2004.  
<http://www.pewinternet.org/Reports/2004/Older-Americans-and-the-Internet.aspx> (acedido em outubro de 2012).
- Phillipson, C. "The 'elected' and the 'excluded' : sociological perspectives on the experience of place and community in old age." *Ageing & Society*, 2007: 321–342.
- Ponte, C. "Jovens e internet: discutindo divisões digitais." In *Comunicação, Cultura e Juventude*, de Marialva Barbosa e Osvaldo Morais, 42-71. São Paulo: INTERCOM, 2010.
- Prensky, M. "Digital Natives, Digital Immigrants." *On the Horizon*, 2001: 1-6.
- Quaresma, M. "Política de velhice. Análise e perspectivas." *Psicologia*, 1988: 227-237.
- Rapagnani, G. "Le suicide chez la personne âgée." *Revue Medicale de Liege*, 2002: 91–96.
- Ribeiro, O. "O envelhecimento "ativo" e os constrangimentos da sua definição." *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 2012: 33-52.

- Rodrigues, L., e G. Soares. "Velho, idoso e terceira idade na sociedade contemporânea." *Revista Ágora*, 2006: 1-29.
- Roebuck, J. "When does old age begin?: the evolution of the English definition." *Journal of Social History* 12 (1979): 416-428.
- Salgado, M. "Conceituação de velhice." *A terceira idade*, março de 1996.
- Santos, R. "HISTÓRIA DAS TELECOMUNICAÇÕES EM PORTUGAL." *Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação*. 1998. <http://www.bocc.ubi.pt/pag/santos-rogerio-historia-telecomunicacoes.pdf> (acedido em 8 de Janeiro de 2013).
- Savolainen, R. "Embarking on the Internet: what motivates people?" *Aslib Proceedings*. Vol. 52. 2000.
- Selwyn, N. "ICT for all? Access and use of Public ICT Sites in the UK." *Information, Communication & Society*, Jun de 2003: 350-375.
- . "The information aged: a qualitative study of older adults' use of information and communications technology." *Journal of Aging Studies*, 2004: 369-384.
- Selwyn, N., S. Gorard, J. Furlong, e L. Madden. "The Information Aged: Older Adults' Use Of Information And Communications Technology In Everyday Life." *Older adults' use of information and Ageing and Society*, 2003: 561-582.
- Sharit, J., e S. Czaja. "Performance of a complex computerbased troubleshooting task in the bank industry." *International Journal of Cognitive Ergonomics*, 1999: 1–22.
- Silva, L. "Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das entidades atreladas ao processo de envelhecimento." *História, Ciência, Saúde - Manguinhos*, Janeiro de 2008: 155-168.
- Silverstone, R. "Domesticating domestication. Reflections on the life of a concept." In *Domestication of Media and Technology*, de Thomas Berker, Maren Hartmann, Yves Punie e Katie J. Ward, 229-248. UK: Open University Press, 2006.
- Stefik, M. *Internet Dreams: Archetypes, Myths, and Metaphors*. Cambridge: The MIT Press, 1996.
- Turkle, S. "Computational reticence: why women fear the intimate machine." In *Technology and Women's Voices*, de C. Kramarae, 46-61. New York: Pergamon Press, 1986.
- UN. *Ageing in the Twenty-First Century: A Celebration and A Challenge*. New York: United Nations Population Fund, 2012.
- . "Population Ageing and Development 2012." New York: United Nations - Population Division, setembro de 2012.
- . "Proclamation on Ageing." *General Assembly resolution 47/5*. 16 de Outubro de 1992.
- UN. *Report of the Second World Assembly on Ageing*. Secretariat of the United Nations, New York: United Nations publication, 2002.

- . “Vienna international plan of action on aging.” New York, 1983.
- UN. *World Population Ageing 1950-2050*. Population Division, DESA, United Nations, s.d.
- Veloze, E. “A análise da política da terceira idade em Portugal, de 1976 a 2002.” *VI Congresso português de sociologia*. Universidade Nova de Lisboa, 2008.
- Wallace, C. “Household Strategies: Their Conceptual Relevance and Analytical Scope in Social Research.” *Sociology*, 2002: 275–292.
- WHO. “Active ageing: a policy framework.” *Ageing and Life Course*. 2002.
- . *Definition of an older or elderly person: proposed working definition of an older person in Africa for the MDS project*. s.d.  
<http://www.who.int/healthinfo/survey/ageingdefnolder/en/index.html> (acedido em 16 de outubro de 2012).
- Wilkinson, S. “Focus group methodology: a review.” *International Journal of Social Research Methodology*, 1998: 181–203.
- Williams, C., e J. Windebank. “Self-help and mutual aid in urban neighbourhoods: Some lessons from Southampton.” *Urban Studies*, 2000: 27–147.
- Witheral, C., e N. Noddings. *Stories lives tell: Narratives and dialogue in education*. New York: Teachers College Press, 1991.
- Xie, B. “Information technology education for older adults as a continuing peer-learning process: A Chinese case Study.” *Educational Gerontology*, 2007: 429-450.
- Xie, B. “Older adults, computers, and the Internet: Future directions.” *Gerontchjournal*, 2003: 289-305.
- Yu, L., e T. Tng. “Culture and design for mobile phones for China.” In *Machines that become us: the social context of personal communication technology*, de E. katz, 187-200. New Jersey: Transation Publishers, 2002.
- Zelenev, S. “Towards a ‘society for all ages: meeting the challenge or missing the boat.” *International Social Science Journal* (Blackwell Publishing), 2006: 601-616.

## **Anexo1**

### **Questionário do grupo de foco 1**

#### **Um dia com os *media* - um diálogo entre gerações**

##### **Introdução sumária ao dia e à iniciativa**

Temos aqui dois grupos pertencentes a gerações diferentes, que gostaríamos de pôr em contacto para trocarem experiências relacionadas aos meios de comunicação social. São seis cidadãos experientes, que cresceram com a rádio e viram o nascimento da televisão, e quatro jovens que sempre viveram rodeados pela tecnologia. O nosso objetivo é criarmos uma conversa entre todos, sobre as vossas experiências com os meios de comunicação e como isso pode influenciar o modo como veem o mundo.

Começamos com uma volta, para se apresentarem em breves palavras, idade, o que estudam e o que faziam antes de se reformarem...

##### **Representações da infância/passado relacionadas com os *media***

1. Qual é a vossa memória mais antiga?
2. Lembram-se de algum episódio que tiveram com os *media* e que queiram compartilhar?
3. Há algum acontecimento que considerem importante e que tenham visto ou acompanhado através dos *media*?
4. Agora uma pergunta para os mais experientes: Em que fases das vossas vidas surgiram novos meios de comunicação, o telefone, a televisão, o computador...?

5. Agora para os mais jovens: Vocês também viram o surgimento de algumas tecnologias relacionadas com os meios de comunicação. Lembram-se de algum exemplo?

### **Representações atuais relacionadas com os *media***

1. Agora já no presente, quais são os meios de comunicação que mais utilizam, aqueles que não poderiam faltar no vosso dia a dia? E por quê?

2. Lembram-se de algum meio de comunicação social que era muito utilizado no passado e que agora já não usam muito?

3. Agora uma pergunta para os mais velhos: Os computadores pessoais apareceram há trinta anos. Como foi a chegada do computador nas vossas vidas? Alguém já se ofereceu para vos ajudar a utilizar essa tecnologia?

4. Uma pergunta para os mais novos: Já tentaram ensinar alguém mais velho a utilizar os computadores, a internet ou alguma outra nova tecnologia? Como foi esta experiência?

### **“Eles são aqueles que...”**

Agora vamos fazer um pequeno exercício. Levando em consideração o que discutimos agora, peço-vos que vão para cada uma das mesas e escrevam em conjunto uma série de frases que representem o grupo da outra geração: ‘Eles são aqueles que...’

## **Anexo 2**

### **Questionário dos grupos de foco 2, 3 e 4**

Dar informações sobre a pesquisa, explicar como o grupo de foco será conduzido e como as informações recolhidas serão utilizadas.

Apresentação dos entrevistados.

#### **Telemóvel**

1. Primeiramente gostaria de saber se possuem telemóvel.
2. Quando adquiriram o telemóvel pela primeira vez, se recordam? Como foi essa experiência?
3. Como foi utilizar o telemóvel pela primeira vez? Se recordam?
4. Se recordam por que decidiram adquirir um telemóvel?
5. Lembram-se de algum episódio em vossas vidas em que o telemóvel foi muito importante? Podem nos contar como foi?
6. O que mudou em suas vidas depois do telemóvel?
7. Hoje, conseguiriam viver sem o telemóvel? Por quê?
8. Acham que a crise económica modificou, de alguma forma, o modo como utilizam o telemóvel?
9. Acham que existe alguma regra para o uso do telemóvel em lugares públicos? Lembram de algum caso que queiram partilhar?
10. O que fazem com o telemóvel para além de fazer e receber chamadas?
11. Qual a importância do telemóvel para as vossas relações sociais?

#### **Computador/internet**

1. Quando aconteceu o primeiro contacto com um computador? Lembram-se como foi? Isto foi a quanto tempo?
2. Têm computador em casa? Quando adquiriram? (Se não, por quê?)
3. Por que decidiram fazer aulas de informática?

4. Porque usam o computador e a internet? O que traz de positivo e negativo para as suas vidas?
5. O que fazem no computador e na internet?
6. Quem faz parte de alguma rede social? O que pensam sobre as redes sociais/ Facebook?
7. O fato de fazerem aulas de computação e estarem a aprender a usar a internet, facilitou de alguma maneira o diálogo com outras pessoas?
8. Qual a vossa opinião sobre a internet?

### **Geral**

1. O que pensam sobre o consumo relacionado às tecnologias, hoje?
2. Acham que vossas vidas se modificaram, de alguma forma, com o uso dessas tecnologias?
3. Acham que os jovens de hoje sabem o que é viver em crise, se compararmos com a vossa juventude?
4. Acham que o atual contexto económico em que Portugal se encontra, afetou de alguma forma o modo como usam estas tecnologias?
5. Se pudessem definir essas tecnologias em algumas poucas frases, quais seriam?  
(Alguns adjetivos)

## Anexo 3

### Questionário individual

1. Em que ano nasceu?
2. Onde nasceu? (lugar, concelho/país)
3. Qual a sua escolaridade?
4. Qual o seu estado civil?
5. Com quem reside atualmente?
6. Qual é a sua ocupação? Caso esteja reformado, o que fazia antes de se reformar?
7. Possui telemóvel? Caso a resposta seja positiva, desde quando? Caso a resposta seja negativa, pretende adquirir um telemóvel?
8. Qual a principal função que dão ao telemóvel?
9. Possui computador em casa? Caso a resposta seja positiva, desde quando? Caso a resposta seja negativa, pretende adquirir um computador?
10. Possui ligação à Internet?
11. Outras pessoas utilizam este computador?
12. Quando estão online, o que fazem na internet?
13. Com que frequência usa sozinho cada um destes meios?

	Várias vezes ao dia	Quase todos os dias	1 ou 2 vezes por semana	1 ou 2 vezes por mês	Menos ou nunca
Uso do computador	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Uso do telemóvel	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>



## Anexo 4

### Consentimento informado

Declaro ter recebido informação sobre os objetivos e condições de realização do Grupo de Discussão sobre **tecnologias de informação e comunicação** (telemóvel, computador e Internet) e aceitar de livre vontade participar na sessão. Os dados recolhidos nesta iniciativa serão utilizados para análise científica no âmbito de uma dissertação de mestrado em Ciências da Comunicação - Estudo dos Media e do Jornalismo - da Universidade Nova de Lisboa.

Assinatura:

Data:

## **Anexo 5**

### **Transcrição do grupo de foco 1**

#### **Apresentação do trabalho**

#### **Um dia com os *media*: Um diálogo entre gerações**

Temos aqui dois grupos pertencentes a gerações diferentes, que gostaríamos de pôr em contacto para trocarem experiências relacionadas aos meios de comunicação social. São seis cidadãos experientes, que cresceram com a rádio e viram o nascimento da televisão, e quatro jovens que sempre viveram rodeados pela tecnologia. O nosso objetivo é criarmos uma conversa entre todos, sobre as vossas experiências com os meios de comunicação e como isso pode influenciar o modo como veem o mundo, hoje.

#### **Apresentação do grupo**

Eu sou Susete, 82 anos, antes de me reformar era funcionária da Maternidade Dr. Alfredo da Costa, onde era assistente de dadores de sangue.

Sou Bruno Chambel, tenho 19 anos e sou estudante de Ciências da Comunicação.

Sou Maria Helena Pina Manique e tenho 87 anos e sempre cuidei do lar, embora estivesse empregada alguns anos.

Sou Carlos Casimiro, tenho 19 anos, estou a estudar na Faculdade de Ciências Médicas, em Lisboa e estou em medicina.

Eu sou José Mota e estudei no seminário, depois fui empregado bancário no Banco Espírito Santo, depois reformei-me e hoje estou no lar de idosos, onde exerço as minhas atividades na área da informática e na biblioteca, sou o bibliotecário e

informático. Ponho os idosos em comunicação com seus familiares através dos meus blogues e do boletim mensal.

Sou Susana Lares, tenho 19 anos e estou a estudar Ciências da Comunicação na Universidade Nova.

Peço desculpa da minha voz fazer qualquer perturbação aos vossos ouvidos, está muito mazinha, afónica como estou. Sou Maria da Conceição Taurino, tenho 85 anos, reformada bancária e atualmente residente, já a sete anos no lar de idosos de Azeitão dos bancários.

Sou Matilde Rodrigues e estudo Direito na Faculdade de Direito de Lisboa e tenho 18 anos.

Sou Maria Corina Antunes, tenho 80 anos. Não acabei o curso comercial porque comecei a namorara muito cedo e casei muito cedo e meu marido não era dessa opinião. Assim, tive uma vida de doméstica, mas fui voluntária muitos anos, nos inválidos do comércio.

Isso não morde, pois não? Se me dão licença eu vou-me levantar e vou falar um pouquinho mais alto que é para toda gente ouvir. Eu sou Anacleto Dias Pereira, tenho, desculpem, tenho 93 anos de idade, sou reformado. Agora o meu grau de instrução que é muito baixo, tive só o exame de quarta classe. E cá ando. Não sei se é preciso mais alguma coisa...

**Só isso, está ótimo, obrigada.**

**Muito bem. Agora vamos andar para trás no tempo até a época em que eram crianças. Gostaria que relembressem de momentos da vossa infância e falassem das vossas memórias relacionadas com os meios de comunicação.**

**Qual é a vossa memória mais antiga? De que se lembram relacionado aos meios de comunicação social? O que tinham a vossa volta? O que tinham em casa? Não sei quem quer começar.**

Éramos cinco irmãos, tivemos uma vida sempre muito preenchida, não éramos ricos, mas o meu pai sempre tinha aquele lema do culto pela leitura, o culto pela... A minha mãe nos contava histórias à braseira e então, lá em casa, isso não é fazer publicidade ao Diário de Notícias, mas era o jornal que se lia lá em casa. Estava em baixo da telefonia e não do rádio como se diz, dizia-se telefonia! E ele lia conforme as nossas idades, pelo menos aquilo que nós entendíamos. As notícias mais importantes, as menos importantes e era assim que nós fazíamos. (Susete, 82)

Eu penso que por ter nascido na década de 90 que nós, os jovens da minha geração, fomos sempre muito beneficiados no que toca estar no centro da Revolução Industrial e da era digital, porque foi quando se deu o desenvolvimento da televisão e principalmente da internet. O que eu me lembro que vai mais para trás é eu passar as noites a ver televisão, porque na altura ainda não conhecia a internet, ainda não havia computadores em casa, pelo menos nessa altura. E portanto, a internet foi o primeiro *media* que eu me lembro ter alguma influencia na minha vida. Na altura, se via mais os desenhos animados, normalmente, mas teria sido a televisão. (Bruno, 19)

Quando era mais pequena, graças a deus vivia muito bem e então, quando tinha pra aí os meus nove anos e resolvi fazer um jornal, a editora de um jornal que era feito por mim, pela minha irmã e por uma amiga. O jornal era todo feito à mão, escrito à mão, os desenhos feitos por nós e assim começamos a procurar informações para poder escrever. Contávamos uma anedota... coisas de crianças, lembro-me disso. E o Diário de Notícias lembro-me porque sempre tivemos o Diário de Notícias. Então, atiravam o jornal, faziam um nó com o jornal e atiravam para a nossa varanda que era uma terceiro andar e recebíamos as notícias logo de manhã. (Helena, 87)

Eu, como o Bruno, sempre vivi num mundo também das tecnologias e com os computadores e o que eu me lembro mais era quando era criança não tínhamos computadores em casa, tínhamos televisão e isso tudo. Meu pai tinha computador no trabalho dele, no escritório, que passava lá muito tempo, então desde pequeno me habituei à internet, não só pelas notícias, mas também por toda a informação que podemos recolher da internet. E tem sido por aí as minhas primeiras recordações dos *media*. (Carlos, 19)

As minhas recordações, tenho que recordar do espaço onde nasci e do lugar onde me criei. Eu nasci em 1939 e em 1941 houve um grande ciclone cá em Portugal e eu lembro-me de ter vindo à janela da casa e de ver um rio a passar em frente da minha janela. Era uma casa de primeiro andar lá na aldeia que nem havia eletricidade e depois o meu pai me atirou para trás. No dia seguinte eu disse assim: “eu quero ir ver o rio outra vez”. Ele abriu a janela e já não estava lá rio nenhum. Já tinha passado o temporal. Depois ele me disse: “sabe, no jornal vem escrito o temporal que houve aqui, houve um tornado muito grande”. Depois, mais tarde, tinha eu sete, oito anos, não sei se foi a padeira ou a peixeira que disse: “olha, lá na estação tem um homem a ler o jornal, que era o Primeiro de Janeiro ou o Comércio do Porto, não sei, porque o Diário de Notícias não chegava a Marco de Canaveses em 1946, 45. Então, o que ela havia ouvido ler do jornal foi: “Olha, deitaram a bomba atómica e a guerra vai acabar”. Eu não sabia o que a bomba atómica. (José, 74)

Eu, como cresci com os meus avós, lembro-me muito bem que era tradição nós estarmos a ver sempre a uma da tarde o telejornal e às oito o jornal da noite. E lembro-me muito bem de ver o meu avô a trazer para casa todos os dias o jornal, comprava sempre. E eu vivi sempre muito rodeada de todos os meios de comunicação porque eram algo muito importante para a minha família. E principalmente quando era mais pequena, a televisão. (Susana, 19)

Eu, como todos nós velhotes, também era o Diário de Notícias que tinha e o primeiro meio de comunicação que tínhamos, desde muito pequenita, era o telefone e ainda hoje, apesar dos meus 85 anos, ainda me lembro do número: 48755. No Diário de Notícias... eu era tão pequena, eu aprendi a ler muito cedo, o Diário de Notícias publicava um folhetim, eu não me recordo do nome. “Oh mama, dá-me o jornal para eu ler o ‘fotelim’” nem sabia dizer direito o nome folhetim. Depois, fui para África e além do telefone, era o telégrafo e o rádio. Posteriormente passou à televisão, muitíssimo mais tarde. Foi para nós uma janela aberta, aberta não, entreaberta, porque quando a televisão apareceu ainda não se podia ouvir tudo nesse mundo, não é? Muito antes de 74. Portanto, essas novas tecnologias, admiro-as imenso. Vejo que são um meio fantástico de comunicação de rapidez das pessoas se encontrarem. Mas o que eu uso sempre é o telemóvel que realmente é uma coisa fantástica. Mas ao

mesmo tempo custa-me ver uma coisa: e que o telemóvel arrematou com as belas páginas de literatura através de cartas que se escreviam, as cartas de amor. Agora são as siglas, as minhas netas é que me dizem o que é porque eu não sei. Chegamos às festas de natal, às de mudança de novo e não há cartões de boas festas, porque é tudo mensagens e mensagens. Para mim não serve, não é com 85 anos que eu vou aprender a falar por siglas. Falei demais... (Conceição, 85)

É escusado dizer que sim, o primeiro meio de comunicação social a ter acesso foi a televisão. Eu não me lembro de viver sem a televisão, os desenhos animados, os telejornais, porque na altura com os meus avós, quando era mais nova... e lembro perfeitamente disso. Uma coisa engraçada que eu vivi uns anos na Madeira com os meus avós e havia um jornal que acho que se chamava A Tribuna e tinha sempre um suplemento que era A Tribuninha. Era uma revista, era engraçada, tinha lá vários artigos para as crianças, bonecos que nós podíamos pintar e eu adorava. Lembro-me de pintar, nem sabia ler, mas via. Até as imagens e tudo, passávamos informação boa que tinha tudo a ver com o jornal, com A Tribuna em si. E pronto! (Matilde, 18)

Eu tenho sempre pouco para dizer. Tinha eu os meus cinco anos e a minha mãe gostava sempre de ler as notícias, ia sempre à papelaria do Senhor Araújo para comprar o jornal que era o Diário de Notícias. Eu só lia as letras maiores, mas ela lia tudo muito bem, gostava muito de ler. Quando veio a televisão o meu pai apareceu em casa com a televisão. Minha mãe chorou porque não queria a televisão, só queria o jornal, mas depois ficou muito contente, eu fiquei radiante e assim continuamos. (Corina, 80)

Eu nasci antes de 1920. Nessa altura havia pouca comunicação social. Depois, passado uns anos as coisas foram aparecendo, mas tínhamos esse grande jornal que eu fui... Alguém sabe onde esse jornal nasceu? Em que ponto da cidade? (Anacleto, 93)

No bairro Alto? (Bruno, 19)

Sim senhor, no Bairro Alto onde tem uma rua com o mesmo nome do jornal, Rua Diário de Notícias. Eu tinha um patrão, redator do Diário de Notícias, e eu ia lá levar a comida para ele. Então, a comunicação que havia era o jornal, tínhamos também o

telefone e por meio da escrita. Depois passado uns anos as coisas foram aparecendo e cá estão. (Anacleto, 93)

**Agora vamos seguir um pouco mais. Lembram-se de algum episódio que tiveram com os *media* e que queiram compartilhar? Alguma coisa que tenha marcado a vossa infância.**

Sim, eu me lembro de uma coisa muito engraçada. Nós éramos cinco e por cima de nós moravam seis crianças, nós éramos onze e o mais velho era engenhocas. Então ele fez um aparelhinho que se chamava morse, não é? De maneira que aquilo era com umas latinhas, umas coisinhas e tal. Lá de cima cá para baixo e nós mandávamos “traço, ponto, traço, ponto, traço” e comunicávamos com eles: “hoje não vamos porque nossos pais não deixam e tal, mas amanhã vamos ver se arranjamos uma fuga e tal”. Eram esses engenhos que enchiam a alma. (Susete, 82)

Era o telégrafo. (José, 74)

Eu penso que tenho algumas recordações. Eu me lembro que quando eu era pequeno eu gostava muito dos desenhos animados do Tarzan e meu pai enviava as informações, já não sei, mas era uns concursos que vinha no jornal e meu pai concorria em meu nome e em nome do meu irmão. Eu me lembro que um dia eu fiquei muito feliz porque ele chegou em casa com o jornal e tinha lá uma lista dos ganhadores e tinha lá o meu nome e o nome do meu irmão. Ele tinha sublinhado com um marcador daqueles fluorescentes e acho que na altura eu ganhei um jogo do Tarzan e fiquei muito contente. Essa é uma das coisas que me lembro e, se calhar, teve muito impacto até nos dias de hoje, foi o 11 de Setembro. Nessa altura já era muito mais velho, obviamente, mas não tinha a capacidade de entender o que tinha acontecido. Para mim, tinha sido dois prédios a cair. Eu me lembro que na altura eu estava na escola e o que vi na televisão foi os aviões chocarem contra os prédios e todas as monitoras, todas as pessoas adultas estavam em redor, estavam muito preocupadas e eu, a única coisa... eu não percebia porque tanto florido, eu não conseguia compreender. Essa foi uma das memórias que mais marcou. Aliás, hoje em dia ainda falo disso quando o assunto é puxado. (Bruno, 19)

Eu estou-me a lembrar realmente que o nosso primeiro telefone foram umas caixinhas de graxa que fazíamos um furinho e colocávamos um cordel com um nozinho para não fugir e falávamos do primeiro até o terceiro andar e falávamos por ali. Combinávamos os nossos passeios, andar de bicicleta. Um tinha a latinha, ouvia e depois respondia. Esse foi o nosso primeiro telefone (risos). (Helena, 87)

Não sei se tenho uma história assim muito diferente. O que eu me lembro também era de estar na casa dos meus avós e tinha um daqueles telefones de rodar e eu passava o dia a roda, a rodar. O telefone estava desligado, claro, mas acho que houve um dia que foi posto fora do descanso e eu passei a tarde a rodar, ou seja, a ligar para pessoas e nesse mês eles receberam uma conta enorme! (todos riem). (Carlos, 19)

A minha primeira experiência com os *media* foi ouvir rádio pela primeira vez. A primeira vez que eu ouvi a rádio andava eu na primeira classe numa freguesia vizinha porque na minha freguesia não havia escola, a escola tinha ardido, houve lá um incêndio, por baixo havia uma fábrica de caixões, também ardeu. Então nós íamos para uma tasca ouvir os relatos de futebol e fado. Na minha freguesia havia três telefones. Era na casa do padeiro, havia na estação do caminho-de-ferro e havia outro no bar do caminho-de-ferro. Eu lembro-me muito bem, foi em 54 ou 55 a primeira vez que usei o telefone. Depois, mais tarde, quando apareceu a televisão nos anos 50 eu andei por cima dos telhados para pôr antenas de televisão e ver se conseguíamos vender televisões naquelas zonas onde havia eletricidade, porque na minha freguesia não havia e íamos para as freguesias vizinhas. Se a gente conseguia pegar aquele sinal da RTP que dava música no fundo, o homenzinho comprava a televisão e nós íamos embora todos contentes porque tínhamos vendido uma televisão naquele dia. Quando nós não conseguíamos apanhar o sinal por mais volta que déssemos com a antena, íamos embora para procurar outro sítio porque o sinal da televisão não chegava uniformemente a todos os lados. Os primeiros rádios que apareceram transistorizados foram os que tiveram mais saídas lá na minha terra. Como não havia luz, com pilhas o meu pai já conseguia ouvir as cerimónias de Fátima e do terço. Eu consegui fazer com que meu pai comprasse um rádio de pilhas pequenino e a minha madrinha comprou outro. Na semana seguinte, eu perguntei a minha madrinha se ela estava contente



com o rádio e ela disse: “estou que é uma maravilha! Eu consigo dar de comer aos porcos e as galinhas e vacas enquanto rezo o terço” (muitos risos). (José, 74)

Eu lembro-me da pressa da minha avó porque o almoço começava sempre quando o jornal começava e só acabava quando o jornal acabava também, o meu avô exigia e a minha avó tinha de cumprir. Lembro-me que eu ficava a ver televisão sempre até a hora do Batatum, mas também me lembro de algumas notícias que me deixavam em pânico. Lembro-me de uma notícia de um rapaz que desapareceu que se chamava João Pedro que eu morria de medo que alguém me raptasse e lembro-me perfeitamente do dia 11 de Setembro também, estava na escola e fomos discutir o tema, também fiquei com muito medo. (Susana, 19)

Agora vou contar-vos um episódio que prova a ingenuidade infantil. Havia um programa na rádio, não me lembro o nome do programa, mas rádio principal era a Rádio Nacional, depois havia outras rádios... E havia um programa que era do Adivinhão que era um chinês que andava de avião pelas casas para ver os meninos que se portavam bem. Havia depois uma matiné infantil do capitólio onde nós íamos e depois, consoante as boas coisas que se faziam aparecia o Adivinhão “olha a menina foi boazinha, foi isto...” E o meu irmão era mais novo do que eu dois anos e meio e quando nós víamos um avião “oh Carlos olha lá o Adivinhão, veja lá como te portas!” Porque ele andava a sobrevoar as casas a ver os meninos que se portavam bem. Uma das vezes no capitólio o Adivinhão chamou-me, que eu era uma boa menina e eu fiquei... eu tenho lá uma “bodeginha”... Veja lá a nossa ingenuidade que ele andava a sobrevoar as casas! Entretanto, também eu tive uma grande comunicação com a rádio através de um programa que a emissora tinha o programa que se chamava Hora da Saudade e eu ia todas as semanas para falar para o meu pai que nessa altura estava em África. Portanto, era uma comunicação, mas lá está, pela rádio, porque de resto agora é tudo os computadores. As minhas netas com três anos na escola João de Deus, elas já mexiam no computador com uma facilidade extraordinária e hoje é instrumento de trabalho delas, dos meus filhos e dos meus netos. Eu sou uma analfabeta. (Conceição, 85)

Estava aqui a pensar que história eu poderia contar e há imensas que eu poderia contar, mas... eu lembrei-me de... foi logo no princípio, eu era pequenina e eu me lembro de ver televisão e as tantas me perguntar se as pessoas me podiam ver da televisão. Nos desenhos animados isso não acontecia, mas lembro-me de ver as pessoas e me perguntar se elas me podiam ver, acho isso muito engraçado. Eu também me lembro, a Susana falou do Batatum, nós podíamos ligar para lá e havia uns jogos quaisquer, não era? E depois ganhávamos prémios, nós mandávamos e eu ficava muito curiosa para saber se nós ganhávamos mesmo os prémios, mas claro que não... (Matilde, 18)

Era a ingenuidade... (Conceição, 85)

Eu gostava muito de telefonar para uma tia que tinha em Almada, no princípio dos telefones. Eu gostava muito dela e ela de mim e transmitíamos assim as nossas alegrias, os acontecimentos e assim foi passando os anos. (Corina, 80)

Então agora é comigo, eu se fosse contar toda a história da minha vida teríamos que estar aqui até a hora do jantar. Nasci e chegou a hora e idade de ir para a escola, fiz o exame, daí ingressei à agricultura. Aos meus 18 anos já estava cheio da agricultura, vim para o comércio, para Lisboa e depois muita coisa por ai afora, a tropa... e não vale a pena contar mais nada. (Anacleto, 93)

**Agora uma outra pergunta. Há algum acontecimento que considerem importante e que tenham visto ou acompanhado através dos *media*? Alguém já mencionou algumas coisas...**

Uma coisa que me impressionou muito foi a II Guerra Mundial, eu tinha 9 anos, foi de 1939 a 1945 e então era a censura. O meu pai ouvia a BBC e tinha que ouvir de maneira que os vizinhos não ouvissem porque não se sabia quem era quem, não é? Era uma censura muito pronunciada. Como a II Guerra Mundial felizmente não nos atingiu... uma coisa que me impressionava muito era à noite, um simulacro como se fosse um ataque aéreo e então andavam os legionários com aquelas botas “bum, bum, bum” pelas ruas afora, com os holofotes e quem tinha as luzes acesas apagava tudo. Apareciam no ar os holofotes para ver se havia aviões como se estivéssemos em

guerra. Outra coisa foi o racionamento. Cada pessoa tinha direito a x de pão, x de açúcar. Muitas vezes já não havia açúcar, adoçava-se com rebuçado, quando havia rebuçado. Tudo isso se passou na minha era, nasci em 30 portanto, tinha 9 ou 12 anos e isso me ensinou um bocado. Um dos meus irmãos ainda foi preso pela Pide, mas porque andava nas ruas e não porque estivesse integrado nos acontecimentos da atualidade, depois soltaram-no. (Susete, 82)

Essa pergunta é para casos atuais? (Bruno, 19)

**Sim, pode ser.**

Um caso que tenhamos seguido, não é? Então, eu provavelmente posso falar do Costa Concordia que atualmente tem sido muito seguido, um caso muito mediático ou talvez o caso Megaupload, provavelmente não terão conhecimento desta história, mas no caso do Costa Concordia saberão do acontecimento, o navio que naufragou na costa de Itália. Este é um caso que tem tido alguma visibilidade nos *media*. Não sei se isso responde a pergunta... (Bruno, 19)

**Sim, claro.**

Na televisão, vi muitos acontecimentos marcantes. Vi muitas coisas boas, também vi muitas coisas más. Vi aquele fogo enorme que houve no Chiado, fogos que houve em outros sítios, na igreja de São Domingos, por exemplo. Vi isso tudo já na televisão e também quando foi a queda das torres, vi essas coisas todas, mas também vi coisas boas, os prémios Nobel eu gostava imenso de ver aquelas cerimónias, outras cerimónias... aquelas paradas da Mocidade Portuguesa, tínhamos que fazer a Mocidade Portuguesa e isso tudo era engraçado de ver na televisão... também os desenhos animados, mas isso já vi há muito tempo. (Helena, 87)

Lembro já agora do 11 de Setembro, lembro-me que estava em casa e de chegar à sala e estar uma notícia já ao meio e de ver os aviões a embaterem nos prédios e eu pensei que era um filme. Depois vi o meu pai todo preocupado a ver o que tinha acontecido e foi aí que eu vi então que acontecia o que aconteceu. Uma experiência mais recente que eu fiquei muito surpreendido foi a situação da Líbia, também *mediada* pelas redes

sociais. Há várias imagens de várias regiões e vários tipos de pessoas entre ajudarem-se. Foi um acontecimento muito marcante pela positiva. (Carlos, 19)

Eu vou voltar atrás porque há fatos curiosos que eu omiti para precisamente deixar para falar neste momento. Por exemplo, quando eu fui para Angola em 1961, quando começou a guerra e eu participei na tonada de “Baranbangom” e na tomada da Pedra Verde e que foi muito badalado pela comunicação social, pela televisão e pela rádio. Lembro-me de estar em “Baranbangom” e andar um avião lá às voltas por cima e depois é que eu fui ouvir nos noticiários que era o Artur Augustinho que andava a fazer uma reportagem sobre aquilo que nós havíamos feito cá em baixo. Ele andava a ver lá de cima a evolução das tropas. À noite nós sintonizávamos a onda curta e ouvíamos as notícias dele. Depois mais tarde... Ah, havia a Crônica de Angola que toda a gente ouvia nos anos 61, 62 que dava notícias dos soldados que estavam lá em Angola e o meu pai disse que ouviu o Ferreira da Costa a falar comigo. Meu pai escreveu a perguntar-lhe se ele sabia notícias minhas e dizia ele “Eu estive hoje com seu filho”. Eu nunca o vi, nem o conheço (risos), veja só como era a informação deste tempo. Depois, mais tarde, houve o 25 de Abril e eu soube no próprio dia quando eu estava em Luanda, no banco, e de manhã liguei para a rádio Brazzaville e ouvi o noticiário em francês e cheguei no banco e disse para o gerente “olha que houve uma revolução grande em Lisboa, o Américo Tomás está preso”, “estas tolo, tu sabes lá francês! Como é que se diz em francês ‘ele está preso’? “Il est-arresté”. Ele pega no telefone e liga para o chefe e diz “olha que ele está a falar a verdade, ele sabe francês, é capaz de estar preso”. A partir daí passou-se a desencadear uma rede de informação porque a Pide estava atenta a tudo, eles dominavam a comunicação social toda. Claro que aquilo que aconteceu depois do 25 de Abril todo mundo sabe. Em 1976 eu arregacei para cá, cheguei em minha casa e o meu pai já tinha televisão, já havia eletricidade lá na minha terra, mas a minha mãe todas as noites exigia que o meu pai desligasse a televisão porque não queria se despir à frente daqueles homens (muitos risos). (José, 74)

Para além da guerra do Iraque e do 11 de Setembro eu me lembro muito bem do caso Casa Pia de durante semanas e semanas estar a ver televisão e era quase da abertura do jornal até o fim, quase, estavam sempre a falar do assunto e ficaram a falar durante vários anos porque o caso nunca chegou a ser totalmente encerrado. (Susana, 19)

Eu também me lembro perfeitamente do 11 de Setembro, lembro-me da chegada dos homens à lua, lembro-me da Guerra do Golfo que também assisti, foi a noite toda para assistir aquilo tudo. A questão mais direta foi a queda das torres, estava a tomar um cafezinho no café de Alcobaça, estava de férias, de repente olho e fiquei arrepiada, já nem acabei o café, aquela barbaridade. Infelizmente teve a falta de liberdade que falamos aqui. Tinha um primo que tem o nome em uma rua de Lisboa, pós 25 de Abril, porque foi preso naquela altura os engenheiros. Estava o rapaz tomando banho e foi lá a Pide levá-lo e esteve dois anos em Caxias. Era uma pessoa de um comunismo tão puro... quando ele saiu a mãe disse: “oh Alfredo deixa-te disso, lembras-te que tens a tua mãe”, “não mãe, enquanto houver uma mulher a lutar para matar a fome de um filho a minha luta tem que continuar”. Depois vieram dizer “oh Portela...” ele é Alfredo Portela, “... sabe quem está na tua cela? Aquele que o tinha mandado para a cadeia, o que queres dele?” Muitos diziam: “faz aquilo que fizeram ao Mussolini, pendurar, pendurar pelos pés, nos candeeiros, não sei o que... ele dizia: “faça com que ele beba da mesma púcara de alumínio em que eu bebia”. Ele foi um lutador, mas depois morreu e tem hoje o nome em uma rua de Lisboa... Quer dizer, são coisas que marcam as pessoas. É uma coisa triste, mas que marca pelo bem, saber que houve ali uma pessoa que lutou convicto, sem interesses, sem nada. Essas coisas também ajudam-nos a caminharmos. (Conceição, 85)

Eu lembro-me muito bem do Euro 2004, acho que foi um acontecimento que nenhum de nós esquece. Lembro-me de uma união enorme entre os portugueses todos. Lembro-me que quando estava a dar os jogos não havia pessoas nas ruas. Tinha um jogo, não me lembro quem que era, mas estava eu em casa e as ruas estavam vazias e depois era golo e ficávamos todos contentes e íamos à janela e ia a passar um senhor da Telepizza que estava a trabalhar e nós gritávamos e ele estava contente também na mota e era muito giro! Eram nos jornais, era na rádio, era em todo o lado e era uma união enorme até entre os *media* e a sociedade e tudo. Eu acho que foi um momento muito marcante. (Matilde, 18)

**Lembram-se da pergunta? Há algum acontecimento que considerem importante e que tenham visto ou acompanhado nos meios de comunicação? Agora ou quando eram mais jovens...**

O Carmona e a visita da rainha. (José, 74)

E também do Pio XII durante a II Guerra Mundial, ele a falar para todo o mundo e mais atrás a visita da rainha da Inglaterra a Portugal, nós estávamos com a televisão e parou tudo para ver a chegada da rainha. Também foi um acontecimento maravilhoso e a preto e branco. (Corina, 80)

Então, eu vou contar um episódio daquele tempo em que eu era rapaz. Já não se devem recordar que foi a primeira travessia do Atlântico para o Brasil pelo senhor Gal Coutinho e Sacadura Cabral. Depois temos outro, os jovens não se lembram, a Estação do Rossio, do Cais do Sodré desabou o teto que matou ali dezenas de pessoas. Depois temos outra, um incêndio que se deflagrou na igreja São Domingos que deteriorou bastante aquele edifício, houve no Teatro D. Maria II no Rossio que também causou graves prejuízos e mais outro dos tempos da minha infância no Chiado que queimou aquilo tudo ali abaixo, foi um grande desastre. (Anacleto, 93)

**Agora uma pergunta para os mais experientes: em que fases das vossas vidas surgiram novos meios de comunicação que vos surpreenderam?**

No meu tempo já havia o telefone, já havia a escrita, depois apareceram novas tecnologias. Era eu já adulto que foi a televisão, a internet, foi o telemóvel, mas isso eu já era adulto. (Anacleto, 93)

Eu gosto muito do telemóvel, qualquer coisa eu ligo o telemóvel aí é que é a minha paixão, o resto pouco me importa mais. (Corina, 80)

Sobre a televisão eu já falei que era uma janela entreaberta para o mundo para nós vermos certas coisas, mas nem tudo nós podíamos ver. Os computadores praticamente surgiram quando eu me reformei, portanto, não tive utilização nenhuma nem contactos nenhuns, vejo agora lá em casa, é tudo com o computador, são os filhos, são os netos, é tudo com os computadores, percebem mais daquilo do que eu, eu não toco em nada disso. De resto é o “telemovelzito” e “solamente” as siglas que acabaram, eu não quero me tornar repetitiva, que acabaram com as belas páginas de literatura. Os escritores continuam com toda a certeza! Mas esta rapaziada a escrevem

para as namoradas: tam-tam-tam-tam. O que é que diz? A mim não me diz nada! Se eu visse uma coisa daquelas acabava logo o namoro! (muitos risos). “Beijo, beijo, ponto, ponto”! (Conceição, 85)

Eu fui surpreendido por muitas coisas. O meu primeiro contacto foi com as máquinas de escrever em 1960. Estava eu na tropa em Coimbra e tinha lá um cunhado, nunca chegou a ser meu cunhado porque eu não casei com a irmã dele, era aspirante a cunhado, que me dizia: “tu queres vir aqui colaborar comigo? Eu tenho quatro máquinas de escrever” era uma Messe, uma Torpedo e uma Olimpos, daquelas antigas “e os estudantes pagam a 15 tostões a cada folha A4 que a gente escreva para passar os apontamentos deles”. Eu ia para lá quando saía da tropa, o quartel era perto e fartávamos de escrever e feitas as contas, eu ganhei sete escudos e quarenta centavos! Eu pensei “isso é muito pouco, isso não vale a pena, eu tenho que arrumar outra vida”. Depois, mais tarde no banco começaram a aparecer os primeiros computadores, era tudo por códigos o Windows 95 apareceu só nos anos 90. Tinha havido, antes, uma grande euforia na bolsa, eu estava na secção de títulos e ganhei um “dinheirito” e o primeiro dinheiro que ganhei comprei um computador, um Windows 95. Eu não sabia mexer naquilo e também não havia internet, a evolução que há hoje. Apareceu o Windows 98, mas aquilo bloqueou tudo e criaram o 98-SE que a segunda edição eu fiz um upgrade e aquilo foi trabalhando. Apareceu o Millennium e depois o XP, mas quando chegou o XP o meu computador não aguentava aquela tecnologia, tive que abandonar aquele e ficar por ali. Eu estava trabalhar no banco Espírito Santo e começaram a aparecer meninas estagiárias que vinham das universidades, saber como é que se faziam os movimentos bancários, como é que se fechava um diário de uma agência e eu fazia um acordo com elas: “eu vou vos ensinar isso tudo e vocês vão me ensinar como é que se trabalha com os programas que estão escondidos aí nos computadores”. Porque os bancos só trabalham com os programas específicos do banco, feitos pelos informáticos do banco, por uma questão de segurança. Então elas, quando gerente não estava lá perto, iam lá, abriam o Office e me ensinaram a trabalhar, me deram umas luzes. A primeira vez... comecei a rejeitar aquilo (*computador*), porque tudo que é novo para nós que temos uma certa idade, faz-nos uma certa confusão, mas quando comecei a entender bem as coisas comecei a adorar.

Comecei a ver que com aquilo eu ia ter muito menos trabalho, ia fazer tudo muito mais depressa. Quando eu chegava em casa meu computador não dava para fazer estas coisas todas porque o meu disco era muito fraquinho, tinha 1,5 Giga de memória. Depois uma sobrinha me arranhou uma memória 6 de gigas e foi a Vobis para ver se me arranjavam aqui, mas não. Quando me reformei fui para o Clube Sênior da Expo 89 e tínhamos 12 computadores para brincar, ligados à internet. Aí é que eu apanhei a verdadeira experiência e tinha os técnicos de informática que me ensinaram a trabalhar. A partir daí nunca mais parei. Lá no Sindicato me chamam o poluidor informático! (José, 74)

Eu lembro-me com certeza disso tudo, já tenho muita idade, lembro-me do aparecimento do telefone, da máquina de escrever e teve muita influência, quis aprender a escrever à máquina e fazer o curso. E fomos acompanhando essas evoluções, sempre um modelo novo, foi sempre evoluindo até chegarmos ao computador que eu comecei a aprender há três anos. Hoje em dia já faço umas “coisitas”, embora seja pouco, mas tenho um computador. Depois do almoço, enquanto os outros estão a dormir, eu estou aqui no computador a escrever. Também tenho um e-mail e as pessoas comentam meus poemas, acho isso maravilhoso. (Helena, 87)

O meu encanto é a fotografia. Meu pai tinha uma *Lika*, com certeza nunca ouviram falar, aquelas de fole e começamos por aí, ele a revelar as fotografias numa câmara escura e nós todos pequenos a olharmos pasmados. Agora, bastante mais tarde, ele comprou uma Canon. Depois, agora são essas máquinas digitais que eu adoro, estou sempre a tirar fotografia e pronto. Mas eu ainda voltado atrás, também revelei fotografia, mas como não tinha uma câmara escura era na casa de banho sem aquela luz vermelha, muitas vezes deixava cair as coisas e aquilo ficava uma porcaria, mas ainda revelei algumas fotografias. (Susete, 82)

**Agora para os mais jovens: vocês também viram o surgimento de algumas tecnologias. Lembram-se de algum exemplo? Pode ser, por exemplo, a evolução de alguma tecnologia já existente.**



Penso que talvez a evolução que se tem observado nos telemóveis, nos últimos tempos tenha sido a mais marcante. Hoje em dia vivemos na era da informação, mas é impossível vivermos sem informação e somos bombardeados de informação do momento em que saímos de casa até o momento em que voltamos. Existem placares com publicidade de várias marcas e eu acho que a evolução dos telemóveis, nomeadamente o fato de termos acesso à internet através do Wi-fi ou dos telemóveis deixarem de ser somente um meio que as pessoas usam para falar com outras pessoas, mas que usam para mandar mensagens, aceder à internet, fazer download de conteúdo, fazer upload de conteúdo para a internet. Isto, se calhar, foi uma mudança marcante que se tem observado nos últimos tempos. Eu quando era pequeno me lembro que a minha mãe me ensinava a mexer na internet e agora é o contrário. Lembro-me também que quando era criança, era eu quem ensinava o meu avô, no Word. E lembro-me que na altura ele ficou muito contente, agora quase que somos autodidatas com as novas tecnologias. Nós nascemos na era em que isso se desenvolveu, para nós é quase natural aprender a trabalhar com o computador ou com um telemóvel diferente, ao passo que para outras pessoas não existe tanta facilidade. (Bruno, 19)

Também pegando um bocado naquilo que ele disse dos telemóveis, os jornais perderam um pouquinho a importância, visto que se acontece qualquer coisa durante a tarde é só no outro dia a seguir com a nova edição do jornal e assim perde a relevância e a importância. Eu posso pegar no meu telemóvel sempre que puder e ir ao site do Diário de Notícias e saber as últimas notícias, saber o que está a acontecer no mundo ou em Portugal, elas são atualizadas no momento. Quando nós nascemos não existia, mas passou a existir as redes sociais, ainda primeiro o Wi-fi, agora usamos mais o Facebook. Também como já falei, a situação da Líbia tem o potencial de ter uma grande importância na sociedade e no mundo. (Carlos, 19)

Desculpa eu me meter aqui porque a pergunta é para os mais novos, mas eu tenho aqui uma coisa muito gira a dizer sobre os meios de comunicação pelos atrasos das notícias, porque eu ouvi alguém dizer que a rádio dá a notícia a televisão mostra e o jornal explica. (José, 74)

Lembro-me também dos telemóveis que eram à preto e branco e muito grandes, depois ficaram a cores, nós já estávamos todos felizes, depois tinha as máquinas com fotos incorporadas, a internet nos telemóveis, dá para ir às redes sociais, temos o mundo na nossa mãozinha. Lembro-me que os computadores quando eu era pequenina eram muito grandes, ocupavam muito espaço e eram muito grandes e agora tem os portáteis e podemos levar para qualquer sítio. Estão a fazer portáteis cada vez mais pequeninos que dão para levar para a faculdade, nós agora já quase não usamos os cadernos, a maior parte das pessoas usa portáteis nas aulas. (Susana, 19)

Comodismo (muitos risos). (Conceição, 85)

Eu também tenho um. (Helena, 87)

Eu, sinceramente não gosto muito destas novas tecnologias, tento evitar sempre o máximo, não é evitar e sem querer... eu deixo sempre que as pessoas usem e depois quando preciso mesmo é que começo a usar. Eu não uso computador nas aulas coisa nenhuma, é o caderno e pronto. (Matilde, 18)

Apoiada. (Helena, 87)

Lembro que antes eles eram maiores agora eles estão a se aperfeiçoar, mas de resto, eu uso mesmo porque é preciso. (Matilde, 18)

**Agora já no presente, quais são os meios de comunicação que mais utilizam, aqueles que não poderiam faltar no vosso dia a dia. O senhor Anacleto, por exemplo.**

Temos a televisão, o telemóvel, a internet, também tem o telefone, mas isso é muito antigo. (Anacleto, 93)

**E hoje, qual é o mais importante para o senhor?**

Hoje o mais importante é o telemóvel, o computador e a Internet e mais nenhum que eu me lembre agora. (Anacleto, 93)

Para mim o mais importante é o telemóvel, para frente e para trás. (Corina, 80)

Como eu disse eu só uso as coisas que eu preciso. O telemóvel por exemplo, o que tenho dá para falar e mandar mensagem e mais nada. Mas o computador também é importante para fazer trabalhos. Eu poderia fazer trabalhos à mão, são os meus trabalhos, mas hoje em dia já não dá, temos que acompanhar um bocadinho, portanto, é essencial. A televisão sim, mas... porque sim, mas... acho que é basicamente isso. (Matilde, 18)

Eu, é claro é o telemóvel, sobretudo para os amigos, familiares. Mas uso muito ali o senhor Mota quando preciso de mensagens dos filhos é através do senhor Mota. Eu tenho um filho a trabalhar em Angola de maneira que o Senhor Mota também é o meu meio de comunicação. (Conceição, 85)

Eu uso mais o computador, a televisão e o telemóvel, eu não consigo viver sem telemóvel. Podem me tirar o resto, mas não o telemóvel (risos). (Susana, 19)

Eu queria pedir a vossa paciência para ler aqui um artigo que vem publicado nesta revistinha que vem publicada lá no lar que eu sou o editor, tem o título:

“Nós, o Facebook e o Skype.

Já vem sendo habitual relatar aqui o êxito que as novas Tecnologias da Informação, vêm desempenhando no estreitamento de laços entre residentes e seus familiares ou amigos. É sempre gratificante a reprodução de mensagens e textos a comprovar a eficácia da internet, através dos sites sociais: -Olá Sr. José Mota. Sou filho de um casal de residentes do Lar de Brejos de Azeitão, Manuel e Dialina Almeida. Gostava que me aceitasse como seu amigo. Abraço  
Depois de breve hesitação, aceitei! Dezasseis horas decorridas, recebi esta mensagem: -Eu estou sem palavras, emocionado, com o amigo José. Vi as fotos, os vídeos e vi os meus Velhotes. Não faz ideia a alegria que me deu. Eu estou longe deles, vivo na Madeira, mas agora graças a si eu sinto-me mais próximo deles. Obrigado. Faço notar, que a publicação destes conteúdos, foi autorizada pelo Senhor Victor Vieira, depois de ter sido por nós contactado nesse sentido. Em 10 de abril, tivemos um face-a-face através do Skype: pais e filho conversaram na biblioteca pela primeira vez. Em 12 foi o aniversário do Sr. Manuel Almeida...e novo contacto aconteceu, desta

vez com a presença da nora, ao lado do filho. A nossa cozinha ofereceu o bolinho. Estava delicioso. Parabéns ao aniversariante e à cozinheira.

Essas cópias são para vocês. Esse aqui “Também já somos vistos em Itália” foi graças à Celiana. Para mim, o mais importante é a internet, eu não consigo viver sem a internet, estou todo o dia no Facebook, com o Skype. (José, 74)

Acho que dizer que não consigo viver sem eles é um bocadinho exagerado, mas não seria a mesma coisa. Acho que os meios de comunicação, para além de dar informação, têm um papel muito importante que é interligar-nos uns com os outros. Então, qualquer coisa que nós possamos ter como o Facebook, não só dê informação, mas que nos permita comunicar, é essencial hoje em dia. Por exemplo, a televisão se calhar agora dá-nos informação, mas não sei se nos faz comunicar tanto uns com os outros como outros meios de comunicação. A televisão para mim já não é assim tão importante, posso passar semanas e semanas sem ligar a televisão. O telefone, o Facebook o mail e esses tipos de meios que permitem ligar uns aos outros são mais essenciais que a informação. A informação ao passar uns pelos outros acaba por chegar por mail ou Facebook ou telemóvel. A televisão também é importante, mas tem perdido um bocadinho a importância, pelo menos para mim. (Carlos, 19)

Eu necessito mais do telemóvel do que do computador, mas gosto muito do computador porque vejo coisas que não pude ver, vejo pelo computador, muitos países, muitas coisas, porque não fui visitá-los todos. Além disso tenho o Skype para ver a minha neta que vive em Londres e isso também gosto muito. (Helena, 87)

Concordo com o Carlos, acho que a televisão vem perdendo gradualmente a importância justamente porque nós entramos numa era digital que nós temos acesso a todos os conteúdos que aparecem na televisão através da internet e cada vez mais a internet passa a ser um meio de comunicação que podemos fazer chamadas, podemos mandar chamadas, podemos estar em contacto com as outras pessoas tal como num telemóvel. Agora ainda não, porque não é possível fazer isso, mas no futuro vai ser. O telemóvel continua a ser um meio essencial para manter o contacto com as outras pessoas, mas no futuro a internet vai substituir o telemóvel e vai ser possível fazer

todo tipo de funções que se faz num telemóvel através do computador. Já se pode fazer, mas pronto, irá se desenvolver. (Bruno, 19)

Tô. Não vais acreditar onde eu estou! Estou no Diário de Notícias a dar uma entrevista (todos riem)! (...) (*Anacleto, 93*)

Eu, claro é o telemóvel, mas adoro a internet, apesar de não perceber absolutamente nada, mas a mim tocou-me muito quando eu fiz os meus 80 anos. O meu neto estava na Califórnia, a 10.000 km de distância e falamos um com o outro através da internet. Eu digo que toda a juventude tem muita sorte em viver neste tempo, embora eu não prescindia do meu tempo que já passou, mas que ainda está cá dentro. (Susete, 82)

**Lembram-se de algum meio de comunicação social que era muito utilizado no passado e que agora já não usam muito?**

Era o tinteiro com a tinta e o amparo. Não sei se sabem o que é uma caneta com um amparo: é um tinteiro que se usava nas escolas. Isso já não usamos. Mas eu continuo a usar a escrita porque adoro escrever. (Susete, 82)

Eu penso que, se calhar, esta pergunta não exista nada assim... quer dizer, nós já nascemos e crescemos nesta era... (Bruno, 19)

Já estava tudo inventado. (José, 74)

Pois, quer dizer... estava a ser inventado e nós vivemos na altura em que foi desenvolvido, ou seja, tudo aquilo que nós utilizamos hoje em dia é o produto de algo que foi criado antes e foi desenvolvido agora. Eu nunca escrevi cartas para ninguém, quer dizer, escrevi uma vez, mas não foi algo que eu usasse com frequência daí que não considere algum meio de comunicação que agora já não use. (Bruno, 19)

Eu, a mesma coisa, comecei a escrever com o amparo e a caneta, tinteiro e era assim que nós escrevíamos, para secar tínhamos o mata-borrão. Escrevíamos cartas de amor, era tudo escrito, não havia telefones para isso. Portanto o mais antigo era isso, depois a esferográfica, as canetas de tinta permanente. Tínhamos giz para escrever no quadro, as lousas. (Helena, 87)

Tal como o Bruno disse, concordo com o que ele tenha dito, no geral, mas sei que se deixou de usar quase por completo o telégrafo, o rádio também já não tem a importância que tinha, mas que eu tenha utilizado e tenha deixado de utilizar, acho que não há assim nenhum meio de comunicação. (Carlos, 19)

Eu nisso tenho muitas novidades para vos dar, porque havia o telex que para mim era uma maravilha eu estar a escrever aqui, era preciso escrever o texto, eu estava no Banco Espírito Santo e tinha que mandar todos os dias as cotações para 19 firmas aqui da baixa de Lisboa porque eu estava aqui na Rua do Comércio e antes de eu estar naquele serviço, estava lá uma senhora que era muito competente a fazer o seu trabalho, aí veio uma inspeção e disse: “essa senhora pertence ao quadro das auxiliares e não pode ter acesso a essas informações, essas informações devem ser tratadas por uma pessoa que seja da carteira”. O gerente pôs-se a olhar à volta e disse assim para mim: “pronto, vens tu para o pé de mim”. E colocou-me lá numa secretária com um telex para mandar para as empresas todas e mais sete telefones para atender, todos a tocar ao mesmo tempo. Ela, todos os dias, estava das três às cinco horas a enviar os câmbios para as empresas todas. Eu um dia pus-me a ler as instruções do telex e vi que havia uma maneira de mandar para todas as empresas ao mesmo tempo ela disse: “isso é muito complicado, eu prefiro mandar uma de cada vez”. Eu coloquei os números todos e a máquina “trummmm” toda a gente recebeu. Chegou o gerente e perguntou: “tu hoje não mandaste”, “mandei”. Outra vez mandaram para lá uma máquina de escrever, uma Brothers muito moderna, e ela tinha uma memória de uma folha A4. De maneira que eu gravei ali uma circular que era preciso mandar a vários clientes, era preciso fazer dez cartas e ela repetia aquilo tudo dez vezes. Eu punha a máquina sozinha a trabalhar e ia lá para dentro tomar café. Ele chegava e dizia: “então tu pões a máquina sozinha a trabalhar?”, “ela está a fazer as circulares, agora é só eu meter as importâncias”. Essas evoluções, claro, foi um período de transição que durou o quê... nem um ano durou aquela máquina. No ano seguinte apareceu o computador e o processador de texto. Os primeiros computadores que vieram era da TMX, um para cada secção e uma impressora para cada secção e tínhamos que formar fila para tirar os saldos das contas, para ver os saldos das contas. Eu até tenho um caso que se passou comigo que um tipo que

morava na Beira-Alta eu telefonei para lá e disse: “é o seu Américo Raposo?”, “sim, quem fala?”, “é do Banco Espírito Santo, sua conta está descoberta”, “se está descoberta, cubram-na”. Com os computadores isso já não é possível, as pessoas conseguem debitar logo, hoje já não é preciso entrar no banco para levantar dinheiro. Agora eles estão lutando com a falta de clientes, o cliente já não vai ao banco. (José, 74)

Como eles já disseram, acho que hoje já não há nenhum meio que eu me lembre que tenha suplantado totalmente o outro, mas acho que a rádio e os jornais têm perdido alguma importância, mas ainda continuam a ter um significado a muita gente por isso não vão deixar de existir tão rapidamente. (Susana, 19)

Eu tenho a impressão que o telégrafo, pois hoje é raro o telégrafo que se recebe porque o telemóvel é muito mais rápido. Porque nós temos que ir ao Correio, gastar dinheiro para mandar um telegrama se demora mais tempo? Naquele tempo era muito rápido, mas agora com o telemóvel é muito mais rápido, portanto acho que foi suplantado pelo telemóvel. (Conceição, 85)

Eu já não uso o telefone de casa, de todo e também não leio revistas, eu lia imenso e agora já não leio, de todo. (Matilde, 18)

Acho que foi o telefone, agora com o telemóvel isto ficou de lado. Eu ainda sou daquele tempo em que era preciso dar a corda para se falar ao telefone. E graças a deus temos evoluído muito neste sentido. (Corina, 80)

Os meios de comunicação que são mais usados é a televisão, a internet, o telefone e o telemóvel. (Anacleto, 93)

### **E o que o senhor usava no passado que agora já não usa?**

Usava-se o telefone que já existia e o meio escrito, as cartas, eram os meios de comunicação que havia. (Anacleto, 93)

**Agora uma pergunta para os mais velhos: os computadores pessoais apareceram há trinta anos. Como foi a chegada do computador nas vossas vidas? Mudou alguma coisa?**

Mudou, foi uma invenção muito importante porque era uma comunicação mais fácil para todos. Hoje já quase toda a gente já têm acesso a esses aparelhos. Continua ser o telefone, o telemóvel... (Anacleto, 93)

**Alguém já tentou ensinar o senhor a usar o computador?**

A minha vida sempre foi um pouco acidentada e tenho pena nunca ninguém ter podido me ensinar, eu ainda comprei computadores para oferecer a alguém. (Anacleto, 93)

**E a Dona Corina, alguém já tentou lhe ensinar a usar os computadores?**

Sim, a minha filha, mas sou mandriona e não quero aprender. Minha filha adora o computador, os meus netos, mas eu sou muito mandriona. (Corina, 80)

Eu já, mas eu tenho que ter o papel e o lápis. Como eu referi a pouco, lá no serviço, eu era empregada bancária e me reforme muito cedo, quando computador entrou eu já não estava. Que estas novas tecnologias sejam para servir bem, porque infelizmente são utilizadas para coisas muito pouco... então essa juventude toda que ajude a empregar as coisas que tudo bem, bom tenha, que seja para bem. (Conceição, 85)

**E o senhor José Mota?**

A minha fonte de informação, a semana passada tive a grata felicidade de ser contactado por uma das moças que mais me incentivou a trabalhar com os computadores e ela hoje já está num cargo diretivo no banco. Eu descobri-a porque ela estava no Facebook do meu filho. (José, 74)

**E a Dona Helena? Como foi a chegada do computador na vossa vida? E se alguém vos ensinou.**



Sim, já há muito tempo. O meu filho mais novo teve computador muito cedo, aqueles computadores muito antigos que custaram um dinheirão. Eu tenho até a impressão que quando apareceram não se chamava bem internet era Arpanet, mas eu não tinha tempo para isso. (Helena, 87)

Eu gosto muito de pintar de forma que prefiro poupar a visão para essas coisas e não para estar no computador. Mas ainda ninguém se ofereceu para me ensinar, mas se alguém quiser ensinar, agradeço (risos). (Susete, 82)

Eu ensino (risos). (Helena, 87)

**Agora a mesma pergunta para os mais novos, mas ao contrário: já tentaram ensinar alguém mais velho a utilizar os computadores, a internet ou alguma outra nova tecnologia? Como foi esta experiência?**

Como eu já tinha referido, eu já tentei ensinar o meu avô. Nas férias eu costumava ir para a casa do meu avô, no início o que tentávamos fazer era muito simples era só a cópia de algumas frases para o Word. Eu lembro-me que uma das coisas mais interessantes foi que no primeiro dia eu ensinei a ligar e desligar o computador, ligar os programas e como é que se mexiam nas teclas e no outro dia quando eu cheguei lá ele tinha colocado umas autocolantes nas teclas a dizer: Maiúsculas, apagar, mudar de linha (muitos risos). Isso talvez foi a coisa mais interessante e eu ri-me imenso e algumas estavam trocadas. Mas ele fez o esforço de aprender e para não se esquecer colocou umas autocolantes pequeninas, porque o teclado não diz, só aparece os nomes das teclas. No início foi um pouquinho complicado, uma pessoa não tem a destreza para escrever em um teclado como se já soubesse há muito tempo. Eu dava-lhe trabalhos de casa, copiar certas partes de um texto ou copiar um poema e ele até por iniciativa própria pegava em livros que tinha lá de poesia e copiava poemas de Fernando Pessoa e Alberto Caeiro e escrevia. Ele foi um bocado autodidata e foi um bocado fácil. (Bruno, 19)

Eu ensinei a minha irmã mais nova e continuo a ensinar, sempre. E alguém mais velho, a minha mãe. Ela mexia nos computadores, mas só nos programas que foi ensinada a mexer. Por exemplo, ela trabalha em uma farmácia e tem o programa da farmácia,

para medicação e isso tudo, mas trabalhar no Word, Powerpoint foi eu que ensinei. Eu também estou em contacto quase todos os dias com pessoas mais idosas que estão agora a começar a aprender, algumas... sempre que têm alguma dúvida em relação aos computadores, coisas simples, por exemplo, como é que se copia, como é que se cola e eu lembro-lhes que é do lado direito do rato, coisas deste género. (Carlos, 19)

Eu já tentei a ensinar o meu avô a mexer no Word, mas ele já desistiu porque diz que vai ficar viciado naquilo e então não quer (risos) e ensinei a minha avó a ver mensagens no telemóvel e já tentei ensinar a escrever, mas ela não consegue, diz que é muito pequenino, ela só consegue ver. Eu devo ser má professora! (Susana, 19)

Eu nunca ensinei ninguém, por que não sei mexer, quer dizer... sei, mas, eu sei o básico, como eu já disse, eu não adoro essas coisas. (Matilde, 18)

**E nem tem vontade, por exemplo fazer voluntariado a ajudar pessoas idosas a usarem os computadores?**

Eu sei, eu sei porque é impossível não saber essas coisas, mas não estou à vontade para fazer isso e sinceramente nem é por não saber tanto é por não ter jeito para ensinar e também nunca surgiu, se surgisse tentava, né? Mas não faço muita questão. (Matilde, 18)

**Agora já estamos quase a finalizar, vamos fazer um pequeno exercício. Levando em consideração o que discutimos agora, peço-vos que peguem aquelas folhas em branco e escrevam, em conjunto, o que vocês aprenderam da outra geração. Ou seja, os jovens falam sobre os mais experientes e os mais experientes, sobre os mais jovens. As frases podem começar da seguinte forma: “eles são aqueles que...”. Então baseado no que nós ouvimos aqui, vocês escrevem as frases.**

**Texto dos jovens:**

Eles são aqueles que viram o homem aterrar na lua, que viram as grandes revolução nos meios de comunicação, que sabem que “...\_ \_ \_...” é SOS, que passaram pela II Guerra Mundial, que viveram o regime salazarista e o 25 de Abril, mas acima de tudo que aceitaram as novas tecnologias e ainda tentam aprender a usá-las.

Apesar da idade que têm, continuam a ser jovens de espírito; mantêm a curiosidade que provavelmente terão tido em crianças e não se recusam a aprender com os jovens. Ao partilhar as nossas experiências, compreendemos o quão diferente é a nossa realidade da deles, mas apercebemo-nos também da importância que todos os meios de comunicação que usavam tiveram na sua experiência de vida (cartas de amor, os copos para comunicar e combinar as saídas, ...).

Acima de tudo, admiramos a sua vontade para continuar a aprender! (Bruno, 19)

### **Texto dos idosos:**

Eles são aqueles que a vida lhes proporcionou tudo, nos ensinaram muito, tiveram muita facilidade em estudar, têm outros meios que nós nunca tivemos e que sabem como aproveitar, têm tudo nas mãos e se quiserem podem fazer um Portugal melhor.

Eles são aqueles que esperamos que façam bom uso dos bens que não usufruímos para um futuro melhor. Para as profissões que escolheram sejam bem preparados acompanhando a evolução e as técnicas que vão surgindo com toda a dignidade. Beijinhos das avós.

Vocês são da época do conhecimento, nós somos da época do analfabetismo. E agora vou recitar, de cor, um poema de Augusto Gil que marca bem as diferenças entre as duas gerações:

O Edital

Manuel era um petiz de palmo e meio  
(ou pouco mais teria na verdade),  
de rosto moreninho e olhar cheio  
de inteligente e enérgica bondade.

Orgulhava-se dele o professor.  
No porte e no saber era o primeiro.  
Lia nos livros que nem um doutor,  
fazia contas que nem um banqueiro.

Ora uma vez ia o Manuel passando  
junto ao adro da igreja. Aproximou-se  
e viu à porta principal um bando  
de homens a olhar o que quer que fosse.

Empurravam-se todos em tropel,  
ansiosos por saberem, cada qual,  
o que vinha a dizer certo papel  
pregado com obreias no portal.

"Mais contribuições!" - supunha um.  
"É prás sortes, talvez!" - outro volvia.  
Quantas suposições! Porém, nenhum  
sabia ao certo o que o papel dizia.

Nenhum (e eram vinte os assistentes)  
sabia ler aqueles riscos pretos.  
Vinte homens, e talvez inteligentes,  
mas todos - que tristeza analfabetos!

Furou o Manuel por entre aquela gente  
ansiosa, comprimida, amalgamada,  
como uma formiga diligente  
por um maciço de erva emaranhada.

Furou, e conseguiu chegar adiante.  
Ergueu-se nos pezitos para ver;  
mas o edital estava tão distante,  
lá tanto em cima que o não pôde ler.

Um dos do bando agarrou-o então  
e levantou-o com as mãos possantes  
e calejadas de cavarem pão.  
Houve um silêncio entre os circunstantes

E numa clara voz melodiosa  
a alegre e insinuante criancinha  
pôs-se a ler àquela gente ansiosa  
correntemente o que o edital continha.

Regressava o abade do passal  
a caminho da sua moradia.  
Como era já idoso e via mal,  
acercou-se para ver o que haveria.

E deparou com este quadro lindo  
de uma criança a ler a homens feitos,  
de um pequenino cérebro espargindo  
luz naqueles cérebros imperfeitos.

Transpareceu no rosto ao bom abade  
um doce e espiritual contentamento,  
e a sua boca, fonte de verdade,  
disse estas frases com um brando acento:

" - Olhai, amigos, quanto pode o ensino.  
Sois homens, alguns pais e até avós.  
Pois por saber ler este menino  
É já maior do que nenhum de vós!

(Susete, 82)

## **Anexo 6**

### **Transcrição do grupo de foco 2**

#### **Falar sobre a pesquisa e como estas informações serão utilizadas**

##### **Apresentação do grupo**

Meu nome é Fernando, estou reformado e era empregado bancário, tenho 63 anos e sou de Évora.

Meu nome é Joana, tenho (Joana, 62) anos era administradora de empresas.

Sou Isabel, tenho 73 anos e era doméstica.

Maria, era empresária, reforma agora bem entendido e tenho 66.

Eu sou Paula, origem da Suíça, mas vivo aqui há 40 anos, sou doméstica e tenho 64 anos

Sou Ana, tenho 69 e estou reforma, não tinha nenhuma profissão antes de me reformar.

##### **Primeiramente gostaria de saber se possuem telemóvel.**

(Todos possuem)

##### **Quando adquiriram o telemóvel pela primeira vez, se recordam? Como foi esta experiência?**

Eu? Foi a minha filha que comprou, porque eu levava os miúdos ao judo e ela precisava saber se me demorava ou não. Foi ela que me ofereceu e isso já lá vão dezoito anos ou coisa do género. (Isabel, 73)

### **Mais alguém quer falar?**

Acho que é por comodidade. (Maria, 66)

Pela necessidade, acho que é importante estarmos contactáveis e podermos contactar, não só em caso de emergência, mas noutras situações. É um objeto que se tornou bastante indispensável. Já tenho há muitos anos, não sei exatamente quantos, mais já tenho há muitos anos. (Fernando, 63)

Mais de vinte. Foi dos primeiros, eram daqueles grandes. (Maria, 66)

Eu fiquei com o do meu marido. Meu marido tinha telemóvel, quando ele faleceu, passou para mim. Entretanto, apareceram outros aparelhos, mas meu número ficou sempre o mesmo. Foi para aí há vinte anos também. (Paula, 64)

Eu uso um bocadinho reticente... mas muito rapidinho, só para dar um recado, porque realmente tenho uma certa... tenho uma filha na Google e ela quase não usa o telemóvel, porque ela desconfia do que podem fazer. Mas não é só isso. Eu detesto ir no autocarro e ouvir as conversas de toda a gente e as contas bancárias... Eu não tenho que apanhar com aquele lixo! E os namoros, onde dormiram, com quem dormiram! E temos que ouvir. Isto no telemóvel para mim... Acho que o telemóvel é necessário, é muito bom, mas para uma emergência, não para andar no meio da rua. É para dar um recado, quando não estou em casa e quero falar para casa, quando estou aflita e mais nada, só para um recado. (Ana, 69)

Não é para essas coisas. (Maria, 66)

Mas isso é também um bocadinho de falta de educação. Quantas vezes me ligam e eu digo “já ligo”. (Maria, 66)

E nos carros a atropelarem uns aos outros e a pararem para falar no telefone e acho que não era preciso. Se calhar isso é mais em Portugal, porque são um bocadinho exagerados. (Ana, 69)

Não, acho que não. Acho que é em todo o lado. (Fernando, 63)

Eu tinha um Nokia já há muitos anos e ainda o tenho, o mais simples. Quando fui para o Motorola ela (a filha) disse “é uma vergonha tu não teres um Motorola” eu disse “só uso de semana à semana” e agora ela está na Google e todos os anos lhe oferecem um no final do ano e agora até foi aquela... um... Tablet e até trouxe para mim para eu ver os netos. Agora ando a ver se consigo mexer naquilo, tem internet, tem tudo, para eu ver os netos que estão longe. Do contrário, ela usa o menos possível e porque lhe dão, porque ela não ia comprar. (Ana, 69)

**Mais alguém gostaria de partilhar desde quando usa o telemóvel e por que adquiriu? Se recordam por que decidiram adquirir um telemóvel?**

Foi mais por comodidade. (Maria, 66)

Eu devo dizer que comprei o primeiro telemóvel quando a minha filha mais velha teve carta, já lá foi pra aí há 20 anos e preocupava-me que ela andasse no carro sozinha e não ter... quer dizer... não poder contactar se houvesse algum problema. Foi o primeiro que comprei, foi por causa disso. (Joana, 62)

E antigamente as empresas não davam telemóveis. Agora que praticamente as pessoas... A minha filha, todos os anos, tem direito a um e ela vai passando para nós, a gente não compra. (Maria, 66)

É como a minha. Porque é verdade a gente foi dos últimos a ter. (Ana, 69)

O telemóvel, acho que é uma coisa bastante importante, mas acho que as pessoas dão um uso que não é uso, é abuso, porque passam horas a falar ao telemóvel sobre coisas que não tem importância nenhuma. (Fernando, 63)

E são coisas que não interessam, podem interessar a eles e é uma falta de educação. (Maria, 66)

E em público. A senhora está a dizer no metro, eu vejo no autocarro, na rua... (Fernando, 63)



Mas em outros países também se vê, não é só cá. Se a gente for à China, aquilo é a toda a hora e a todo momento. É um povo muito tecnológico, uma coisa impressionante. (Maria, 66)

Olha que na Inglaterra não, em Nova Iorque sim. (Maria, 66)

### **O que a senhora pensa?**

Eu só uso mesmo para uma comunicação. Com certeza, falo muito com as minhas filhas, mas pronto “está tudo bem? não sei quantos e acabou” e desligo. Não gosto de fazer assim grande... até porque não tenho muita apetência para essas coisas... gosto mais de falar diretamente com as pessoas. (Isabel, 73)

### **Então essa questão da “etiqueta” também é importante... notam alguma diferença nesse comportamento entre as gerações mais velhas e mais jovens?**

Eu penso que as vezes... para mim é um dos meus problemas, porque oiço mal. Às vezes tenho tendência a falar alto porque não oiço, mas lá está, a minha conversa é se está tudo bem... porque tenho uma prima que foi operada e é essa questão de saber se está bem, se não está, como está... esse é um motivo importante. (Isabel, 73)

Eu as vezes digo assim “como é que as pessoas antes viviam sem telemóvel?” É verdade... o meu marido tem telemóvel como eu. Ele olha e vê se é um número que lhe interessa, se não for não atende... Se for em casa ele diz “vai atender porque não é para mim, é para ti de certeza”, porque eu é que vou resolvendo os problemas, mas não há dúvida nenhuma que o telemóvel faz falta, quem disser o contrário... Uma pessoa tem um filho que tem um problema, está no estrangeiro, não sei o quê... Pronto, é um meio de comunicação... Antigamente as pessoas iam a uma cabine, aquelas cabines para os internacionais, e às vezes não se conseguia. Às vezes as pessoas ligam do hotel e custa cinco vezes mais. Agora já até há internet em todos os hotéis, mas antigamente era complicado! (Maria, 66)

### **Conseguiriam imaginar as vossas vidas sem o telemóvel? Por quê?**

É uma questão de hábito, a gente acostumava-se. (Paula, 64)

Seria menos stressante, porque eu vejo que as pessoas estão todas stressadas porque telefonam “tem um erro aqui, um erro acolá” e sem os telemóveis eles tinham que resolver as coisas de outra forma e não estarem a falar. (Isabel, 73)

Acho que faz falta para quem tem filhos. (Paula, 64)

Profissionalmente, faria uma falta enormíssima, resolvemos muitas coisas através do telemóvel. Ligamos para uma pessoa e ela pode estar em qualquer lugar e já está. (Joana, 62)

E com os filhos... Acho que para contactar com os filhos é uma coisa maravilhosa, muito boa. (Isabel, 73)

E há pessoas com miúdos...mas eu acho que eles não deveriam usar como usam. (Ana, 69)

E acho muito mal os miúdos com seis, sete anos com telemóveis. (Maria, 66)

É porque têm medo, a vida hoje está complicada. (Ana, 69)

E as crianças podem ter um problema qualquer e se têm o telemóvel podem pedir ajuda. (Fernando, 63)

Eles ligam é “pros” amigos... (risos). (Ana, 69)

Não, para pedir ajuda, para pedir ajuda! (Fernando, 63)

### **E o senhor, o que pensa?**

Eu acho que nós todos somos animais de hábitos, como estamos habituados a usar... Se desaparecesse o telemóvel da face da terra habituávamos outra vez. (Fernando, 63)

A gente tinha que se habituar, claro. Antigamente nós não tínhamos telemóvel, agente telefonava para a mercearia. Eu ia às compras na mercearia e ele telefonava para lá, havia sempre comunicação. Agora, claro, no supermercado já não é possível! Antigamente era na mercearia... (Paula, 64)

Tudo é possível. Antigamente até iam a cavalo não sei onde, levar e trazer e funcionava. (Ana, 69)

**Acham que a crise económica modificou, de alguma forma, o modo como usam o telemóvel?**

A mim não, como não uso muito. (Isabel, 73)

Pesou desde sempre, não é só de agora. Agora eles fazem muitas campanhas e fizeram preços mais baratos. Acho que não, acho que está equivalente. Eles fazem muita propaganda, aparecem chamadas gratuitas. (Paula, 64)

Eu acho que não, acho que falam mais do que nunca. Os miúdos, eu vejo... (Maria, 66)

Aparecem muitas chamadas gratuitas, se forem da mesma rede. (Ana, 69)

Agora há muitas campanhas. As pessoas teriam... como é que eu vou dizer... as pessoas, por si só, devido a crise, o que sentiriam era utilizar menos o telemóvel, só que as empresas que tratam desses assuntos também sabem isso. Então lançam campanhas, atrás de campanhas para motivar as pessoas a usarem o telemóvel e acho que elas têm tido sucesso nisso. Não acho que se fala menos do que se falava antes. (Fernando, 63)

Acho que se fala mais. (Maria, 66)

Tem aqui... desculpa, mas são empregadas brasileiras e falam umas com as outras, a falarem sempre! E eu pergunto a minha empregada “como é que conseguem estar tantas horas ao telefone?” porque estão aqui a trabalhar para ganhar dinheiro e levar, “ah, nós temos um moche que falamos entre todas e não pagamos nada a mais. E lá está, eu oiço as conversas todas, todas, a falarem mal das patroas. (Ana, 69)

**O que fazem com o telemóvel para além de fazer e receber chamadas?**

(todos dizem que usam SMS, com exceção de uma pessoa)

**Por que a senhora não usa as mensagens de texto?**

É porque eu nunca me pus a... Às vezes penso “vou mandar uma mensagem”, mas depois “é melhor falar”. (Isabel, 73)

Eles têm um programa que é igual mensagem e falar, fica o mesmo preço. (Ana, 69)

Mas é diferente, falar é melhor do que mandar mensagens, só que muitas vezes também manda-se mensagens, é mais prático, menos intrusivo, sobretudo em certas horas, para certas pessoas. (Fernando, 63)

É também porque é mais barato que as chamadas. (Paula, 64)

Eu também uso mensagens, recebo e passo. (Joana, 62)

### **Alguém tem telemóvel com internet?**

(duas pessoas não têm – Paula e Isabel)

### **A internet do telemóvel é utilizada para quê?**

Para ver os jornais, o tempo. (Maria, 66)

Eu vejo mails, o tempo, informação. (Joana, 62)

No fundo é para ver a informação. Às vezes coisas que precisamos saber e não podemos ou não queremos estar a espera de chegar a um sítio onde haja um computador, então acedemos através do telemóvel. Para ver o tempo. No fundo é para ver informação ou para usar o Skype. (Fernando, 63)

Sim, o Skype. (Maria, 66)

### **Qual a importância do telemóvel para as vossas relações sociais?**

Talvez, aumente as relações um bocadinho. Não, acho que pode haver mais contactos com família, mas acho que há mais contacto com familiares. (Joana, 62)

Mais amigos não, mais contacto. (Fernando, 63)

Amigos, não é assim muito fácil. (Paula, 64)

Depende, eu tenho filhos em Nova Iorque e em Inglaterra e não pagam nada porque têm o Skype. E já estão os brasileiros, que adoram ter essas coisas para falar com a família, são mais apegados. Faço isto através do telemóvel e tem aquilo que ela me ofereceu o Tablet, ou sei lá o quê... (Ana, 69).

**Mais alguém tem Tablet?**

Sim, eu tenho. (Maria, 66)

Se não fosse a filha a oferecer, ainda estava a usar o meu “nokiazinho”. (Ana, 69)

Mas para ver a imagem, aquilo é muito agradável. Pode-se falar e ver as pessoas ou pelo menos falar. (Maria, 66)

**Mais alguém tem alguma coisa a partilhar sobre as relações sociais?**

Eu acho que não expande as relações sociais, é só com aqueles que já conhecemos. Isso na nossa geração. Está aqui uma geração diferente. As gerações mais novas, eles fazem muitos amigos. (Ana, 69)

Amigos pela internet, não! (Maria, 66)

**Lembram-se de algum episódio de vossas vidas em que o telemóvel foi muito importante?**

Eu lembro-me há não muito tempo, ter tido um furo na autoestrada, sabia o número do telefone da Brisa e telefonei, daí a 15 minutos estavam lá. (Joana, 62)

É para essas coisas que serve. Comigo me aconteceu, mas não liguei para a Brisa, liguei para o meu filho. (Paula, 64)

Comigo aconteceu no meio da ponte. De uma viagem de 2000 quilómetros, cheguei ali à ponte... Em 10 minutos eles apareceram. Tinha o número do Automóvel Clube e eles vieram. Estavam todos a passar e a chamar nomes e a gente ali, tumba! O carro cheio, vínhamos da casa de amigos do estrangeiro (muitos risos). Ao fim de 2000 quilómetros empacou ali na ponte e o telemóvel foi importante nesse momento. (Maria, 66)

**Mais alguém tem alguma experiência que queira compartilhar?**

Por exemplo, às vezes falta de bateria, a gente deixa a luz do carro ligada. A gente liga pro Automóvel Clube e eles aparecem em um quarto de hora. São coisas que acontecem. (Maria, 66)

Também já tive dois casos desses. Um foi com a minha mulher e o outro com a minha filha. Também o carro parou, por furos, e aí ligaram, não foi para o Automóvel Clube, mas para mim. (Fernando, 63)

(muitos risos)

Eu fiz o mesmo com o meu filho. (Paula, 64)

É claro. (Maria, 66)

(muitos risos)

O telemóvel também, serviu muito bem. Recebi uma chamada do meu filho a dizer “o meu filho já nasceu”, isso é logo, é a primeira coisa. (Paula, 64)

**Agora, vamos falar do computador e da internet. Quem tem computador em casa?**

(todos têm computador em casa)

**Quando adquiriram o primeiro computador? Lembram-se como foi? Foi há quanto tempo?**

Há muitos anos. (Fernando, 63)

Há muitos anos. (Joana, 62)

**Há mais ou menos quantos anos?**

Há mais de dez, mais de quinze, mais de vinte anos. (Fernando, 63)

Eu não. Nunca tinha mexido no computador antes de vir para aqui na primeira aula. Tinha computador em casa, mas era da minha filha e tinha medo de mexer naquilo (risos). (Isabel, 73)

### **Por que a senhora tinha medo de mexer?**

Depois que comecei a ter as aulas me senti muito mais à vontade. Eu não adquiri um computador novo. Como ele (o computador) teve uma pequena avaria estou a espera que eles venham arranjar. Acho que o problema é só o rato, mas o meu neto disse que era também um cabo. Estou farta de dizer “quando vem cá?” Não há maneira. (Isabel, 73)

Os rapazes têm sempre imensas coisas para fazer. (Isabel, 73)

A gente andar a aprender sem ter um é um bocado complicado. (Paula, 64)

Eu andei a aprender com o meu marido, cada um para o seu lado, porque só servia para nós jogarmos, eu jogava com ele, mas ensinar, não! Desculpe lá! (Maria, 66)

(muitos risos)

Ao meu marido, meu filho ensinada muita coisa “oh pai, a mãe não sabe” (risos). (Maria, 66)

### **Por que decidiram fazer aulas de informática?**

Porque é uma coisa agradável. Vim cá a primeira vez e gostei imenso e inscrevi-me para mais aulas. Para praticar, para aprender coisa que não se sabe. Eu acho que é muito bom. (Maria, 66)

Eu vim por vergonha. Eu não sabia nada! (Ana, 69)

A minha neta... o meu filho passou um computador dele para a minha casa para a minha neta. Ela sabia mexer naquilo e eu não sabia nada e eu pensei “isso não pode ser, tenho que aprender a mexer nisso”. Agora o computador é mais para mim do que para ela, agora ela já tem o dela e eu fiquei com o antigo. (Paula, 64)

Vão nos passando os antigos. (Ana, 69)

Pois é, mas eu, sinceramente, foi por vergonha, pois eu não sabia mexer naquilo, não tinha a mínima ideia. (Paula, 64)

Acho que faz parte. Hoje, não saber mexer nos computadores é muito mal, é a mesma coisa que não ter a quarta classe. (Ana, 69)

Acho que há um mínimo que as pessoas deveriam saber. (Fernando, 63)

E a internet é muito agradável. (Maria, 66)

### **E a senhora?**

Eu vim para aprender aquilo que não sei. Eu mexo bastante no computador, mas há sempre coisas que se faz intuitivamente e não se sabe bem porquê ou como é que se volta atrás. Portanto, tinha tempo livre e achei que não fazia mal nenhum e tenho estado a gostar muito. (Joana, 62)

### **Quem não sabia nada antes de vir para s aulas de informática?**

Eu. Tem sido muito prazeroso. Já vou no terceiro ciclo, vou seguindo, vou seguindo. (Isabel, 73)

### **Antes de começarem a usar o computador e a internet, acham que estavam sendo, de alguma forma, deixados para trás?**

Me sentia uma analfabeta, não é? (Isabel, 73)

Quando eles estão a falar, já vamos sabendo algumas coisinhas. Antes eles falavam palavras que a gente não entendia. (Paula, 64)

Eu tenho um neto de sete anos e qualquer coisa ele perguntava à mãe. A mãe dizia que não sabia e ele ia procurar a resposta no computador “oh mãe, já sei”. Ele tem sete anos, não é? E eu me sentia mal um bocadinho. (Isabel, 73)

Às vezes acontece... por exemplo, eu encarrego muito o meu marido para fazer muitas coisas “faz-me lá isso, tira lá isso, tira a cópia disso”, e as pessoas, às vezes, deixam-se andar, mas chegou uma altura que “eu não sou tão burra que não faça”. E pronto, tem que se fazer assim. Às vezes a pessoa está sempre em casa e agora não, já vou lá, estou lá metida naquilo. (Maria, 66)



**O fato de terem aulas de computação e estarem a aprender a usar a internet, facilitou, de alguma maneira, o diálogo com outras pessoas?**

Claro, aprendemos também os termos certos da comunicação e antes eu não conhecia. Agora quando os mais novos falam já entendemos “ah, pois, é isso!”. (Paula, 64)

Eu concordo e acho outra coisa muito importante: é que eles deixam de olhar para nós como se fôssemos analfabetos, os velhotes. (Joana, 62)

Eu tenho um neto que uma vez me perguntou se eu era do tempo dos dinossauros, por não saber mexer no computador (muitos risos). A gente precisa ir avançando, acompanhar... (Isabel, 73).

É acompanhar a sociedade. (Ana, 69)

Os miúdos hoje em dia têm uma facilidade! (Maria, 66)

É diferente. (Fernando, 63)

Eu tinha uma filha solteira. O sobrinho tinha três, quatro anos e ia lá para casa e punha-se ao computador e mexia e ela dizia “oh mama, por que não mexe?” Eu tinha receio que ela tivesse trabalho lá e estragasse ou destruísse aquilo. O miúdo, por si próprio, não tinha essa ideia e passava o dia no computador. Ele tinha quatro anos e, veja, já vai fazer 25. Portanto, já há mais de 20 anos, só que eu tinha medo, tinha muito receio de mexer. (Isabel, 73)

**Porque usar o computador e a internet? O que traz de positivo e negativo para as suas vidas?**

Acho que tem tudo de bom se não for usado com certos excessos. Acho que realmente é uma tecnologia que cresceu rápido e estimulou as comunicações, as descobertas de coisas que não se sabia, não é? (Isabel, 73)

Mas também tem uma parte negativa. (Paula, 64)

Eu tenho uma amiga que está quase a se separar do marido por causa destas coisas, ele dá sempre prioridade à internet. (Ana, 69)

Acho que é muito bom desde que seja usado com bom senso. Serve para muita coisa inclusive para podermos contactar pessoas que estão longe de forma fácil e acessível, o que é ótimo. Há pessoa que abusam da sua utilização e isso pode lhes provocar determinados tipos de mal-estar e doenças que naquele altura não se dão conta, mas que passado uns tempos vão aparecer. Como a postura quando se está ao computador, as pessoas têm tendência de ficarem assim, não é? E depois, passado uns tempos passa-lhes a doer as costas e a posição das mãos pode causar tendinite. Mas porquê? Isso por causa do abuso na utilização. Se utilizarmos aquilo com algum equilíbrio e bom senso, pronto. (Fernando, 63)

**O que é mais difícil de aprender quando estão nas aulas? Tem alguma dificuldade particular?**

Não acho que a informática seja difícil de aprender. O que limita a informática é que nós aprendermos e se não utilizarmos esquecemos *imediatamente*. Acho que é a única coisa, porque é tão simples que se não praticarmos... Eu aprendi a usar o Excel há não sei quantos anos e agora é raro trabalhar com Excel e acho que 80% do que aprendi já me esqueci. (Joana, 62)

Eu tenho um pouco de dificuldade com o rato. (Paula, 64)

É pequenino! Com o portátil eu não uso rato. (Maria, 66)

Eu também, eu não uso rato. (Paula, 64)

**Acham que a internet contribui para a sociedade? Em que sentido?**

(Todos dizem que sim)

Contribui imenso. (Paula, 64)

Para as empresas e para tudo. (Maria, 66)

Mesmo para nós. (Paula, 64)

Quando queremos fazer pesquisas, fazer qualquer coisa. (Fernando, 63)

Quando queremos ir a qualquer lado vemos os caminhos, onde ficam, os hotéis, mesmo outras coisas. (Maria, 66)

Aqui a tempos meu neto queria um *Nintendo*, a mãe disse que era caro e ele disse “caro quanto?”, “não sei, mas é caro”. Ele saiu dali e escreveu Nintendo e soube logo o preço. (Isabel, 73)

### **O que fazem com o computador e a internet?**

E-mail, Skype para falar com familiares, pesquisa para saber coisas que não sabemos bem, coisas que temos uma ideia e queremos saber melhor. (Joana, 62)

O uso dos programas da Microsoft como o Word, Excel, PowerPoint, Access, esses programas básicos e mais utilizados. (Fernando, 63)

Compro viagens, bilhetes de avião. (Joana, 62)

Eu comprei uma mala e um telemóvel. (Paula, 64)

Coisas maiores, eu já comprei televisão, impressora, já comprei umas coisas. Eu compro, mas primeiro, eu vou ao local ver, eu gosto de ver e tocar nas coisas, às vezes a internet não esclarece as coisas. (Fernando, 63)

Eu também. (Paula, 64)

### **Estar reformado significou mais tempo para o lazer e, conseqüentemente, mais tempo para fazer as aulas de informática?**

Claro, temos mais tempo livre. (Paula, 64)

Para mim é uma força de vontade muito grande, porque tenho um marido em casa acamado e não tenho muito tempo e gostaria de ter mais tempo para chegar em casa e ir estudar... (Ana, 69)

### **Como analisam a relação entre o uso das tecnologias e o tempo? O que pensam sobre isso?**

Na minha opinião as tecnologias gastam tempo. Mas é um tempo que não faz falta, que posso dispensar, mas geralmente gasta-me tempo. (Paula, 64)

Sim, mas nós podemos gastar tempo com a internet e com as novas tecnologia, mas aquilo que se faz com o computador, sem o computador, demorava dez vezes mais. (Fernando, 63)

Sim, mas talvez não fazia! (Paula, 64)

Poderia era não fazer... (Fernando, 63)

Não escreveria tantas cartas (e-mails) como estou a escrever agora, eu não estava ali no Skype, como estou agora, não telefonava todos os dias! (Paula, 64)

Mas isso dá prazer. (Ana, 69)

Mas isso é uma utilização que dá prazer, é um gastar de tempo que para si é útil. A palavra gastar para mim é outra coisa (faz insinuações sobre o dinheiro e todos riem). (Fernando, 63)

Sim, claro, não vamos ao cabeleireiro (todos riem). (Paula, 64)

**Acham que os jovens de hoje sabem o que é viver em crise, se compararmos com a vossa juventude?**

É diferente, eu penso que não e comparável. Eu não era infeliz, mas não havia estas facilidades que há agora e que é interessantíssimo, uma pessoa sabe uma notícia que se passou nos confins do mundo, sabe-se logo. Naquela época a comunicação, era diferente, a crise era diferente, não sentíamos falta de certas coisas porque nunca as tínhamos tido. A comunicação era totalmente diferente. (Isabel, 73)

Não tem nada a ver. (Fernando, 63)

No aspeto das comunicações, os jovens são uns privilegiados, mas... (Isabel, 73)

Eu acho que todas as gerações passam por essas fases. Quando nós tínhamos vinte ou vinte e poucos anos, haveriam outras coisas que os nossos pais não tiveram e diziam

“os meus filhos são uns privilegiados” e dizemos nós dos nossos filhos ou dos nossos netos. Eu acho que em todas as gerações vai ser assim. As pessoas dizem “nunca houve uma coisa como há agora, nunca tiveram as possibilidades como há agora”. É verdade e não é, porque se nós compararmos com as condições que nós tivemos na altura quando nós éramos jovens, essas também eram totalmente diferentes das anteriores e sucessivamente de geração para geração. Agora o que não há dúvida é que em termos de tecnologia, a evolução foi totalmente diferente. (Fernando, 63)

E foi para bem. (Isabel, 73)

Mas acho até que é uma sociedade de consumo que é uma coisa impressionante! Não saiu uma coisa e já está a sair outra! (Maria, 66)

Eu acho que é uma coisa do mundo. A gente vê o que se passou por escavações e coisas assim e havia coisas mais evoluídas que nós e não sabemos como foram feitas. Isso sobe, sobe e o mundo encarrega-se. (Ana, 69)

Mas acho que o mundo andou depressa demais nesses últimos anos, nesse tipo de situações. (Fernando, 63)

Por isso estamos lá com aquela coisa, o ozónio, é por isso, da evolução que foi rápida de mais. (Maria, 66)

### **Como é que veem essa questão do consumismo dos mais jovens?**

Esse aspeto para mim é negativo. (Fernando, 63)

Porque torna os miúdos insatisfeitos. Tenho dois netos, um com vinte e cinco e outro com vinte e dois e outros da filha mais nova, um com nove e sete e é totalmente diferente, embora os netos mais velhos tivessem muitas coisas. Os mais pequenos não têm nada que lhes sirva, nada é uma surpresa. (Isabel, 73)

Hoje mesmo com os filhos, eu sou mãe e não sou nova, acho que não se deve ser nem sempre, nem nunca ou dar tudo e não dar nada, deve ser um meio-termo. É por isso que há muita desgraça, os filhos têm tudo e vão às drogas e vão ao dinheiro e isso e aquilo. (Maria, 66)

Uma criança que nasça nesta altura habitua-se facilmente a ter tudo e depressa e assim que tem tudo, ambiciona ter mais alguma coisa. Portanto, se tem um modelo de telemóvel, se calhar o mais recente, aparece um novo, quer o novo! (Fernando, 63)

E muita competição nas escolas. (Ana, 69)

Também. (Fernando, 63)

Todos nós gostamos de ter as coisas, mas não é assim. O meu sobrinho é de uma outra geração. Pronto! Ele tem uma televisão “enooorme” em todas as divisões e achei aquilo horrível! (Ana, 69)

**Se pudessem definir em algumas poucas frases essas tecnologias, quais seriam?**

Acho que é importante. Hoje em dia para mim já é fundamental ter esse tipo de coisa, porque nos fomos habituando a ter isso. Imprescindível é uma palavra muito forte. Eu conseguiria viver sem isso, mas faz parte do conforto. (Fernando, 63)

Faz parte do conforto. (Paula, 64)

Até na ciência. Porque hoje em dia, se tem um doente em um sítio qualquer que precisa de informação de outro especialista... há facilidade na comunicação. Ai acho que é importantíssimo. (Isabel, 73)

**E para as vossas vidas pessoais?**

A tecnologia é muito importante. Sem a tecnologia, ter que lavar a roupa à mão, pelo amor de deus! (risos). (Ana, 69)

**Uma das maiores invenções de sempre, a máquina de lavar!**

Então não é? É que já nem nos apercebemos... (Ana, 69)

Meu irmão fazia com uma lata de atum, colocava uma pedaços de pau e umas coisas de cortiça e fazia uns carrinhos e andava todo contente a andar com isso. Isso também puxa a inteligência! Enquanto que os miúdos agora brincam e depois já querem outro. (Ana, 69)

## **Anexo 7**

### **Transcrição do grupo de foco 3**

#### **Falar sobre a pesquisa e como estas informações serão utilizadas**

##### **Apresentação do grupo**

Eu sou Miguel, nasci em 1949, eu nasci no Alentejo e sou professor reformado.

Eu sou Margarida, tenho 61 anos e era professora, nasci em Monchique.

Sou Olinda, nasci em 1944, em Vila Nova de Cerveira, distrito de Viana do Castelo, eu era empregada administrativa na manutenção militar.

Eu nasci em 1930, eu sou Adelaide e sou a mais velha que andou cá, com certeza! Nasci em Lisboa. Era funcionária dos Correios, porque fui para a África, era uma terra muito pequena, porque eu queria enfermagem, mas não consegui e estive nos Correios era primeira oficial dos Correios quando me reformei.

Sou João, nasci em 32, no Porto. Trabalhava na função pública, do Estado, que tratava bem as pessoas.

##### **Primeiramente, gostaria de saber se possuem telemóvel.**

(todos possuem telemóveis)

##### **Quando adquiriram um telemóvel pela primeira vez, se recordam? Como foi essa experiência?**

Talvez para aí há uns oito, dez anos, mais ou menos. Não posso precisar muito bem, mas talvez há uns oito, dez anos. (Olinda, 69)

Tenho a impressão que já tinha começado os telemóveis... (Adelaide, 83)

Começaram há uns vinte anos. (Miguel, 63)

Cá mesmo, também? (Adelaide, 83)

Sim, há vinte anos é que começaram. Então, eu devo ter há uns dez, doze. (Olinda, 69)

Eu tenho há uns doze anos. (Adelaide, 83)

Eu tenho há mais de dez. (Miguel, 63)

Eu também tenho há dez anos, mas já vou no terceiro telemóvel. (João, 80)

No ano 2000 eu já tinha telemóvel, pois foi quando disseram que ia acabar o mundo. Tenho a impressão que já tinha telemóvel, daqueles grandes, havia uns telemóveis grandes, lembram-se? (Adelaide, 83)

Os grandes eram os chamados tijolões. (Miguel, 63)

Meu marido estava doente e então, ele deu-me um telemóvel para quando eu fosse ver o meu marido, eu estar em contacto com ele. Quando era preciso busca-lo à casa para levá-lo ao hospital e tudo. Ele deu-me um desses telemóveis. Foi o meu filho quem me deu, desses grandes. Eu não gostava nada daquilo, agora tenho um pequeno, mas andava com aquele grandão na bolsa, mas andava muita gente. (Adelaide, 83)

Isso era como antigamente como o senhor disse. A antigamente, os computadores eram enormes, agora não. (Olinda, 69)

Eu colocava aquilo em cima da mesa e estávamos a festejar os anos e o “Manel”, que estava na Alemanha, estava a ouvir a gente a cantar, ele foi tocar ao piano e a gente ouvia, os parabéns. (Adelaide, 83)

**O senhor disse que já teve três telemóveis e os outros quantos tiveram?**

Eu tive dois. (Adelaide, 83)

Eu tive quatro. Alguns caíram para a água e foram... (risos). (Olinda, 69)



Mas também não uso muito. (Adelaide, 83)

Eu já devo ir aí no meu quinto. (Miguel, 63)

**Como foi utilizar o telemóvel pela primeira vez? Se recordam?**

Já não me lembro, parece que o meu filho me ensinou como é que eu deveria fazer. (Adelaide, 83)

Eu estive a ver ali e a pesquisar, meu marido era mais nabo que eu. (Olinda, 69)

Eu ainda não aprendi tudo, ainda. O último tem capacidades que eu não uso, por exemplos jogos, não, não! Mas mesmo na parte útil do telemóvel, para além da parte recreativa, ainda não esgotei as capacidades. (João, 80)

**E o senhor está ainda a aprender, a pesquisar?**

Não, não, só uso o que necessito. (João, 80)

Eu não uso SMS. Só para ler, recebo, mas não envio. (Adelaide, 83)

**Por que não utiliza, tem alguma razão?**

Não tenho interesse. (Adelaide, 83)

Eu gosto do telemóvel para ouvir a pessoa. (Olinda, 69)

Eu gosto dessas tecnologias porque posso falar com a pessoa em qualquer lugar e em qualquer momento. É ter essa facilidade de comunicar com as pessoas, é por causa disso que eu gosto do telemóvel. 83

**Lembram-se de algum episódio de vossas vidas em que o telemóvel tenha sido muito importante? Podem nos contar como foi?**

Isso é sempre muito importante. Uma vez estava no hospital, meu marido tinha acabado os tratamentos. Se eu não tivesse telemóvel eu não podia comunicar com ele (o filho) para o ir buscar. Acho que o telemóvel é uma coisa muito útil. Antigamente, quando a gente não tinha telemóvel, como é que a gente fazia? (Adelaide, 83)

### **Como é que a senhora fazia?**

Às vezes ia-se telefonar para a cabine, mas era muito difícil às vezes até encontrar a cabine, já me lembro disso. O telemóvel veio desenvolver muito essas coisas. A gente está num sítio qualquer ou, por exemplo, vai na rua e dá um trambolhão, esse é um supor, não é? A gente pode ligar para uma pessoa para nos acudir e antigamente se a gente não tivesse isso... (Adelaide, 83)

Eu me recordo de uma peripécia em que não foi muito agradável, mas foi através do telemóvel que soube. Saímos de manhã e fomos para a praia, quando chegamos à praia o telemóvel tocou e era o meu filho “mãe estou no hospital, tive um acidente”. Quer dizer, não foi muito agradável, mas são estas pequenas coisas, porque a comunicação é rápida. Se não fosse esse meio de comunicação deixávamos estar e era mais difícil. Acho que isso tudo, o telemóvel, o computador e a internet também, veio para acelerar a comunicação. É tudo muito mais rápido, ao meu ver. (Olinda, 69)

O último foi aqui há tempos, pá, uma coisa vulgaríssima, uma pessoa tem um acidente, um choque de automóveis, pá, naturalmente para chamar... mesmo que não tenha tido feridos graves, foi para chamar o reboque e a polícia. É uma coisa tão vulgar que faz parte da vantagem, digamos, do dia a dia, em qualquer parte a pessoa... (João, 80)

### **Hoje, conseguiriam viver sem o telemóvel? Por quê?**

Não, não, eu não, pra mim não, eu tenho que ter o telemóvel. (Adelaide, 83)

### **Por quê?**

É importante nesses casos assim mesmo, uma aflição, uma coisa qualquer, comunicar com uma pessoa que já não vemos há muito tempo e às vezes ela só tem telemóvel, por exemplo, ou estar num sítio qualquer que só tem telemóvel. Eu posso telefonar e saber dessa pessoa. Eu moro sozinha, mas tenho o meu filho mesmo na minha frente. (Adelaide, 83)

### **E o senhor, o que pensa?**

Eu tenho esperança de viver sem telemóvel, é uma questão de filosofia. Eu procuro ensinar os meus netos, pá, nós temos, desde pequeninos, saber viver com o que temos. (João, 80)

Agora todos têm telemóveis, até os miúdos. (Adelaide, 83)

Todos têm telemóveis, televisão, mas o mais difícil é viver sem aquecimento. (João, 80)

**Mas o senhor tem vontade de parar de usar o telemóvel?**

Não, enquanto houver, eu vou usando, tenho que continuar a viver, mas não me assusta a ideia. (João, 80)

**E a senhora, o que pensa?**

Eu concordo com aquele senhor. Por exemplo, eu vou daqui para a província, para a terra do meu marido, eu até me esqueço que tenho telemóvel, ponho para ali e até deixo descarregar a bateria. Estou lá no silêncio, no descanso absoluto que... O meu marido às vezes.... (Olinda, 69)

Mas se precisar dele para qualquer coisa ele está lá! (Adelaide, 83)

Claro, é isso. (Olinda, 69)

Eu que estou sozinha, mas o meu filho não está em casa e eu então telefono para o telemóvel dele e pronto. Eu acho que não conseguia viver sem o telemóvel, porque é uma coisa muito rápida. Estou a dar um exemplo, estou em casa e sinto-me mal, mas ainda consigo utilizar o telemóvel, pronto, telefono pro meu filho e ele atende porque ele tem telemóvel, todos têm telemóveis, até os meus netos, se não encontrar um, telefono para o outro. (Adelaide, 83)

**Acham que a crise modificou, de alguma forma, o modo como usam os telemóveis?**

Há pessoas que utilizam menos. Eu como utilizo menos... há pessoas que utilizam o telemóvel muito frequente, estão sempre com o telemóvel. Eu não, só quando eu preciso, para mim não influenciou nada. (Adelaide, 83)

Eu não sei, tem que perguntar às operadoras. Se perguntar à Vodafone ela dirá se eu consumi mais ou menos. Nas autoestradas, com as portagens, diminuiu não sei quantos por cento. (João, 80)

Eu vejo pessoas que vão na rua e vão sempre a andar e a falar no telemóvel, entram no autocarro e estão sempre a falar no telemóvel. Eu não, no autocarro? Só se eu tiver alguma coisa, só se estiver aflita! Eles vão no autocarro, vão na rua, vão a falar no telemóvel! Não vou andar na rua com o telemóvel o tempo todo na orelha a telefonar a toda a gente. (Adelaide, 83)

### **E a senhora, o que acha?**

Eu evito usar, quer dizer... só uso quando é indispensável. Eu agora uso menos, talvez, uso só no indispensável, só por necessidade. (Margarida, 61)

### **Acham que existe alguma regra para o uso do telemóvel em lugares públicos?**

#### **Lembram de algum caso que queiram partilhar?**

À noite não se telefona, em geral eu nunca telefono, a partir das dez horas, dez e meia não telefono, mesmo para as pessoas conhecidas. (Margarida, 61)

Eu estou em casa e não uso o telemóvel. Eu tenho telefone fixo. Telemóvel é só quando saio de casa. (Adelaide, 83)

Eu também, mas tenho sempre ligado para receber ligações do exterior. Se precisar fazer um telefonema para telemóvel e claro que ligo pelo telemóvel. (Olinda, 69)

Eu só se não encontrar a pessoa no telefone fixo, aí ligo para o telemóvel. (Adelaide, 83)

### **O que fazem com o telemóvel para além de fazer e receber chamadas?**

Mais nada. (Adelaide, 83)

### **Alguém tem internet no telemóvel?**

(só uma pessoa tem e usa - Miguel, 63)

Eu tenho, mas não uso. O uso que faço do telemóvel é só fora de casa. Quando estou em casa tenho o telefone fixo. O da mulher tem internet, de maneira e eu me benefico dessas facilidades. Eu só mando mensagem quando não consigo falar, raramente. (João, 80)

**E os computadores, quem tem computador em casa?**

(Todos têm)

Eu tenho computador, mas uso pouco. Por falta de tempo, veja lá! (João, 80)

Se eu não uso é porque não me apetece. (Adelaide, 83)

**Mas por que a senhora não usa? Tem alguma explicação, algum motivo?**

Algumas coisas são difíceis outras mais fáceis. Mas mesmo assim é porque não me interessa muito, prefiro fazer outras coisas. (Adelaide, 83)

**O que, por exemplo?**

Eu não estou muitas horas na televisão e agora com esses políticos que estão aí... sabe que eu estou a ver televisão e estou a chamar nomes a eles? (muitos risos) Um dia fiquei tão irritada, porque eles só estão a tirar às pessoas que ganham menos, as reformas mais pequenas. E eu estava a chamar nomes e fiquei com a tensão tão alta que tive que telefonar para o meu filho para a minha nora vir lá à casa, porque a tensão já ia a 19. Agora nunca mais, quando estão a dar essas coisas... O PS põe a carga no outro, mas foram eles que deixaram isso mal. Então, eu não quero saber de nada, mudo para outra coisa qualquer ou até apago mesmo. (Adelaide, 83)

Aquilo lá existe um balde e o balde é sempre o mesmo, o líquido, o conteúdo é que muda. (Olinda, 69)

**E o computador, a senhora tem computador e utiliza muitas vezes?**

De vez em quando. Não utilizo assim muito, só para tirar algumas informações, é mais por piada. Eu estou a aprender. (Margarida, 61)

### **Alguém usa o Skype?**

Eu uso, eu uso até para a Alemanha, para o meu neto e para o meu filho. (Adelaide, 83)

Eu não uso, só a mulher. Lá em casa há um escalonamento. Agora temos um outro computador e o dela vai passar para mim, aí vou poder usar (todos riem). Sabe porquê? Quando é a mesma máquina usada por duas pessoas, às vezes há conflitos, pá. As tantas... se eu mexer na máquina de costura e a seguir outra pessoas vai lá “ah, não sei o quê!”. De tal forma que nesses casos convém ser só uma a mexer. (João, 80)

### **Então o senhor em breve vai ter um computador só seu.**

Sim, vou herdá-lo agora. O último da mulher passa agora para mim de forma que vou começar a brincar. Agora vou me dedicar. Já houve uma tentativa. Um filho que me ofereceu um computador, era o da última moda, mas aí tinha um outro filho que não tinha o da última moda, de forma que eu cedi. Agora, como este não é da última moda, ninguém vai querer (muitos risos). (João, 80)

### **E o senhor, usa o Skype?**

Sim, uso. Falo através do telemóvel com amigos e com pessoas da família que estão fora de Portugal e aqui em Portugal. Porque é mais barato, mas não é só por isso, pois no telefone fixo também tenho um programa que não pago, mas porque eu consigo estar a ver a pessoa com quem estou a falar e isso é muito agradável. (Miguel, 63)

Eu também, é por causa disso, uso o Skype para falar para a África do Sul e para a Nova Zelândia. Mas eu não quero o Facebook, não quero! (Adelaide, 83)

Eu tenho, mas pouco utilizo. Não acho muita graça naquilo. É só familiares e amigos, eu não me estendo, pois faz-me uma confusão, os amigos têm amigos e não sei quantos e nunca mais acaba. (Olinda, 69)

Eu só quero os meus amigos mesmo. Às vezes chego a estar até uma hora da manhã a falar com uma amiga minha do Porto, no Skype. (Adelaide, 83)

**Quando aconteceu o primeiro contato com um computador? Lembram-se como foi?  
Isso foi a quanto tempo?**

Há uns três anos. (Olinda, 69)

Ano passado, em 2012. (Margarida, 61)

**Até então não sabia mexer em nada?**

Sabia, mas só fazia jogos, na escola (onde trabalhava). (Margarida, 61)

Eu também, foi mais ou menos quando comecei aqui (aulas de informática) há uns três anos. (Olinda, 69)

Eu também, foi isso. Meus filhos e os meus netos mudam de computador e o velho vem para mim. Antes de fazer as aulas de informática já tinha computador, mas não mexia muito, meu marido era quem mexia. Ele faleceu e eu deixei lá ficar o computador, não mexia muito. Depois que eu vim para aqui (as aulas de informática) é que eu passei a mexer mais, mas era o mesmo e era o velho deles (os filhos), porque eles tinham outros novos. (Adelaide, 83)

**O que é mais difícil de aprender em relação ao computador?**

Aqui neste computador custava-me mexer no rato, porque o meu rato não tem fio. O senhor doutor (o professor) dizia “não sei porque a senhora está sempre aí com o rato” e eu disse “é porque o meu rato não tem fio” e aí ele concordou. (Adelaide, 83)

Eu acho que é tudo difícil quando a gente não sabe. Quando a gente aprende é fácil. O difícil é a aprendizagem, é começar a mexer, quando começamos a perceber se torna um pouco mais fácil, embora eu não saiba nada, eu não sei nada, não é? Começamos a habituar-nos. (Olinda, 69)

Mas nós temos que aprender mais que é para ficarmos melhor. (Adelaide, 83)

**Acham que a internet é uma boa maneira de entrar em contato com outras pessoas?**

Eu não acho, eu não utilizo isso, só mando *e-mails*, sim, é uma maneira de entrar em contacto com outras pessoas. Mas sim... eu mando *e-mail* e eles respondem, sim. (Margarida, 61)

Mas isso é bom, é uma maneira de entrar em contacto, eu também mando. (Adelaide, 83)

E uma pessoa que fica até uma hora da manhã no Skype.... (muitos risos). (Miguel, 63)

Ai meu deus, é verdade eu gosto, a minha amiga coitada, agora tem o marido doente... Eu como estou sozinha em casa, adoro aquilo. (Adelaide, 83)

### **E o senhor, o que pensa?**

Isso é um milagre, é uma maravilha. Tanto mais que é que as pessoas até conseguem esquemas que até saem baratos, quer dizer, é bastante acessível, é uma facilidade. (João, 80)

### **Acham que a internet contribui para a sociedade? Em que sentido?**

(Todos concordam)

Eu acho que sim. (Adelaide, 83)

Porque facilita a comunicação e para dar informações. (Margarida, 61)

E podermos falar com pessoas que estão tão longe, no Skype. (Adelaide, 83)

### **O que fazem no computador e na internet?**

Procuro informações sobre saúde. (Olinda, 69)

Esses dias, procurei informações sobre exposições, sobre pintura. Tudo que havia sobre exposições de pintura em Portugal. É esse tipo de coisas. (Margarida, 61)

Qualquer informação que a gente queira, sobre cinemas, teatros... todo, menos fazer pagamentos. (Olinda, 69)



Passagens, meu neto até marca passagens para mim. Meu filho marca para eu ir a um concerto qualquer. (Adelaide, 83)

**Compram alguma coisa na internet?**

Não. (Adelaide, 83)

Não. Eu gosto do contacto. Gosto de fazer compras naturais, o virtual para mim não me diz nada, gosto de apalpar as coisas, ver. Admiro as pessoas que o fazem, porque as novas tecnologias permitem... Às vezes chego a pensar “as pessoas fazem as comprar de supermercado online”, agente sabe e eu penso, “como que é possível?” Hoje não preciso disso, não gosto, mas é bom que a gente saiba, por isso estou aqui a aprender, porque no futuro eu posso precisar, se não puder de uma maneira, faço de outra. (Olinda, 69)

**Esse é um dos motivos pelo qual tem vontade de aprender mais?**

Exatamente. Posso um dia não poder sair de casa, posso partir uma perna e as compras podem vir ter à casa, por esse método. Se não puder sair as coisas vêm cá ter, não é? Tenho que ter mais conhecimentos e aprofundá-los, porque tem sempre aquela bolinha de medo. Quando for velhota e não puder sair de casa ou tiver dificuldade para andar. Eu não gosto, mas é bom saber. (Olinda, 69)

**Antes de começarem a usar o computador e a internet, acham que estavam sendo, de alguma forma, deixados para trás?**

Eu acho que sim. (Margarida, 61)

Acho que sim, agora os velhinhos já não ficam tanto no esquecimento. (Olinda, 69)

Eu fiquei mais entusiasmada quando fui passar umas férias como uma amiga em Valongo e ela já mexia ali no computador com uma ligeireza... e aí comecei a aprender alguma coisa ali com ela. E eu dizia “já estou velhota e agora vou aprender?” aí houve aulas aqui aí eu vim. Mas já sabia qualquer coisa. (Adelaide, 83)

**E o senhor, alguém incentivou?**

Sim, geralmente é o efeito da demonstração. No meu caso foi a mulher. (João, 80)

Eu por acaso ninguém me incentivou. Eu é que sempre fui muito curiosa em tudo quanto aprendo. Eu gosto de aprender e gosto de coisas difíceis, de desafios e de não estar parada, desde arraiolos, pintura, essas coisas assim, sempre gostei de aprender e ninguém me incentiva, sou eu própria que procuro, não gosto de estar em casa. (Olinda, 69)

Eu tive incentivo, quer dizer, no ambiente onde eu me relacionava já sabiam e eu quis também aprender, todos eram professores, lá na escola também tinha e eu comecei a aprender a jogar com os alunos. (Margarida, 61)

Agora até os médicos, agora todos têm computadores, passam as receitas, era tudo à mão e agora é obrigatório. (Adelaide, 83)

Agora é obrigatório. É a maneira da gente saber o nome do remédio. (Miguel, 63)

A minha nora não tinha computador no trabalho, só em casa, ela é médica da Câmara de Lisboa, passava à mão, mas agora não pode fazer isso, tem que ser tudo no computador. (Adelaide, 83)

### **Estar reformado significou mais tempo livre para se dedicarem à informática?**

Sim, não estar sempre em casa. (Olinda, 69)

### **E a senhora?**

Eu fui reformada muito cedo, porque estive em África, vim de África e já não trabalhei cá. Eu não quis trabalhar cá, essa minha amiga que eu ficava até uma hora da manhã, ela ficou com uma reforma muito maior. (Adelaide, 83)

### **Acham que essas tecnologias ajudam ou não ajudam a economizar tempo?**

Sim, por exemplo: antes meu marido dizia quando eu ia à rua “traga-me o jornal”. Agora já não é preciso, ele lê o jornal no computador, é mais barato. (Olinda, 69)

E é mais barato. (Miguel, 63)

**O que o senhor acha?**

É evidente, quer dizer... Se é dispensado de ir, em tempo e em desgaste, dizemos assim, o custo da deslocação é totalmente evitado. De maneira que tudo que seja comunicação desse tipo evita percas de tempo no trajeto. (João, 80)

Quem perde com isso são as sapatarias, vendem menos (risos). (Olinda, 69)

Não, o que eu estou preocupado são como os meus netos, que andam muito menos a pé do que eu e estão a ficar com várias mazelas pá, desde obesidade até coluna. (João, 80)

Isso é uma coisa que eu também não prescindo. (Olinda, 69)

A pessoa não deve estar muito tempo sentada e eu passava muito tempo sentada, mas agora vou para a rua. Vou almoçar todos os dias ao refeitório dos funcionários, se estiver a chover muito, muito é que não vou. É ali nas “pescas”, há ali muitos funcionários reformados a comer, para além daqueles que trabalham lá. (Adelaide, 83)

**Acham que os jovens de hoje sabem o que é viver em crise, se compararmos com a vossa juventude?**

É muito diferente. (Adelaide, 83)

Não tem comparação. (Olinda, 69)

Eu nunca senti a crise de antigamente, felizmente nunca senti muito essa crise e nem fui presa por Salazar e pelo Caetano, nunca tive problemas. (Adelaide, 83)

Naquela época havia realmente crise, o que não tinha era tanta comunicação. A comunicação veio alarmar muito mais a crise. Eu recordo-me de ser garota e recordo-me de ir para a fila comprar um quarto de açúcar. (Olinda, 69)

Mas isso foi da guerra. (Adelaide, 83)

Também não se consumia porque não havia. (Olinda, 69)

A mim não me faltou nada. Tinha o pão da manutenção militar. Tínhamos tudo. Quando eu ia na casa da minha madrinha, elas ficavam todas contentes com o pão branquinho da manutenção militar. Eu não senti muito essa crise. (Adelaide, 83)

Eu senti, eu senti a crise daquele tempo, eu andei descalça e quando ia à vila, aos [espaços de concelho], minha mãe dizia assim “leva agora os sapatinhos de pau que é para passar junto dos [espaços de concelhos], porque é lá proibido passar descalço, porque o senhor presidente da Câmara não podia ver ninguém descalço”. Portanto, eu passei dificuldade, passei por muita coisa, mas a gente andava alegre, não havia comunicação. (Olinda, 69)

Eu acho que as pessoas antes até viviam melhor, lá na aldeia ninguém pedia, todos tinham as suas coisas, as suas hortas, seus animais. Eu fiz a quarta classe numa aldeia, depois que eu fui para Lisboa. As pessoas viviam melhor. Primeiro, as pessoas nunca mais quiseram saber de campos. As pessoas cultivavam, tinham as galinhas, tinham os porcos, tinham tudo, não tinha gente lá a pedir. É claro que havia pessoas que tinham mais. Eu fui privilegiada, não andei descalça. (Adelaide, 83)

Eu sou do mesmo tempo desta senhora de maneira que é muito parecido com o que essa senhora dizia. Ser mais difícil é relativo, eu para saltar em altura de meio metro tenho dificuldade, mas há campeões que saltam dois metros (risos). Por tanto, é relativo. Na aldeia, minha aldeia tinha pão de milho, há anos em que dá muito, outros que dá menos. O que as pessoas, o que faziam quando havia a colheita era dividir aquilo por dez ou por onze, pelos meses que ainda faltavam para a colheita seguinte e doseavam a colheita para durar todo o ano e viviam com o que tinham. Não precisavam ir ao banco pedir emprestado, nem nada, viviam com o que tinham. (João, 80)

### **O que pensam sobre o consumismo relacionado às tecnologias, hoje?**

É muito diferente, isso é uma ambição desmedida, alimentada por quem quer vender esses brinquedos. (João, 80)

E não havia telefones, havia aldeias que não havia telefones, nem água e luz.  
(Adelaide, 83)

Foi como eu fui criada. (Olinda, 69)

**Se pudessem definir em algumas poucas frases essas tecnologias, quais seriam?**

São ajudas, pá, mas devemos manter as ajudas, como ajudas e não depender delas.  
Porque há muita gente que fica viciada e não sabem viver sem isso. (João, 80)

São aquelas que andam no meio da rua. (Adelaide, 83)

Bem essencial. (Olinda, 69)

Eu não sou dependente. (Adelaide, 83)

Acho que é uma ajuda, mas não sou dependente e até gosto de sair de casa sem telemóvel, dá até um certo prazer. Eu nunca usava telemóvel, por que hei de usar sempre o telemóvel? (Margarida, 61)

Eu até me esqueço que o tenho na mala. Por exemplo, um dia, dei um trambolhão uma senhora que vinha atrás me viu cair, até foram os homens das obras que me vieram levantar e eu como não tinha ferida nenhuma. Então fui para casa e até pensei “alguém deve ter vindo aqui dizer que me viu ali caída na rua” e foram mesmo. O meu filho telefonou-me para o telemóvel, mas eu não tinha o telemóvel ligado “por que a mãe não tinha o telemóvel ligado, para eu saber se estava tudo bem?”

Eu acho que isso foi um bom avanço, muito grande, foi a uma transformação muito rápida e nós não estávamos habituados a isso. Os jovens que nasceram já nesta geração para eles isso é o normalíssimo, nós já prescindimos de determinadas coisas porque não fomos habituados. (Olinda, 69)

Mas para eles é muito bom. O meu neto até faz maquetes no computador. (Adelaide, 83)

**Qual a influencia dessas tecnologias para os vossos contatos sociais com outras pessoas?**

Temos mais contactos. (Adelaide, 83)

No computador faz-se tudo. Se não tivéssemos essas tecnologias não falaríamos tanto, é óbvio. Mas tem uma outra coisa, temos muitos carteiros no desemprego. As pessoas já não escrevem cartas, já não se namora por cartas é só por e-mail e SMS. (Olinda, 69)

Mas damos emprego a quem fábrica, vende, mas não são carteiros (risos). (João, 80)

## **Anexo 8**

### **Transcrição do grupo de foco 4**

#### **Grupo 4**

#### **Falar sobre a pesquisa e como estas informações serão usadas**

#### **Apresentação do grupo**

Francisca, tenho 65 anos, reformada, fui administrativa durante 36 anos na Segurança Social, sou aposentada, sou divorciada, tenho um filho com 38 anos. Desde que me reformei, estou aqui na Universidade Sénior, há cerca de sete anos e há cerca de um ano, além de estar aqui, faço voluntariado aqui na secretaria da universidade. Gosto de viajar, vivo só já há 33 anos, meu filho tinha cinco anos quando me divorciei e depois de ele estar criado, aproveitei o tempo para viajar. Conheço muitos países da Europa, já fui ao Canadá e aos Estados Unidos.

Sou Manuela, estou reformada, fui profissional de seguros durante trinta e cinco anos, tenho 64 anos, tenho um filho e uma neta, sou casada e frequento a universidade há três anos.

Chamo-me Matilde, tenho 67, sou casada e estou aqui na escola desde que me reformei, há quatro anos, fui professora primária durante trinta e seis anos. Tenho duas filhas e quatro netos. Nasci em Grândola, mas moro no Pinhal Novo.

Chamo-me Josefa, tenho 68 anos, quase a fazer os 69 para o mês de vem (muitos risos), fui funcionária na Segurança Social durante 37 anos, sou viúva há sete anos, tenho duas filhas e dois netos. Morro em Setúbal, mas sou de Granja, distrito de Évora e estou cá há sessenta anos, desde os oito anos.

**Primeiramente gostaria de saber se possuem telemóveis.**

(Todas possuem telemóvel)

**Quando adquiriram o telemóvel pela primeira vez, se recordam como foi essa experiência?**

Há *long time ago* (risos).

Já há muitos anos. Antes de ter telemóvel, tive uma daquelas coisas... que eram... bips, lembro-me de ter um desses. (Matilde, 67)

Eu tinha um daqueles pesadões. (Francisca, 65)

Eu tenho há uns 15 anos. (Josefa, 68)

**Se recordam por que decidiram adquirir um telemóvel?**

Para comunicar com a família, o essencial. (Matilde, 67)

Olha, o meu era do meu marido. O meu marido comprou um novo e aquele passou para mim. (Josefa, 68)

Eu comprei um telemóvel porque viajava muito pela Europa e tinha que comprar muitos cartões. Então, assim que surgiu a oportunidade, comprei para isso mesmo, para poder falar em qualquer lado. Na altura o que pensei era estar em contacto. (Manuela, 64)

Eu também usava profissionalmente, os pais dos alunos telefonavam-me, mas não foi por esse motivo que adquiri. (Matilde, 67)

**Como foi utilizar o telemóvel pela primeira vez? Se recordam?**

Não foi difícil, ninguém me ensinou. (Manuela, 64)

Eu perguntei alguma coisa ao meu filho, porque sou do género que gosta de saber e esmiuçar e gosto de fato... se me puserem uma coisinha na mão e me disserem “não percebo, não entendo”, não! Quando não entendo, gosto que alguém me explique, isso acontece também com os telemóveis. (Francisca, 65)



Mas eu continuo a ter telemóveis simples, não tenho internet, não tenho nada disso.  
(Matilde, 67)

### **Alguém tem telemóvel com internet?**

Eu tenho, mas aquilo para gastar a bateria é num instante. Recebo os e-mails no telemóvel, mas não uso. (Manuela, 64)

Uso para fazer chamadas, para as mensagens, para o alarme quando queremos acordar. (Francisca, 65)

Eu também utilizo. Eu vivia entre Setúbal e Azeitão, perto da Aldeia Grande e a casa é no campo e tenho sempre o telefone de casa reencaminhado aqui ao telemóvel. Portanto, ninguém sabia quando estava alguém, ou não, em casa, porque atendo sempre. Ainda hoje tenho, aquela casa está ligada ao telemóvel. Se ligam para lá, vem ter ao telemóvel. (Matilde, 67)

### **O que fazem com o telemóvel para além de fazer e receber chamadas?**

(Todas falam ao mesmo tempo) Mensagens, despertador, fotografia e chamadas.

Tenho os lembretes dos aniversários no telemóvel, porque a minha cabeça já não funciona bem. (Manuela, 64)

Em relação aos aniversários, tenho uma lista feita em Word e é a maneira de eu saber.  
(Francisca, 65)

Mas aqui é mais prático. (Manuela, 64)

Mas eu não, gosto de fazer no Word, para mim é ótimo. (Francisca, 65)

### **Todas recebem e passam mensagens?**

(Todas dizem que sim)

Eu, poucas vezes, gosto mais de falar com as pessoas. (Josefa, 68)

Eu passo mensagens multimédia. (Matilde, 67)

Eu mando, porque às vezes tenho uma colega que é de outra rede e manda-se mensagens, para ficar mais barato. (Francisca, 65)

**Lembram-se de algum episódio de vossas vidas em que o telemóvel tenha sido importante? Podem contar como foi?**

Eu tenho uma! Meu pai teve um AVC e o único número de cor que ele tinha, era o número da minha casa. Eu estava na escola e recebi uma chamada dele no telemóvel. Eu não estava em aulas, estava em preparação para as aulas, em princípio de setembro. Ele disse que tinha ali qualquer coisa na mão, que não estava bem e se eu podia lá ir. Portanto, o telemóvel foi importantíssimo, justamente foi um reenaminhamento. Eu já não sei estar sem telemóvel. Eu sou dependente do telemóvel, embora não use muito, não sou capaz de estar num elevador sem telemóvel, porque acho que o telemóvel é uma segurança, se acontecer qualquer coisa, se o elevador parar, eu posso telefonar. O telemóvel é todos os dias, não quer dizer que fale, mas tem que estar perto. (Matilde, 67)

**Hoje, conseguiriam viver sem o telemóvel? Por quê?**

Já não era a mesma coisa. (Matilde, 67)

Eu acho que não era a mesma coisa porque o telemóvel, neste momento, é uma necessidade. Antes, quando íamos comprar um eletrodoméstico, dizíamos assim: “isso é uma necessidade”. E acho que nesse momento, ter um telemóvel, ter uma televisão... Por exemplo, há duas semanas atrás teve um corte na Cabovisão aqui em Setúbal das três às nove e meia da noite em que eu não tinha internet, televisão e telefone. Eu sentia... o que vale é que ainda existe o rádio, mas eu... parece que me faltava... eu perdi as contas das vezes que fui à sala ver se o moldem tinha as luzes acesas. Acho que sim, neste momento... eu não sou uma pessoa viciada em televisão, mas sentia, parece que me faltava... neste momento para mim, acho que é essencial, sem a internet agente passa, mas sem a televisão... (Francisca, 65)

Eu, como vivo sozinha, eu chego à casa e acendo a televisão, posso não estar ao pé da televisão, mas ouço o barulho, ouço vida em casa. (Josefa, 68)

Eu sou uma pessoa que acorda muito cedo. Esta noite acordei eram cinco e meia da manhã. Chega uma altura em que eu sinto o meu cérebro de tal maneira... que eu fico logo com o radiozinho na cabeceira da cama. Até levantar às oito da manhã, eu tenho sempre o rádio ligado. (Francisca, 65)

Ficar sem o telemóvel e a internet era uma falta. (Josefa, 68)

Faria falta. Já temos os horários, hora para ir para a internet, ir para os jogos. (Manuela, 64)

Eu por exemplo, tenho os netos e acho que eles abusam. É horroroso, eles estão à mesa e eles sempre com as mensagens. Acho um horror! Tenho uma “razão” com o telemóvel nesse sentido. (Matilde, 67)

Os meus... é ainda só Nintendo, ainda não têm telemóveis, um tem oito o outro tem seis. (Josefa, 68)

**Qual a importância do telemóvel para as vossas relações sociais? Açam que aumenta a rede de amigos?**

Aumenta, porque eu com as minhas filhas, estou sempre em contacto com elas, mesmo que elas estejam fora de casa, estou sempre em contacto com elas através do telemóvel. Por que se não fosse o telemóvel, eu não poderia contactar com elas com tanta facilidade como faço com o telemóvel. Às vezes não temos nada importante para falar, mas a gente liga todos os dias. (Josefa, 68)

Facilita muito a comunicação, mesmo, qualquer coisa... (Manuela, 64)

Não ajuda a aumentar os amigos. Os amigos que temos e os que comunicamos é a mesma coisa. Através dos amigos do Facebook e essas coisas, sim. Às vezes as pessoas aceitam as amizades, entre aspas, porque não acredito que aquilo seja amizade, não é? É diferente. Mas com o telemóvel não. Acho que com o telemóvel comunicamos com os nossos amigos de sempre. Não alarga as redes sociais, mantém as de sempre. (Francisca, 65)

**Então vamos falar agora do computador. Quando aconteceu o primeiro contacto com o computador? Lembram-se como foi? Isso foi a quanto tempo?**

Talvez em 90 e tal, quando os computadores apareceram. Eu não adquiri um computador, mas trabalhava sempre no computador. Só depois de me reformar é que comprei um computador para mim. Fiz muitos cursos, muita formação, para usar os programas da empresa, não é? Depois que me reformei é que comecei a aprender para mim, outras matéria. (Manuela, 64)

Eu também. Na escola tive nos dois últimos anos, mas tive uma relação fraca com o computador, não precisava muito. Éramos duas pessoas e a mais jovem tinha formação para funcionar com o quadro eletrónico. Aqui (na universidade) é que comecei a aprender, meu marido teve mais cedo, curiosamente hoje já sei mais que ele. (Matilde, 67)

**E quando adquiriu um computador para a senhora?**

Já temos computador há algum tempo, não sei há quantos anos, sei lá, sete anos, não sei... mas ter contacto mesmo e saber... mais ou menos... foi aí há quatro anos para cá. Aí comecei a interessar-me. (Matilde, 67)

**O que impedia a senhora de interessar-se, mesmo tendo um computador em casa?**

Não sabia. Meu marido tinha correio eletrónico, eu tinha acesso a ele e mais nada. (Matilde, 67)

Nós, na Segurança Social começamos a trabalhar, não com computadores, mas com vídeos. Era lançar os salários, os salários dos beneficiários, víamos tudo em vídeo e nós utilizávamos os vídeos para tudo, fazíamos reformas, os salários médios para as reformas, o desemprego e essas coisas todas, estava tudo lançado em vídeo. Se acabasse a luz e não tivesse vídeo, não podíamos trabalhar. Os vídeos eram monitores com teclados. Isso foi em 81 ou em 88. Os computadores chegaram à Segurança Social pouco tempo antes de eu me reformar e eu não cheguei a ter computador, porque já estava de saída. No emprego nunca trabalhei com computadores. Começaram a

distribuir os computadores quando eu já tinha metido os papéis e como eu já ia sair, não chegaram a me dar um computador. (Josefa, 68)

**E quando adquiriu um para a senhora?**

Faz uns três ou quatro anos e tive ali a professora que me ensinou (aponta para a amiga) as bases todas e continua a ensinar-me. (Josefa, 68)

**E por que a senhora resolveu comprar um computador?**

Porque me sentia muito diminuída sem computador. Eu me sentia como se não soubesse ler, uma pessoa analfabeta! Enquanto não comprei não descansei. Tenho um portátil. (Josefa, 68)

O meu primeiro contacto também foi também com vídeos, mas eu peguei toda a implementação dos computadores no meu serviço. Eu trabalhava na contabilidade e passei por muitas fases, muitos programas. O primeiro foi do *Regisconta* e não deu em nada, tivemos *IBM* e depois tivemos outros, então tudo era feito informaticamente. Ainda mexi nos computadores no trabalho ainda uns bons anos. Eu sai em 2006, portanto, de 99 à 2006 passei por muitas fases, por muitas evoluções. (Francisca, 65)

**E quando adquiriu um para a senhora?**

Eu estava aqui a ver. Meu filho casou em 2003 e nós já tínhamos computador. Era o computador dele, tínhamos internet, depois ele casou, o computador ficou lá em casa, depois eu adquiri outro. Quando eu vim para cá para a universidade, há três anos, que eu ando a fazer informática, eu sabia, mas tudo que eu tenho aprendido aqui tem sido completamente diferente, tem sido tudo muito, muito... (Francisca, 65)

**E as senhoras, também? Por que decidiram fazer aulas de informática?**

Para adquirir conhecimento. (Manuela, 64)

Praticamente nós todas aqui começamos do zero. Eu não sabia criar uma pasta... (Francisca, 65)

**Antes de começarem a usar o computador e a internet, acham que estavam sendo de alguma forma deixados para trás, como a senhora disse? As outras concordam com isso?**

Meu marido tinha o dele, depois comprei um para mim. (Matilde, 67)

Tanto a decisão de comprar um computador, como de vir aqui para as aulas de informática é para ocupar os tempos livres. (Manuela, 64)

**Estar reformado significou mais tempo livre?**

Sim, é uma forma de lazer, nós trocamos mails. (Josefa, 68)

Sabemos quando elas estão acordadas (muitos risos). (Manuela, 64)

**Quem faz parte de alguma rede social? O que pensam sobre as redes sociais?**

(duas têm Facebook – Francisca e Josefa)

**Porque resolveram ter o Facebook?**

A decisão de criar uma conta no Facebook foi dela (aponta para a amiga). Ela tinha uma quinta e me dizia “tu tens que ter uma quinta!”, aí eu fui. Era tão giro! (Josefa, 68)

Agora já não ligamos à quinta. É mais os mails. (Francisca, 65)

Eu pensava que o Facebook era um conjunto de amigos que comunicavam entre si. (Matilde, 67)

Sim, as pessoas publicam lá as coisas, dá para conversar também, tem chat e como no Gmail. As pessoas publicam fotografias videozinhos, fazem comentários, mandam, às vezes, mensagens muito bonitas que gostamos muito de ler, que depois podemos partilhar com os amigos. (Francisca, 65)

Ah, é assim? (Matilde, 67)

**E as senhoras, tem algum motivo para não terem o Facebook?**

Eu nunca me entusiasmei. (Manuela, 64)

Eu já tenho lido tantas coisas sobre o Facebook, mas como não aprendi ainda aqui a defender-me... Já tive convites para pertencer a um grupo de amigos, mas nunca aceitei, nunca respondi precisamente porque não sei, é por desconhecimento, pois, deve-se saber minimamente. (Matilde, 67)

(Todas falam ao mesmo tempo)

**Receberam incentivo de alguém?**

Não. Eu tenho duas filhas, uma é toda cheia destas comunicações, do mais que há! E tenho outra que é do menos que há. Uma mesmo para o computador e é professora de biologia, mas não liga nenhuma e detesta é só mesmo quando precisa. A outra inventa... Eu, se aqui nos ensinarem, a nossa professora, a criar um Facebook e a criar as defesas, se me ensinarem. (Matilde, 67)

Meu neto de 11 anos tem Facebook, mas foi lá o pai que lhe arranjou tudo e lhe colocou todos os bloqueios. (Manuela, 64)

**Sobre isso também gostaria de perguntar, ou seja, o fato de saberem utilizar essas tecnologias, facilitou de alguma maneira o diálogo com outras pessoas, com os mais jovens, por exemplo?**

Os meus netos são muito pequeninos. (Manuela, 64)

Eu com o meu filho é através do telemóvel. (Francisca, 65)

Os meus netos nunca me mandaram, só fotografias. Com as minhas filhas eu também só mando fotografias. (Josefa, 68)

Não estou de acordo consigo. Essa é a minha opinião pessoal. Os filhos não têm paciência absolutamente nenhuma. É do género assim, se eu disser ao meu filho “como é isso aqui?” e se eu estiver com a caneta e o papel, ele passa-se logo dos carrilhos “lá estás tu, mãe!” Eu gosto muito, qualquer coisa que eu queira saber gosto de tomar nota. Eu tenho todas as aulas de informática anotadas numa [pastinha] do Word a professora está a fazer uma revisão e se me perguntar, eu tenho tudo numa [pastinha] do Word. Se eu precisar trocar os tinteiros da minha impressora eu tenho lá

tudo anotado, todos os [passozinhos], porque ao fim de vários meses eu já não me lembro, são coisa que eu não ocupo a minha mente. (Francisca, 65)

Eu não escrevo nada. Venho para as aulas de informática e não trago nada, só a *Pen*.

### **Acham que essas tecnologias contribuem para a sociedade?**

Acho que sim. Em cultura, nós sabemos tudo aquilo que nós quisermos através da internet. Desde a leitura dos jornais diários até se quisermos estudar um tema. (Josefa, 68)

### **O que fazem com o computador e a internet?**

Traduções para o curso de inglês. Procuramos fotografias para servem para as aulas de informática para fazermos filmes, textos para fazer apresentações. (Manuela, 64)

Fazemos pesquisas de qualquer coisa, preparamos viagens, já fiz reserva. (Matilde, 67)

Não compro nada na internet. (Josefa, 68)

Nunca fez reservas pela internet? (Manuela, 64)

Já fiz reservas. (Matilde, 67)

### **E o Skype, alguém usa?**

Eu não tenho. (Francisca, 65)

Eu tinha Skype, agora já não tenho, o computador foi arranjar e desinstalaram-no. (Manuela, 64)

Se procurarmos a receita de um bolo, de uma refeição, de uma coisa, tem lá tudo. (Josefa, 68)

Se quiser fazer um cartão de parabéns, os meus cartões de visita foram feitos por mim, calendários. (Manuela, 64)

### **O que pensam sobre o consumo relacionado às tecnologias?**



Isso é consumismo e é negativo por um lado, porque é um investimento muito grande e positivo será porque os telemóveis que saem têm novas funcionalidades, pois. Aqui só usamos as funcionalidades mais básica. (Manuela, 64)

E já chega. (Matilde, 67)

Embora não tenhamos dificuldade nenhuma, porque os telemóveis de quarta. (Manuela, 64)

Às vezes nem é consumismo. Dai há uns anos eu fui viajar para um outro continente e tinha um telemóvel que não dava para eu comunicar com o meu filho. Ai eu pensei assim “então eu lá para o Canadá e Estados Unidos, não, não”. Então ai, embora tivesse um telemóvel novo, investi num telemóvel que eu pudesse ligar para Portugal, para o meu filho. Mesmo com o telemóvel ainda a funcionar, acabei por comprar um, porque achei que era uma necessidade. (Francisca, 65)

**O que pensam sobre essa questão se compararmos com a época em que eram mais jovens e a realidade hoje?**

É totalmente diferente. Nós não tínhamos acesso para comprar tanta coisa como agora e até como criamos os nossos filhos. (Josefa, 68)

Eu não posso me pronunciar porque não tenho neto, não é? (Francisca, 65)

O seu filho tem quantos anos? (Matilde, 67)

38 (anos). (Francisca, 65)

As minhas têm 40 e 43, não é? Eu lembro de baixar as bainhas das saias e fazer coisas que agora ninguém faz. (Matilde, 67)

E porque eu não podia, eu criei o meu filho sozinha, a partir dos cinco anos, então foi criado dentro daquilo que eu lhe podia dar. (Francisca, 65)

Não havia comida feita, na nossa altura, nós é que fazíamos muitas coisas, por exemplo picar a carne e tudo, nós fomos habituados a uma maneira diferente. (Matilde, 67)

**Acham que os jovens de hoje sabem o que é viver em crise, se compararmos com a vossa juventude?**

Era completamente diferente. Tínhamos emprego fixo, agora não têm. (Manuela, 64)

Nós sabíamos que tirávamos um curso e arranjavamos um emprego para a vida toda. (Josefa, 68)

Nós casávamos e arrendávamos uma casa. Agora casam e... agora não, quando casam o que pensam logo? Comprar. E nós não. Nós casávamos e arrendávamos uma casa e podíamos não ter carro, hoje em dia toda a gente tem carro, percebe? É completamente diferente. Quando casávamos a lua de mel não era nas Caraíbas. Não havia crédito para pagar, normalmente comprávamos quando havia dinheiro. Éramos poupadas, primeiro tínhamos o dinheiro, depois comprávamos. Agora compra-se e depois logo se vê. (Matilde, 67)

Não esticávamos o passo, mas do que podíamos. Tem famílias com dois, três, quatro créditos. Uma coisa que eu nunca gostei em toda a minha vida foi o cartão de crédito, felizmente meu filho é da mesma opinião e o meu filho é igual, nunca gostamos de cartão de crédito. (Francisca, 65)

Lembro-me de quando fizemos a minha casa, compramos o terreno e oito pessoas fizeram a casa, o prédio e perguntaram se queríamos garagem e nós dissemos que não, para quê garagem se nós não tínhamos hipótese de comprar carro! (muitos risos) nem pensávamos naquilo. (Josefa, 68)

Quando comprávamos era em segunda mão. Normalmente era em segunda mão. (Matilde, 67)

Muito depois o meu marido juntou os dinheirinhos todos para comprar o primeiro carro. Lembro-me perfeitamente, foi quando saiu o Renault 5. Ele foi com o dinheiro na mão, não compramos carro enquanto ele não tinha ali os tostõezinhos todos e havia amigos que diziam assim “eh pá, tens que comprar o carro é às prestações se não o stand desliga-se logo do carro”, mas ele não quis. (Josefa, 68)

Antes era mais difícil. Por haver tanta facilidade, se calhar, nós estamos assim.  
(Francisca, 65)

**Acham que as tecnologias ajudam a economizar tempo ou gastam tempo? O que pensam sobre isso?**

Economizam tempo, mas criam desemprego. (Manuela, 64)

Com as tecnologias tudo é mais rápido. Por exemplo, as máquinas de lavar, é uma tecnologia. Eu quando casei não tinha máquina, a roupa lavava-se à mão, as fraldas dos miúdos, tudo. (Matilde, 67)

Eu casei e aluguei uma casa, porque a que tinha estava em construção, ainda faltava dois anos para acabar a casa. Então, para a casa quando casei não havia muita coisa, quando mudei para a casa nova já tive máquina de lavar. A surpresa do meu marido foi a televisão a preto e branco. (Josefa, 68)

**Acham que a crise modificou, de alguma forma, o modo como usam as tecnologias?**

Modificou porque eu não utilizava o telefone fixo e agora utilizo porque não se pagam as chamadas, tem os pacotes. Eu acho que não, acho que falam mais do que nunca.  
(Manuela, 64)

São as chamadas ilimitadas. (Francisca, 65)

Agora até utilizo mais, porque antes estava a contar os minutos e agora estão até meia hora, porque sabemos que não pagamos nada. (Matilde, 67)

Ao princípio, o nosso telefone, quando eu era miúda, era considerado um luxo. Portanto, eu, para fazer uma chamada, tinha que pedir autorização à minha mãe.  
(Matilde, 67)

Olha, eu não tinha telefone e num domingo meu filho ficou doente de tal maneira, eu não tinha ninguém dentro do prédio, eu vi meu filho com 40 graus de febre e eu disse assim “essa é a última semana que isso acontece” logo no outro dia a seguir fui aos

Correios e coloquei um telefone. Acha que era um luxo? Não, era uma necessidade. (Francisca, 65)

Mas nessa altura já tinhas idade. Eu estou a falar dos nossos, nossos treze anos. (Matilde, 67)

Na minha casa, só tive telefone depois de casada. Às vezes queria falar e ia à mercearia e aceitei namoro ao meu marido no telefone da mercearia (muitos risos). Hoje em dia não, é um, dois, três e acabou. Até terminam os namoros por mensagens, eu acho uma coisa horrível. (Josefa, 68)

### **Por que resolveram vir aqui para a Universidade?**

Para passar o tempo. (Josefa, 68)

Eu quando me reformei o meu marido já tinha me inscrito sem eu saber. Ele veio um ou dois anos antes. (Matilde, 67)

Eu criei o meu neto e a minha neta, eles estavam no infantário, não tinha assim nada de especial e eu vivia sozinha aí eu falei: “vou para a universidade”. (Josefa, 68)

Para mim foi um prolongamento porque assim, eu aposentei-me, mas eu gostava muito do que eu fazia, eu trabalhava todos os dias e era um prazer, não era um sacrifício e estava muito acostumada há mais de quarenta anos a sair de casa foi aí que eu pensei: “não, eu tinha que ocupar o meu tempo” e foi um dos principais motivos que me fez vir para aqui. (Francisca, 65)

Comigo aconteceu uma coisa muito engraçada, porque sou de Setúbal. Fiz aqui a primária e ao fim de 40 ou 50 anos encontrei aqui pessoas que fizeram a primária comigo. (Matilde, 67)

Aqui temos muitas colegas da Segurança Social. (Josefa, 68)

Aqui fiz muitas amizades, novas amizades. (Francisca, 65)

Da porta para dentro, aqui até há pessoas de todos os níveis e de todas as profissões, mas da porta para dentro é tudo igual. (Matilde, 67)

Colegas que foram as nossas chefes na Segurança Social e falamos com elas, são nossas colegas. (Josefa, 68)